

Devocão, Tradição e Cultura:
os festejos do Divino Espírito
Santo em Santa Cruz de
Goiás



Liberalina Teodoro de Rezende

UniEVANGÉLICA CENTRO UNIVERSITÁRIO DE ANÁPOLIS PRÓ-
REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, EXTENSÃO E AÇÃO
COMUNITÁRIA
MESTRADO EM SOCIEDADE, TECNOLOGIA E MEIO AMBIENTE.



**DEVOÇÃO, TRADIÇÃO E CULTURA:
Os Festejos do Divino Espírito Santo de Santa Cruz de Goiás**

LIBERALINA TEODORO DE REZENDE

ANÁPOLIS-GO
MARÇO/2015

LIBERALINA TEODORO DE REZENDE

**DEVOÇÃO, TRADIÇÃO E CULTURA:
Os Festejos do Divino Espírito Santo de Santa Cruz de Goiás**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente junto a UniEVANGÉLICA, Centro Universitário de Anápolis. Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Extensão e Ação Comunitária, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ciências Ambientais, sob orientação do Prof. Dr. Sandro Dutra e Silva.

Linha de pesquisa: Sociedade, Políticas Públicas e Meio Ambiente.

ANÁPOLIS-GO
MARÇO/2015

LIBERALINA TEODORO DE REZENDE

**DEVOÇÃO, TRADIÇÃO E CULTURA:
Os Festejos do Divino Espírito Santo de Santa Cruz de Goiás**

Dissertação de Mestrado intitulada “Devoção, Tradição e Cultura: os Festejos do Divino Espírito Santo de Santa Cruz de Goiás”, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente. UniEVANGÉLICA Centro Universitário de Anápolis. Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Extensão e Ação Comunitária, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências Ambientais.

Defendida em: _____

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. SANDRO DUTRA E SILVA
UniEVANGÉLICA/UEG (Orientador)

Prof.^a Dr.^a GIOVANA GALVÃO
TAVARES UniEVANGÉLICA (Avaliadora interna)

Prof.^a Dr.^a MARIA IDELMA VIEIRA
D’ABADIA UEG-GO (Avaliadora externa)

Prof.^a Dr.^a JOSANA DE CASTRO PEIXOTO
UniEVANGÉLICA (Avaliadora suplente)

R467

Rezende, Liberalina Teodoro de.

Devoção, tradição e cultura: os festejos do Divino Espírito Santo de Santa Cruz de Goiás / Liberalina Teodoro de Rezende – Anápolis: Centro Universitário de Anápolis – UniEvangélica, 2015. 142 p.; il.

Orientador: Prof. Dr. Sandro Dutra e Silva.

Dissertação (mestrado) – Programa de pós-graduação em Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente – Centro Universitário de Anápolis – UniEvangélica, 2015.

1. Devoção. 2. Patrimônio cultural 3. Tradição 4. Festas populares
I. Silva, Sandro Dutra e II. Título.

CDU 504

Catálogo na Fonte

Elaborado por Hellen Lisboa de Souza CRB1/1570

AGRADECIMENTOS

Obrigado Senhor porque és meu amigo, porque sempre Contigo, eu estou a falar. No perfume das flores, na harmonia das cores e no mar que murmura, o seu nome a cantar. Agradeço ainda, o porquê da alegria, e na dor de cada dia, posso te encontrar...

Eternamente grata a Deus por mais essa conquista, agradeço a todos que de forma direta ou indireta contribuíram para essa realização.

Ao meu Anjo da Guarda que tão zeloso nunca me deixou só, de modo a senti-lo sempre comigo em cada uma das pessoas que contribuíram para esse intento.

Muito grata a você Dr. Sandro Dutra e Silva, meu orientador, mas que isso, “meu amigo, “Benção de Deus em minha vida”. Obrigada por acreditar, motivar e orientar-me na realização dessa Dissertação. Ser humano admirável, leal e fiel sempre, rimos juntos, choramos juntos em Portugal. Um beijo de luz no seu coração. Sejas sempre feliz.

Às professoras: Maria Idelma e Giovana Galvão, pela importante participação na banca de qualificação deste trabalho, cujas reflexões teóricas compartilhadas foram fundamentais para a obtenção do resultado ora posto. Grata a todos os professores, secretárias e colegas, pelas horas de estudo, diálogos e brincadeiras durante as atividades do Mestrado em Sociedade Tecnologia e Meio Ambiente da UniEVANGÉLICA.

Agradecida pelas duas amigas/irmãs que conheci no Mestrado: Abadia Cunha e Silma Nascimento, valeu meninas pelo carinho com que cuidam de mim, guardarei a lembrança feliz de nossa viagem à Espanha na retina do tempo pela vida inteira.

À Minha “Mãezinha Querida” que nos seus 88 anos de vivencia de Luz entre nós, sempre clareou minha caminhada com seus exemplos, conselhos, com seu AMOR.

Às minhas filhotas: Claudia, Patrícia e Deborah, por sempre acreditarem em mim, por me motivar e tudo fazerem para que esse momento se tornasse realidade, obrigada. Riquezas de minha vida, amo vocês. Aos netos, só seis por enquanto: Jhordany e Mirela, princesas da vovó, Wilson Neto, Gabriel Henrique, Marcelo Filho e Matheus Henrique, os príncipes da minha história de vida, alegria do meu viver.

Aos santacruzanos, obrigada a todos que contribuíram na realização dessa pesquisa, aos donos da Pousada Colonial “Maria das Graça e Rafael”, local onde realizamos os Grupos focais. Os coordenadores da Folia do Divino, do Batuque, aos festeiros.

À todos que com carinho torceram por mim, oraram por mim, obrigado Senhor!!!

CANTO DE RETIRADA DA BANDEIRA

Deus te salve oh casa Santa,
Onde Deus fez sua morada.
Onde mora o Cálice bento,
E a hóstia consagrada.

Nessa hora consagrada,
Que os foliões aqui estão.
Abençoa nossa Bandeira,
E também os foliões.

Foliões aqui vieram,
Vieram pela devoção.
Pra pedir pro nosso padre,
Que nos dê a sua benção.

Pra pedir sua benção,
Foliões aqui chegaram.
Pra cumprir sua jornada,
Eles não podem ter atraso.

Foliões chegaram aqui,
Vieram cheios de alegria.
Pra pedir uma benção,
Pra nossa virgem Maria.

E agora o padre,
Vai nos dar sua benção.
Pra abençoar nossos festeiros,
E também nossos foliões.

(Domínio público)

RESUMO

Essa pesquisa teve como objetivo apresentar as heranças e origens da Festa do Divino Espírito Santo de Santa Cruz de Goiás e identificar a manutenção dessa tradição cultural pela comunidade local. Ainda, compreender os processos que fizeram com que seus festejos fossem adaptados às tradições locais, criando e recriando práticas que agregaram outros traços da cultura popular e católica, como por exemplo, a Cavalhada, o Batuque, a Contradança e a comensalidade na “Mesada do Divino”, como ponto principal de confraternização e união entre as famílias e os devotos. As categorias norteadoras são, devoção, patrimônio cultural e festas populares. A metodologia adotada fundamentou-se em análise bibliográfica e documental, e na coleta de dados por meio dos procedimentos metodológicos da observação participante, Grupos Focais, e o chamado “grupo focal itinerante”, com o propósito de estabelecer interpretações que permitissem lidar com a dimensão subjetiva do vivido, fornecendo subsídio para as análises propostas. O resultado da pesquisa procurou correlacionar os levantamentos bibliográficos com a apuração dos dados colhidos. Isso revelou que, embora essa festa tenha sua origem no período colonial brasileiro ela permanece até os dias atuais com algumas modificações e agregações, num processo de sustentabilidade cultural para as futuras gerações. A pesquisa caracterizou, ainda, as diferentes manifestações presentes nas festividades do Divino em Santa Cruz, que apesar de semelhanças com outros festejos em Goiás, apresenta característica *sui generis*.

Palavras chave: Devoção. Patrimônio cultural. Tradição. Festas populares.

ABSTRACT

The objective of this research is to present the heritage and origins of the *Festa do Divino Espírito Santo de Santa Cruz de Goiás* (Divino Espírito Santo de Santa Cruz Festival of Goiás) and identify the maintaining of this cultural tradition by the local community. Also comprehending the processes that brought about adaptations of the festivities to the local traditions, creating and recreating practices that add other features from popular culture and Catholicism, for example, from the *Cavallhada*, *Batuque*, to the *Contradança* and the commensality at the “*Mesada do Divino*” (Divino’s Table), as a central point for gathering and fellowship of families and the devout. The main categories are devotion, cultural heritage and popular festivals. The adopted methodology was based on bibliographical and documental analyses, and in the gathering of data by means of methodological procedures of participation observation, Focus Groups, and so called “shifting focus groups”, with the purpose of establishing interpretations that permit the dealing with the subjective dimension of that which has already been lived, offering subsidy for the proposed analyses. The results of the research searched to co-relate the bibliography with the verification of the data collected. This revealed that, although this festival has its origins in the Brazilian colonial period, it still remains till this day with some modifications and additions in a sustainable cultural process for future generations. The research also characterized the different manifestations present in the festivities of *Divino em Santa Cruz* that despite similarities with other festivals in Goiás, presents *sui generis* characteristics.

Key-words: Devotion. Cultural heritage. Tradition. Popular festivals.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURA

IBG	– Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPHAN	– Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico
PPSTMA	– Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente
UEG	– Universidade Estadual de Goiás
UNESC	– Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura
O	

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Mapa de localização atual de Santa Cruz de Goiás -----	19
Figura 02: Mapa de localização de Santa Cruz de Goiás no Século XVIII – Produção de Ouro -----	22
Figura 03: Chegada da Bandeira do Divino na zona rural -----	65
Figura 04: Os Tocadores da Folia do Divino: um elo forte entre a comunidade, a religiosidade e a conformação de sociabilidades -----	68
Figura 05: Participação dos jovens na folia do Divino, certeza de continuidade -----	73
Figura 06: Foliã Mirim, homenageia seu Mestre. Homenagens ao Sr. Iêdo Ranulfo Lobo, coordenador da Folia do Divino -----	75
Figura 07: Cortejo e chegada da imagem do Divino na Igreja. -----	79
Figura 08: Oração, louvor a agradecimentos pela mesa farta -----	81
Figura 09: A grande participação das mulheres na Folia do Divino -----	84
Figura 10: Banda Lira 8 de Dezembro -----	89
Figura 11: Cavaleiros “Velhos” da Contradança de Santa Cruz de Goiás -----	95
Figura 12: Evolução em círculo, um lindo momento da Contradança -----	96
Figura 13: Cavalheiros mouros e cristãos em combate -----	106
Figura 14: Cavalheiros mouros ajoelhados de frente ao padre, aguardando a encenação do batizado -----	114
Figura 15: Cavaleiros disputando o Tira Cabeças -----	116
Figura 16: A princesa “Angélica” aguarda no castelo acompanhada de cavalheiros mirins, enquanto estes estão em combate -----	119
Figura 17: O Coronel, momento de confraternização dos cavaleiros da cavalhada e seus familiares -----	121
Figura 18: Mascarados ou palhaços, como são conhecidos em Santa Cruz -----	123

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I - SANTA CRUZ DE GOIÁS UM PATRIMÔNIO CULTURAL DO PERÍODO COLONIAL	19
1.1 Patrimônio Cultural	24
1.2 Festas Religiosas e Populares como Patrimônio	29
1.3 Rompendo as Fronteiras Oceânicas Chegam ao Brasil as Festas do Divino Espírito Santo	37
1.4 Expande em Meio ao Cerrado Goiano o Culto ao Divino Espírito Santo	42
1.5 Festa do Divino Espírito Santo em Santa Cruz de Goiás e Suas Celebrações	45
CAPÍTULO II - OS FESTEJOS DO DIVINO ESPÍRITO SANTO EM SANTA CRUZ DE GOIÁS – Um Universo Rico de Manifestações Culturais	56
2.1 “Agora Ocês Vão Entrar, Tomar uma Água, um Vinho, por Favor, Entrem. É a Folia do Divino de Santa Cruz de Goiás”	62
<i>2.1.1 Os preparativos da festa</i>	63
<i>2.1.2 A chegada da bandeira do Divino</i>	64
<i>2.1.3 O papel dos tocadores da Folia</i>	67
<i>2.1.4 A integração dos jovens na Folia do Divino</i>	69
<i>2.1.5 Os devotos</i>	74
2.2 Programação Religiosa: visita do Divino Espírito Santo nas famílias	76
2.3 A Mesada do Divino – alimentos sagrados	80
2.4 A Participação Feminina na Festa do Divino Espírito Santo	83
2.5 A Banda Lira 8 de Dezembro nos Festejos do Divino Espírito Santo	88
2.6 A Contradança – uma tradição do povo santacruzano	90
2.7 O Batuque: manifestação cultural de Santa Cruz de Goiás	98
CAPÍTULO III - A CAVALHADA DE SANTA CRUZ DE GOIÁS: Tradição e Herança Colonial	104
3.1 As Cavalhadas no Brasil	104
3.2 As Cavalhadas em Goiás	108

3.3 Rompendo Fronteiras Milenares: cavaleiros medievais nos rituais da Cavalhada de Santa Cruz de Goiás -----	111
3.4 Princesa Angélica, Tradição na Cavalhada de Santa Cruz de Goiás -----	119
3.5 Os Festejos do Coronel -----	121
3.6 Os Mascarados ou Espiões Mouros e Cristãos -----	122
CONSIDERAÇÕES FINAIS -----	125
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS -----	128
APÊNDICES -----	134
Apêndice A: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido -----	135
Apêndice B: Consentimento da participação da pessoa como sujeito -----	137
Apêndice C: Roteiro de debate – grupo focal -----	138
Apêndice D: Termo de Consentimento para o uso da imagem da pessoa -----	139
ANEXO -----	140
Anexo A: Programação religiosa de 2014 - visita do Divino Espírito Santo nas famílias. Período: 23/05 a 02/06/2014 -----	141

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa tem como objeto de estudo as festividades do Divino Espírito Santo em Santa Cruz de Goiás. Essas festividades ocorrem desde o período colonial brasileiro, cujos registros apontam o início nas primeiras décadas do século XIX. É uma festa de caráter popular que vem rompendo as fronteiras milenares e conservam tanto a religiosidade nos festejos aos santos: missas, novenas e celebrações. Como as tradições que envolvem os festejos culturais e folclóricos: Folia do Divino, o Batuque, a Contradança e a Cavalhada, que fazem parte da programação da festa.

As potencialidades culturais de Santa Cruz de Goiás podem ser evidenciadas, por meio de um olhar sem muita pretensão, nas manifestações folclóricas de seu patrimônio cultural imaterial, na devoção de seu povo e nas tradições conservados ao longo dos tempos. Com uma rica manifestação cultural, constituída desde a origem desta localidade no século XVIII, expressa pela arquitetura de estilo colonial, e também pelas comidas típicas, suas festividades tradicionais e religiosas, pelo jeito de ser e de relacionar do povo.

Dessa forma, além da riqueza arquitetônica e dos traços de cultura e identidade do povo de Santa Cruz de Goiás, a localidade abriga rico acervo histórico de Goiás e de um período importante na historiografia brasileira, presente em seus arquivos. Em face desse fato é que propomos nesse trabalho apresentar suas potencialidades culturais, tendo como ênfase os atrativos do patrimônio imaterial presente em suas festividades religiosas e tradicionais, especialmente a Festa do Divino Espírito Santo.

A pesquisa vincula-se à linha de pesquisa: Sociedade, Políticas Públicas e Meio Ambiente que abrange a compreensão das dimensões sociais, políticas, econômicas e culturais e suas relações com a ocupação espacial, com a proteção de recursos naturais e biodiversidade, etnoconservação, legislação ambiental, história ambiental, sustentabilidade e governança democrática. Se relaciona com patrimônio cultural, festas populares, mas mesmo que a temática da proteção ambiental não se evidencia muito nitidamente, ela se faz presente na proteção do patrimônio cultural que são buscados e sua preservação evidencia o envolvimento dessa comunidade com a sustentabilidade de seu patrimônio cultural.

As potencialidades culturais de Santa Cruz de Goiás podem ser evidenciadas, por meio de um olhar sem muitas pretensões, nos vestígios de patrimônio cultural, herança do período histórico do Brasil colonial (1500-1822). Com uma rica manifestação cultural, constituída desde a origem desta localidade no século XVIII, expressa pela arquitetura de

estilo colonial, e também pelas comidas típicas, suas festividades tradicionais e religiosas, pelo jeito de ser e de relacionar do povo.

Dessa forma, além da riqueza arquitetônica e dos traços de cultura e identidade do povo de Santa Cruz de Goiás, a localidade abriga rico acervo histórico de Goiás e de um período importante na historiografia brasileira, presente em seus arquivos. Em face desse fato é que propomos nesse trabalho apresentar suas potencialidades culturais, tendo como ênfase os atrativos do patrimônio imaterial presente em suas festividades religiosas e tradicionais, especialmente a Festa do Divino Espírito Santo.

Conhecendo a região de Santa Cruz desde criança, sempre tive o intuito compreender melhor sobre a religiosidade popular e sobre suas manifestações folclóricas que são muito intensas, tem a participação de grande parte da população local e recebe a visita de inúmeras pessoas da região por ocasião desses festejos e apresentações. Desse modo, a Festa do Divino Espírito Santo de Santa Cruz de Goiás sempre nos instigou a realizar um estudo mais significativo e consistente.

No ano de 2012 o Jornal POPULAR realiza por meio da internet uma votação para a escolha das “7 maravilhas de Goiás”, com o intuito de chamar a atenção do povo goiano para seu patrimônio, para suas belezas por vezes esquecidas. Entre as sete eleitas consta Santa Cruz de Goiás pelo seu riquíssimo acervo cultural material, imaterial e natural, nos casarões coloniais, no acervo documentário, festas tradicionais, manifestações folclóricas, sítios arqueológicos, cachoeiras e outros mais.

Essa dissertação insere-se em uma temática multidisciplinar, envolvendo histórica, cultura, tradição, sustentabilidade, festividade, discussões ambientais, patrimoniais e outras. Propomos a realização desta pesquisa sobre os festejos do Divino Espírito Santo em Santa Cruz de Goiás, pela aproximação e a participação enquanto visitante do município no período desses festejos. Sendo esta festa a principal polarizadora que envolve outras práticas folclóricas e tradicionais a ela associadas, dentre elas a Cavallhada, a Contradança, a Folia do Divino, o Batuque e outros.

A cultura tradicional e suas manifestações culturais hoje, vem sendo estudadas com produções científicas que versam na área do patrimônio imaterial, particularmente na questão da religiosidade popular e do folclore. O meio acadêmico busca legitimar o que é verdadeiro na visão popular e descortinar novos horizontes para uma nova realidade de estudos nesta área.

A Festa do Divino Espírito Santo de Santa Cruz de Goiás, é uma festa com rituais religiosos e com uma gama bastante numerosas de atividades folclóricas que se misturaram

com as religiosas e hoje se fazem mescladas, de modo que, torna-se difícil muitas vezes, distingui-las e separá-las.

Mediante ao que foi colocado, o tema desse trabalho de dissertação em Mestrado Multidisciplinar em Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente, na linha de pesquisa Sociedade, Políticas Públicas e Meio Ambiente, são os festejos do Divino Espírito Santo e suas manifestações culturais. É uma temática multidisciplinar, inserida no contexto de patrimônio cultural e tradição, e reúne discussões históricas, patrimoniais, culturais, dentre outras, mas que tem como eixo estruturante festas populares, As discussões culturais e patrimoniais ampliam o horizonte investigativo do estudo.

Buscamos analisar esse objeto em Santa Cruz de Goiás, pois a viabilidade dessa pesquisa decorre do fato de que verificamos uma lacuna em relação a pesquisas sobre os festejos do Divino em Goiás. E particularmente em Santa Cruz esses festejos apresentam uma singularidade específica, tem uma visibilidade muito grande. Além de ter uma programação extremamente rica em eventos que ao longo dos tempos foram sendo agregados a esses festejos.

Santa Cruz de Goiás mantém as características de seu traçado original, na sua arquitetura setecentista, oferecendo aos turistas que a visitam, um encontro com a história colonial, uma viagem ao passado, por meio de seus casario ao estilo colonial, Igreja, cachoeiras, e festas religiosas e populares.

No aspecto religioso que tem o Espírito Santo como fonte, observa-se, de acordo com registros históricos que, a popularização destes festejos do Divino Espírito Santo que é um ritual católico se apropriou do profano, e as danças pagãs se tornaram sagradas e se agregaram de forma sincrética aos festejos e comemorações tornando-se manifestações culturais da festa.

Ao propor esse estudo sobre a festejos do Divino Espírito Santo de Santa Cruz de Goiás, buscamos analisar esse objeto por crer na viabilidade dessa pesquisa decorrente do fato de que esse município embora apresente a maior parte da população concentrada no meio rural que é ocupada pelo agronegócio e ter uma elevada concentração de pequenas propriedades rurais. Santa Cruz de Goiás é um dos maiores municípios do Estado em termos territoriais e merece um trabalho aprofundado no sentido de suas manifestações culturais, sendo um campo que tem tido pouca visibilidade acadêmica.

Partindo do que foi exposto, propomos esse estudo que se justifica pela necessidade de um análise mais criteriosa da Festa do Divino Espírito Santo, deste município, bem como das diversas manifestações culturais que são tradicionais para os santacruzanos.

Esse estudo pretende contribuir para o complemento dessa lacuna, e fornecer elementos para futuros estudos. Pelo fato da Festa do Divino de Santa Cruz, juntamente com as Cavalhadas serem consideradas por viajantes e pesquisadores regionais como sendo uma das mais antigas realizadas no Brasil, são festas tradicionais, e juntamente com esse folclore santacruzano do período colonial se fazem hoje enquanto patrimônio cultural, e nos apresenta como um riquíssimo objeto de estudo.

Nesse propósito, a pesquisa pretende responder aos seguintes questionamentos: Quais são as características dos festejos do Divino Espírito Santo de Santa Cruz de Goiás que apresentam semelhanças históricas com os demais festejos ocorridos no estado? Da mesma forma, o que torna esses festejos distintos, eventos únicos na tradição cultural em Goiás? Como a população local tem percebido as transformações e os significados desses festejos em Santa Cruz? Quais são as características dos elementos festivos que compõem a programação dos festejos do Divino em Santa Cruz (Folia do Divino, a Contradança, o Batuque e a Cavalhada)? Como a comunidade vivência essa tradição local na sua construção e reconstrução?

Como objetivo geral buscou: Estudar as características dos festejos do Divino Espírito Santo de Santa Cruz de Goiás, enquanto patrimônio cultural imaterial e caracterizar por meio da vivência anual as transformações e os significados desses festejos. Os objetivos específicos são os seguintes: Apresentar o histórico do município, conceituando Patrimônio Cultural de modo a permitir a interpretação do cotidiano e dos traços da cultura santacruzana; Caracterizar os festejos do Divino Espírito Santo de Santa Cruz de Goiás e suas semelhanças históricas com os demais festejos ocorridos no Estado; Identificar como a população local tem percebido as transformações e os significados desses festejos em Santa Cruz; Caracterizar os elementos festivos que compõem a programação dos festejos do Divino em Santa Cruz (Folia do Divino, a Contradança, o Batuque e a Cavalhada); Compreender como a comunidade vivência essa tradição local na sua construção e reconstrução.

A metodologia adotada para alcançar os objetivos propostos, insere-se no campo da historiografia da História Cultural, por enfatizar o estudo do campo cultural, observando os apontamentos de Burke (2005), que foca a necessidade de estudar e explorar os limites da mobilidade cultural. Burke pontua que esses limites, passíveis a modificações, podem em alguns momentos serem estabelecidos pelos fatores econômicos e políticos mas, também pelas tradições culturais. Com suporte nesses pressupostos da história Cultural focou o olhar sobre as práticas estabelecidas na Festa do Divino de Santa Cruz de Goiás, por meio de suas características culturais, imbricadas neste contexto de hábitos e costumes singularmente arraigados nesta comunidade.

Nessa proposta de investigação foram utilizados dois procedimentos metodológicos centrais para a realização da pesquisa, a saber: a Observação participante e o Grupo Focal. Desenvolvendo uma pesquisa exploratória, pelo fato de não existir grande conhecimento sistematizado sobre o problema.

Primeiramente realizamos a Observação Participante que buscou no período da preparação e da realização dos festejos por dois anos consecutivos (2013 e 2014), coletar dados e informações, sistematiza-los e analisá-los para construir conhecimento específico sobre a temática investigada. Desse modo, a realização de pesquisas com a metodologia da Observação Participativa, implica um tempo extenso de observação do objeto a ser pesquisado. A postura participante do pesquisador, para adquirir a credibilidade dos elementos que compõem esse objeto de pesquisa. O tempo também é outro fator elementar em pesquisas que envolvem a análise do comportamento individual e da ação dos elementos enquanto grupo. Assim foi necessário um longo período de observação.

Depois foram os grupos focais estruturados. Para tanto, realizamos reuniões em local específico, contando com um público diverso, que indicava um universo variado de representação nas festividades (foliões, gestores, coordenadores de atividades, clero, políticos, dentre outros). Essas reuniões ocorreram no período que antecedeu os festejos, nos meses de abril e maio. A técnica do Grupo Focal é de levantamento de dados, permite capturar expressões, linguagens e comentários diversos. Apresenta uma influência mútua entre os participantes, cada um se sente à vontade para falar ou comentar a fala do outro.

As características do Grupo Focal viabiliza a compreensão das diversas percepções do grupo. As atitudes das pessoas em determinados momentos, as participações culturais, seus anseios, medos, receios, são facilmente percebidos nesses momentos.

Por últimos, realizamos o Grupo Focal “Itinerante”, com o propósito de analisar de forma minuciosa cada evento. O Grupo Focal “Itinerante” é uma criação espontânea nossa. Foi realizado nos momentos dos ensaios para a realização dos diversos eventos que estão inseridos nos festejos do Divino, e nas realizações desses eventos folclóricos. Em determinados momentos, reuníamos com os participantes e realizávamos o Grupo Focal Itinerante, quase sempre em movimento. Nos momentos de atividades, em que os atores e os espectadores estavam envolvidos com os festejos, hora atarantados pela correria das organizações, hora somente assistindo as apresentações. Isso possibilitou-nos um acervo riquíssimo de informações.

Os Grupos Focais Itinerantes abriu um leque de possibilidades de coleta de dados para a nossa pesquisa. Nos colocamos como um dos integrantes desses festejos,

conversávamos, trabalhávamos e com o olhar investigativo íamos colhendo informações. Momentos riquíssimos de observação e análise de tudo à nossa volta. Foram realizados com os participantes da Folia do Divino, da Contradança, do Batuque, da Cavalhada, nos festejos do coronel, com os jovens, com as mulheres envolvidas nos preparativos da festa e com os participantes dos festejos. Esses grupos focais foram realizados no primeiro semestre de 2014.

As imagens que analisamos nessa pesquisa, são resultados dessa aproximação com os atores e participantes desses festejos. “Cada momento era um *Fleche*”, isso nos possibilitou analisarmos cada situação com mais calma, os trejeitos de cada um nas imagens, nesse linguajar que a iconografia permite ao pesquisador. Desse modo, propomos discutir as particularidades da Festa do Divino Espírito Santo de Santa Cruz de Goiás, que foi um dos principais centros urbanos desta província, primeiramente ocupada por muitos lusitanos no século XVIII. De posse dessas informações, propomos a realização dessa dissertação que garantirá a manutenção do conhecimento para as futuras gerações desse patrimônio cultural imaterial.

Considerando tais condicionantes a dissertação “Devoção, Tradição E Cultura: Os Festejos do Divino Espírito Santo de Santa Cruz de Goiás”, estrutura-se em quatro capítulos ordenados da seguinte forma:

Em primeiro lugar o capítulo “Santa Cruz de Goiás um Patrimônio Cultural do Período Colonial” utilizamos a pesquisa bibliográfica: livros, teses, dissertações e artigos científicos virtuais e impressos foi necessária uma pesquisa em fontes secundárias com dados bibliográficos e documentais que orientaram a compreensão teórica e a organização metodológica dos capítulos. Buscamos informações também pela observação participante e através os grupos focais com diferentes grupos envolvidos na organização e realização da Festa do Divino Espírito Santo de Santa Cruz de Goiás.

Essa fundamentação teórica contemplou a realização do histórico de Santa Cruz de Goiás, conceituando Patrimônio Cultural, festas populares, descrevemos os festejos do Divino Espírito Santo, iniciando com um análise desta festa no Brasil, depois em Goiás e por fim em Santa Cruz de Goiás que é nosso objeto de estudo. Sendo que, esse é um universo rico de manifestações culturais relacionadas à essa festa.

Para o segundo capítulo elegemos um estudo sobre “A Festa do Divino Espírito Santo em Santa Cruz de Goiás – um universo rico de manifestações culturais”, realizamos um apanhado dos vários momentos da Festa como: a Folia do Divino, no Brasil, em Goiás e de modo particular em Santa Cruz de Goiás, a Visita do Divino Espírito Santo nas Famílias através as Novenas, as Procissões e o Tríduo; O Batuque como uma manifestação cultural de

Santa Cruz de Goiás por se fazer de modo único dos demais Batuques realizado no Brasil, a Contradança de Santa Cruz, que é uma das mais tradicionais e que conserva as tradições seculares ainda abordamos de modo simplório sobre a Banda Lira 8 de Dezembro, a participação dos jovens e procuramos destacar a contribuição da mulher na organização e participação da festa e a realização da Mesada. Pontuando cada momento e ainda como estão inseridos no universo da Festa do Divino Espírito Santo.

No terceiro e último capítulo “A Cavalcada de Santa Cruz: Tradição e Herança Colonial” propõem uma análise da Cavalcada de Santa Cruz de Goiás, por ser o marco maior da festa do Divino Espírito Santo deste município e também por ser a mais antiga do Estado de Goiás. Fizemos uma introdução das cavalcadas no Brasil, em Goiás e finalmente discorremos sobre a Cavalcada de Santa Cruz, sua história onde ganha elementos diversificados das demais cavalcadas do Brasil.

Tendo no seu enredo teatral a figura da “Princesa Angélica”, que contracena no primeiro dia ao lado dos Cristãos e é raptada pelos mouros e no segundo dia é tomada pelo Rei Cristão seu pai que consegue no final a conversão dos mouros à religião católica. De modo rápido falamos da realização do “Coronel”, que é uma confraternização realizada ao longo da última semana de ensaio dos cavaleiros, que então se reúne com seus amigos e familiares, uma tradição mais recente.

Desse mesmo modo também focamos o papel dos meninos “Lanceiros” e a oportunidade destes se tornarem futuros cavaleiros numa possibilidade de manutenção dessa tradição”. Citamos a mais nova agregação à realização das cavalcadas de Santa Cruz de Goiás que é a participação da “Cavalcada da Fé”, realizada pelos cavaleiros da região. Foi realizado um estudo detalhado em que buscamos com muito critério e rigor analisar e interpretar os dados coletados, de modo a valorizar as percepções dos autores deste universo festivo de cunho religioso, confrontando os dados coletados com a problematização construída anteriormente.

CAPÍTULO I - SANTA CRUZ DE GOIÁS UM PATRIMÔNIO CULTURAL DO PERÍODO COLONIAL

O município de Santa Cruz de Goiás está localizado no Sudeste goiano, abrangendo uma área de 1.108.962 Km² (IBGE, 2010), equivalente a 0,050% da área do Estado de Goiás. Integra a microrregião de Pires do Rio e a mesorregião do Sul Goiano, conforme a atual divisão administrativa do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

A sede do município fica à margem da GO-020 (Rodovia JK), com amplo e fácil acesso à capital goiana (118 km), à Brasília (266 km) e a 120 km de Catalão, portal de saída para Minas Gerais e São Paulo. De acordo com dados do IBGE (2010), “a posse dessa área foi simbolizada por uma ‘Cruz’, com a inscrição ‘Viva el-Rei de Portugal’, justificando a denominação recebida: SANTA CRUZ”.

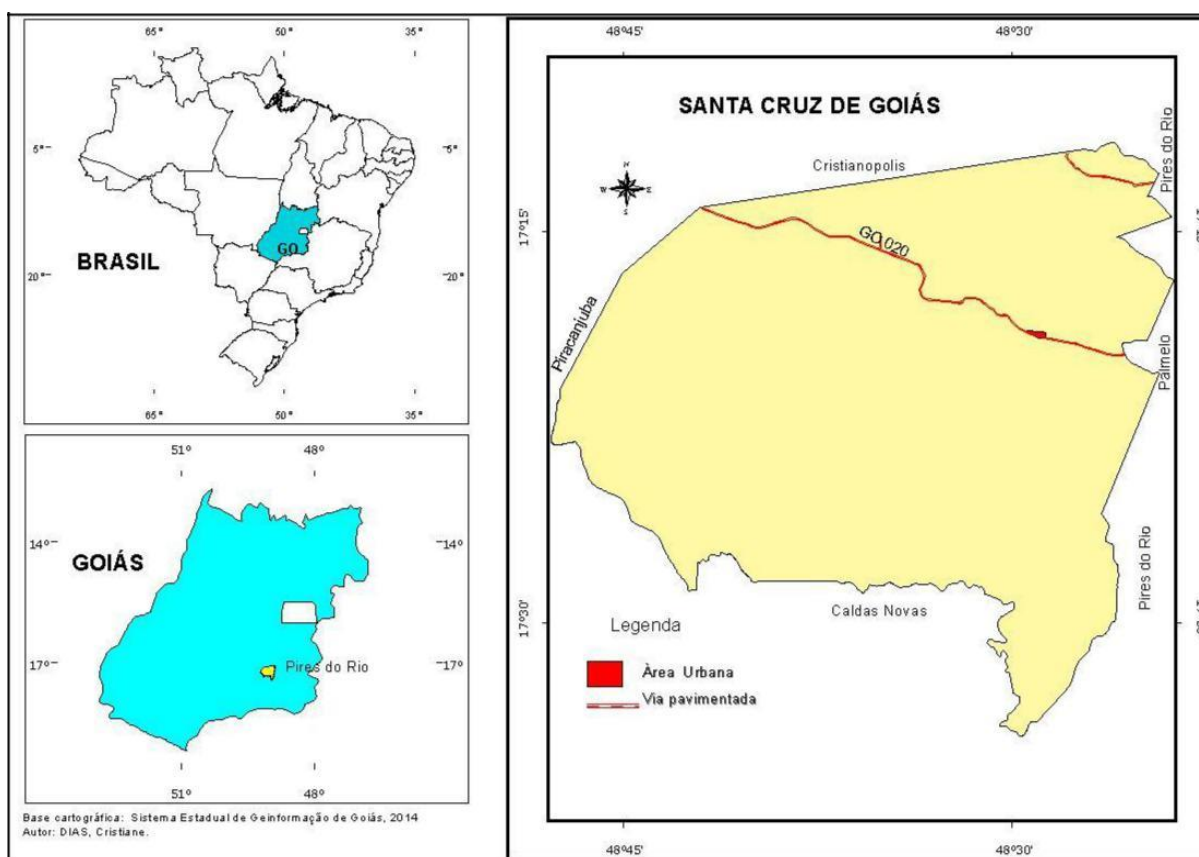


Figura 01 - Localização da cidade de Santa Cruz de Goiás (GO). Fonte: Secretaria de Estado de Planejamento e Desenvolvimento Econômico (SEPLAN/GO). Org.: Dias, 2015.

A fundação deste município tem sua origem nas fronteiras da mineração no Brasil Colonial, por Manuel Dias de Sá, sendo considerado um dos primeiros povoados do Estado de Goiás, FIGURA 01, situado na região do Brasil Central: “Isolado, no caminho de São Paulo, surge em 1729 o arraial de Santa Cruz” (PALACIN, 1995, p.27).

Inicialmente, a entrada dos bandeirantes em Goiás não tinha por objetivo povoar a região, mas visava abrir caminhos para a mineração e a captura de indígenas para servir como mão de obra escrava (PALACÍN, 1995). Aos poucos vão surgindo arraiais na província dos “goyases” e, nesse momento, tanto o ouro quanto os índios de Goiás atraíam os bandeirantes e os sertanistas, embora acreditassem que o sertão goiano fosse hostil e selvagem (CHAUL, 2000).

Deste modo, Pohl (1976) ao abordar a fundação de Santa Cruz em seu livro *Viajem no interior do Brasil* ressalta que:

O arraial Santa Cruz foi fundado, pouco depois do descobrimento da capitania de Goiás por Manuel Dias de Sá. O lugar fica numa bela região aurífera, mas está entre os menores arraiais e consiste em duas largas ruas. As casas, em geral, são separadas umas das outras. Há, aqui, duas igrejas. A igreja matriz é pequena e ameaça sua ruína; a outra, de Nossa Senhora do Rosário é maior. (POHL, 1976, p.238)

Fator marcante para o povoamento da região Centro-Oeste brasileira foi a mineração, uma vez que várias cidades foram edificadas neste contexto. “As primeiras habitações formaram-se junto à cruz, assinalando-se, com a construção da Igreja de Nossa Senhora da Conceição, o início da formação do arraial originada na mineração [...]” (IBGE, 2010). Não sendo diferente com a cidade de Santa Cruz de Goiás, pois, de acordo com antigos moradores, a primeira igreja foi instalada próxima do local onde, hoje, é o Museu de Cadeia. Fizeram parte deste cenário, aventureiros, índios, escravos e garimpeiros. Mais tarde, após a chegada dos trilhos da estrada de ferro, foram acrescentados por lavradores-agricultores e criadores de gado vindos para essas cercanias.

Santa Cruz teve significativo destaque no período minerário na Capitania de Goiás. Na sua trajetória política, consta que, em 23 de setembro de 1759, tornou-se Paróquia e por designação de Carta régia foi criado o Julgado de Santa Cruz, período em que já havia sido criada e desmembrada a Capitania de Goiás da Capitania de São Paulo (ALVES 1983). Fato ocorrido no Governo do Capitão-General Dom Francisco de Assis Mascarenhas. Na sua formação administrativa o Distrito foi criado com a denominação de Santa Cruz. Mais tarde, elevado à Vila com a mesma denominação de Santa Cruz, pela Resolução Provincial do Conselho do Governo (01-04-1833). E, finalmente, à condição de cidade com a denominação de Santa Cruz de Goiás, pela lei provincial nº 735, de 29-08-1884.

O Julgado de Santa Cruz compreendia enorme extensão de terras, que foram ao longo dos anos desanexadas, principalmente no final do século XIX e início do século XX, formando novas cidades, como: Catalão, Bonfim, que se subdivide dando origem a outros municípios e distritos, entre eles: Morrinhos, Piracanjuba, Corumbaíba, Caldas Novas. Além disso, contava com uma atividade econômica dinâmica:

[...] existia em 1832, no Julgado e paróquia de Santa Cruz: 816 roças, 19 engenhos de açúcar, 387 tecelagens, 15 oleiros, 22 fabricantes de telhas, 22 alfaiates, 24 sapateiros, 22 carpinteiros, 2 marceneiros, 2 pedreiros, 16 serralheiros, 8 ourives, 12 lojas e 31 cabarés. Existiam, ainda, 387 teares particulares, de madeira em bruto, e nesses fabricava-se o pano de algodão grosso com que vestiam os escravos. Nesses mesmos teares fabricavam-se panos finos de algodão, cobertas de cama entretecidas de lã, não havendo conhecimento de tintas senão o anil. (ALVES, 1983, p.14).

Vê-se que era vasto movimento para esse período colonial, tanto que, Santa Cruz foi considerada uma região próspera da Capitania de Goiás. Sua representação econômica era muito significativa; no entanto, seu território extenso era o diferencial para seu destaque nessa época. Ressaltando-se que, seus limites iam para além dos que hoje demarcam os do Estado de Goiás com Minas Gerais.

Como pode-se observar na Figura 2, o Julgado de Santa Cruz situava-se num ponto estratégico, mais ao Sul de Goiás, quase nas Minas Gerais, o que favorecia muito a entrada e a saída de mercadorias vindas e levadas para o sudeste brasileiro. Nele havia duas importantes casas de fundição neste período, o que justificava a intensa movimentação aurífera e comercial nas minas de Santa Cruz.

Até o final do século XIX e início do XX, destacou-se na dinâmica da produção e na distribuição para o abastecimento familiar e para um mercado que extrapolava as fronteiras da Província goiana (PARAGUASSÚ e CURADO, 2014). Segundo estes autores, sua localização estratégica é que permitiu a intensa distribuição e escoação de produtos, dando-lhe enorme representação econômica como uma rota comercial.

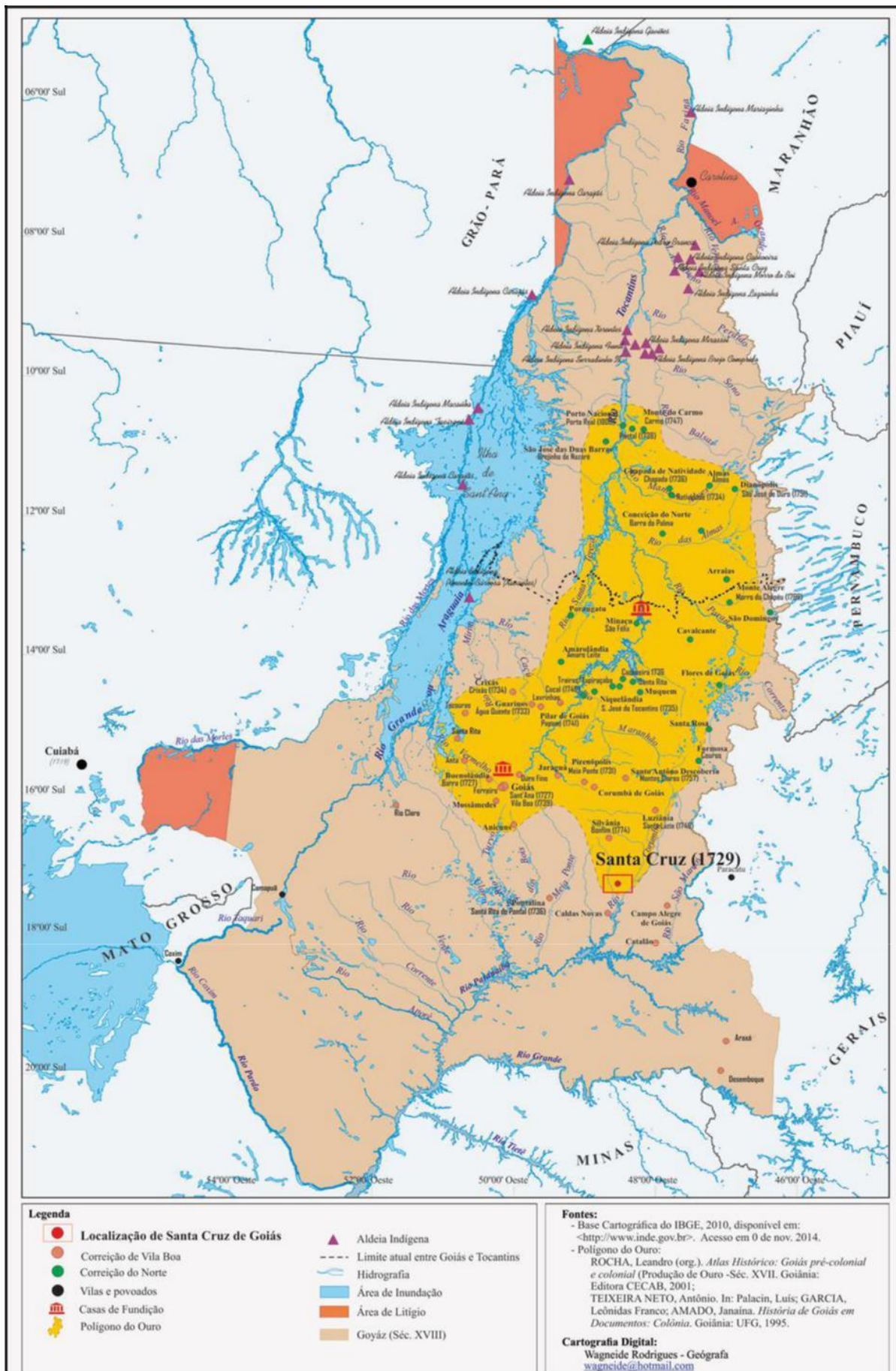


Figura 02: Mapa de localização de Santa Cruz de Goiás no Século XVIII – Produção de Ouro.

Entretanto, a representatividade comercial e a localização estratégica do município neste período aurífero vai aos poucos sendo ameaçada. Posto que, consoante relato feito pelo viajante austríaco Johann Emmanuel Pohl na sua passagem por Goiás, no início do século XIX, o Julgado de Santa Cruz já vivia situação diferente.

A povoação já estava em plena decadência, primeiro porque diminuiu o rendimento das lavras de ouro, e, depois, porque há alguns anos foi aberta uma nova estrada de Porto Corumbá para Bonfim e atraiu todas as tropas de burros que viajam de São Paulo para Goiás, paralisando todo o comércio e atividades em Santa Cruz. (POHL, 1976, p.239).

As condições das minas eram graves, haja vista o curto período de grande produtividade de ouro (1751 a 1778). Após essa época, houve o declínio na produção aurífera, devido ao esgotamento das minas existentes, à deficiência das tecnologias empregadas na captação do ouro e aos poucos investimentos da coroa em prol da descoberta de outros veios auríferos, incorrendo em um processo transitório da economia. No primeiro momento, da motivada extração do ouro passa “[...] para uma economia de subsistência (agricultura e pecuária extensiva), na qual o escravo de origem africana foi também o grande produtor de riquezas” (PAULA, 2010, p.86).

Foi um período de grandes dificuldades para Goiás com a decadência do ouro, como afirma Chaul (1997):

[...] o declínio da mineração em Goiás, estão, as técnicas rudimentares de extração e exploração das jazidas, a falta de braços fortes para uma exploração mais intensa das minas, a carência de capitães e uma administração preocupada apenas com o rendimento do quinto. (CHAUL, 1997, p.29).

Essas dificuldades enfrentadas pela província goiana refletiram em seus arraiais de modo muito ostensivo. O arraial de Santa Cruz as vivenciou, passando por um processo rudimentar de ruralização pautado na agricultura de subsistência e criação extensiva de gado bovino. Um cenário de precariedades (McCREERY, 2006), em que faltava de tudo. Um sertão atrasado, de homens simples, hostis, sertanejos perdidos no tempo; segundo Bertran, “[...] um cenário composto por gado, poeira e miséria.” (1978, p.68).

Passaram o tempo e a abundância do período aurífero no arraial de Santa Cruz, tendo suas condições econômicas agravadas com a nova rota criada para Bonfim, hoje Silvânia. Motivo para as pessoas se transferirem para outras regiões, embora os que permaneceram na região se adaptaram, buscando outros modos de sobrevivência.

Com a queda na produção das jazidas de ouro em Goiás, iniciou-se um período de isolamento. Porém, diferentemente de vários outros arraiais que desapareceram, Santa Cruz enfrentou as diversidades e buscou a saída na agropecuária. Atualmente, Santa Cruz esforça-se na busca alternativas para enfrentar as adversidades. Tanto que, conserva um processo de criar e recriar suas festividades e comemorações em louvores aos seus santos como possibilidade para amenizar os momentos difíceis.

No bailar dos séculos, são várias as manifestações culturais que mantidas até a atualidade. Observamos vasto patrimônio material nos diversos casarões de estilo colonial e no vastíssimo acervo documental arquivado no Museu Casa de Câmara de Santa Cruz. Assim como, no âmbito do patrimônio imaterial podem ser elencados diversos festejos religiosos e folclóricos. No entanto, o objeto de pesquisa desta dissertação é a festa do Divino Espírito Santo de Santa Cruz de Goiás, ou seja, trata-se de uma pesquisa sobre patrimônio cultural imaterial.

Diante do exposto, é preciso considerar que, agregados a essa festa existem inúmeros momentos folclórico-religiosos de heranças coloniais, como: a Folia do Divino, O Batuque, A Contradança, a Cavalhada e outros. Os santacruzanos celebram também São Sebastião e Nossa Senhora da Conceição, que é a padroeira da cidade, bem como têm ainda os festejos juninos, cujo Santo Antônio é comemorado no distrito de São Sebastião do Rio do Peixe. Ressaltando-se a existência de outras manifestações culturais, que acontecem ao longo do ano.

1.1 Patrimônio Cultural

Nos últimos tempos, Patrimônio Cultural tem se configurado como uma nova mercadoria turística, possibilitando recuperação e restauração de muitos centros históricos urbanos, que, por décadas, se achavam esquecidos do poder público ou privado. Agora estão sendo reincorporados às novas possibilidades econômicas locais e globais ofertadas como inúmeros atrativos turísticos.

Deste modo, o patrimônio cultural existente numa determinada comunidade, se devidamente estudado, tende a facilitar sua identificação e a auxiliar na valoração dos diversos grupos étnico-culturais, que contribuíram para a construção desta sociedade.

Somente através da expressão do ato de saber ser e do saber fazer local, que o povo se reconhece integrante de uma cultura, que é patrimônio local, regional e quiçá nacional. Tanto o patrimônio material quanto o imaterial se apresentam como expressão significativa de uma comunidade e permanece enraizado na sua memória. Para Dias (2006):

O patrimônio cultural é considerado, atualmente, um conjunto de bens materiais e não materiais, que foram legados pelos nossos antepassados e que, em uma perspectiva de sustentabilidade, deverão ser transmitidos aos nossos descendentes, acrescidos de novos conteúdos e de novos significados, os quais, provavelmente, deverão sofrer novas interpretações de acordo com novas realidades socioculturais. (DIAS, 2006, p.67).

Consideramos como patrimônio cultural os diversos elementos que dão significância à memória social, englobando o ambiente, os saberes aprendidos pela vivência do homem em seu meio e os bens culturais por ele produzidos e que são resultados da capacidade de transformar para sua sobrevivência.

O patrimônio se consolida por meio das relações sociais, das manifestações do pensamento coletivo, seus saberes, suas atividades artísticas, culturais, nos valores cultuados nas cerimônias e tradições construídas por gerações (PELEGRINE, 2006). Desta forma, o patrimônio se expressa na cultura material e imaterial, considerando o estilo das construções de suas moradias, a confecção de seus alimentos, a maneira como se comunicam, como rezam, festejam seus fazeres e seus saberes.

Fundamentando-se nos princípios constitucionais brasileiros (Artigos 215 e 216), o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN amplia a concepção de patrimônio cultural, reconhecendo a existência de bens materiais e imateriais da cultura, assim como estabelece outras formas de preservação, registros e inventários. A política de tombamento foi instituída no Brasil pelo Decreto Lei nº. 25 em 30 de novembro de 1937 e contempla, principalmente, a proteção de paisagens, edificações e conjuntos históricos urbanos. (BRAYNER, 2007).

Para Pelegrini (2006), o patrimônio cultural se constitui na dialética do homem com seu meio, da comunidade com seu território. Embora para muitos ele se constitua de objetos do passado reconhecidos de modo oficial, também é constituído por bens simbólicos, que reportam o indivíduo ao seu passado, a tudo que lhe é atribuído enquanto legado de sua cultura (material ou imaterial).

Patrimônio cultural se faz por uma construção social e cultural, pela concretude de vivência de uma comunidade, de um povo, de uma nação. Uma legitimação simbólica social e cultural que confere aos objetos um valor sentimental coletivo de identidade. Uma

representação simbólica, cujos símbolos são reconhecidos como transmissores de cultura e mantenedores da conexão do homem com um passado mediado pelas necessidades do presente. (DIAS, 2006).

Hoje, a patrimonialização é um recurso recorrente e possibilitador da conservação do patrimônio cultural, que se faz de símbolos e signos, sejam naturais, materiais ou imateriais e que sejam aparentemente banais, sítios históricos, cidades, festejos populares e religiosos, paisagens naturais, ritmos, crenças, modo de fazer, um prato típico, artesanatos e outros modos. Tudo o que pode se caracterizar como um guardador de memórias (JEUDY, 2005). Assim, podemos considerar o patrimônio cultural como:

[...] os elementos significativos da memória de uma sociedade que reúne os elementos do meio ambiente, o saber das pessoas no seu percurso histórico e na construção de sua cultura, enquanto produto concreto do indivíduo, resultados da sua sobrevivência no meio ambiente. O patrimônio se consolida por meio das relações sociais, das manifestações do pensamento coletivo, seus saberes, suas atividades artísticas, culturais, nos valores cultuados nas cerimônias e tradições construídas por gerações. (PELEGRINE, In. REZENDE, SILVA E TAVARES, In. SANTOS, SERRA, SANTOS e ÁGUA 2013, p.238).

O patrimônio não representa apenas os objetos do passado oficialmente considerados, diz respeito a tudo que envolve o homem ao seu passado, o seu legado material e imaterial (DIAS, 2006). Sendo que, é pelo fortalecimento identitário da cultura de um povo, que o patrimônio é constituído. *A priori*, segundo Tomaz (2010, p.7):

[...] o termo patrimônio histórico, cujo conceito focava o monumento, a materialidade, aos poucos vem sendo substituído por um termo mais amplo, mais abrangente, o chamado patrimônio cultural, entendido como o conjunto dos bens culturais, referente às identidades coletivas. Essa nova forma de abordar o assunto enriqueceu a noção de patrimônio, englobando sob a mesma perspectiva as múltiplas paisagens, arquiteturas, tradições, particularidades gastronômicas, expressões de arte, documentos e sítios arqueológicos, os quais passaram, a partir daí, a ser valorizados pelas comunidades e organismos governamentais nas esferas local, estadual, nacional e até mesmo internacional.

No final do século XX, percebe-se uma análise e valorização do que já era registrado na Constituição Federal de 1988, conforme dispõe o seu Artigo 216:

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: as formas de expressão; os modos de criar, fazer e viver; as criações científicas, artísticas e tecnológicas; as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. (CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988).

O patrimônio cultural pode ser identificado como manifestação do “capital cultural” socialmente reproduzido por meio de um processo, que recria de modo permanente numa interação com o meio que lhe é peculiar (BOURDIEU, 2001), num fazer histórico relacionado à natureza e à cultura, formando desse modo, sentimentos de identificação que se faz por uma construção material e imaterial. Para Pelegrini, citada por Rezende, Silva e Tavares. (2013, p.238):

O patrimônio cultural se constitui na dialética do homem com seu meio, da comunidade com seu território. Embora para muitos ele se constitua de objetos do passado que são reconhecidos de modo oficial, é constituído por bens simbólicos que reporta o indivíduo ao seu passado, a tudo que lhe é atribuído enquanto legado de sua cultura (material ou imaterial).

Conceito que pode ser ampliado com Neves (2003, p.49) ao afirmar que, “patrimônio cultural é um conjunto de bens materiais e imateriais representativos da cultura de um grupo ou de uma sociedade”. Assim como com Martins (2003), que se refere a patrimônio cultural como sendo uma atividade envolvente de diversos ângulos de uma sociedade: “[...] a ideia de patrimônio cultural abarca todos os aspectos da atividade humana e conduz a uma revalorização do natural e do meio ambiente como algo relacionado com o homem e manipulado por ele” (MARTINS, 2003, p.45).

Ressalte-se que, a composição do patrimônio cultural é bastante ampla, consoante Dias (2006):

O patrimônio cultural é composto por elementos tangíveis e intangíveis – tradições, literatura, língua, artesanato, dança, gastronomia, vestimenta, manifestações religiosas, objetos e materiais históricos, arquitetura, etc. – tanto do passado quanto do presente, os quais, no seu conjunto, caracterizam um agrupamento social, um povo, uma cultura. (DIAS, 2006, p.67-68)

Barreto (2000) também conjuga dessa concepção, de que o conceito de patrimônio cultural nos últimos tempos tem sido ampliado de forma consensual, deixando de abarcar tão somente as manifestações artísticas, incluindo os bens tangíveis e intangíveis. Deste modo, patrimônio cultural envolve todo fazer humano, seja do rico ou do pobre, em que cada lugar e cada povo tem seus valores culturais.

Na sua origem latina, patrimônio estava relacionado aos bens de família. Segundo Gonçalves (2005, p.31), “[...] o patrimônio rematerializa a noção de cultura que foi condicionada, no século XX, a noções mais abstratas como estrutura, estrutura social, sistema simbólico”. Tanto a espacialidade quanto os objetos são substratos de nosso universo simbólico, que, por sua vez, é o produtor de cultura e seu sustentáculo.

Interpretado como tão somente a expressão da sociedade, o patrimônio cultural é a sociedade em movimento contínuo, evidenciando as ações humanas, ressalta as vias de acesso do material ao simbólico, na relação do sujeito com o seu meio de forma prática e simbólica, tornando-se assim um fato social. Deste modo, tem suscitado muitas discordâncias entre os especialistas das diversas áreas, haja vista o desafio para os homens em identificá-lo para protegê-lo.

O patrimônio cultural de natureza imaterial implica os bens reveladores das práticas de domínio social, que se manifestam em saberes, modo de fazer, celebrações, ofícios, formas de expressões cênicas, plásticas, músicas ou lúdicas, nos lugares onde os indivíduos abrigam práticas coletivas de cultura (feiras, mercados e santuários). Lembrando que, é repassado de geração para geração, num processo de recriação permanente em função de seu próprio ambiente de fazer histórico nessa relação com a natureza, na formação de sentimentos identitários.

A Unesco (1972) reconhece que, tanto as práticas quanto as representações são patrimônio imaterial de um povo.

Expressões, conhecimentos e técnicas – como instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos os indivíduos, reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. (UNESCO, 1972).

Posicionamento ratificado pelo Brasil em março de 2006 para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial. Nesse sentido, a reflexão a respeito de patrimônio imaterial no Brasil, é redimensionada com a criação do Decreto nº 3.551/2000 e Legislação Complementar, o que possibilitou a revalorização das pesquisas sobre as festas populares, então consideradas como expressões de múltiplas simbologias e responsáveis pela construção de tradições e identidades coletivas.

A História Cultural possibilita analisar o patrimônio cultural material como:

É composto por um conjunto de bens culturais classificados segundo sua natureza nos quatro Livros do Tombo: arqueológico, paisagístico e etnográfico; histórico; belas artes; e das artes aplicadas. Eles estão divididos em bens imóveis como os núcleos urbanos, sítios arqueológicos e paisagísticos e bens individuais; e móveis como coleções arqueológicas, acervos museológicos, documentais, bibliográficos, arquivísticos, videográficos, fotográficos e cinematográficos. (IPHAN).

Mediante Pelegrini (2006, p.78), a constituição do patrimônio cultural se faz dos “[...] bens móveis ou imóveis e de representações assentadas em conceitos históricos, etnográficos, paisagísticos ou ambientais, que de algum modo corroboraram para a

formação das identidades de etnias ou grupos sociais”. São os bens caracterizados pela união de dados cognitivos, afetivos e estilísticos, que identificam as comunidades.

Essa discussão quanto a patrimônio cultural se fez necessária para a compreensão dos dados sobre a Festa do Divino Espírito Santo de Santa Cruz de Goiás, enquanto um patrimônio imaterial presente na história do povo santacruzanos, desde os idos de 1816, e é nosso objeto de pesquisa.

1.2 Festas Religiosas e Populares como Patrimônio

No sentido coletivo, as festas se relacionam com as pessoas e os lugares onde elas ocorrem. Ligam-se também aos seus autores, idealizadores e organizadores; de modo geral, relacionam-se com o povo, inscrevem-se numa dinâmica social momentânea, de modo que “está sobre a vontade de certos atores sociais: padres, festeiros, organizadores, poder público”. (D’ABADIA, 2014, p.44).

As festas vêm sendo celebradas ao longo da história dos homens. Vai além do calendário e da rotina das pessoas. É uma oportunidade das pessoas se extravasarem na sua criatividade, em que ricos e pobres se misturam e se colocam como atores no palco das celebrações festivas. Conforme visualizadas por Mary Del Priore (2000):

Expressão teatral de uma organização social, a festa é também fato político, religioso ou simbólico. Os jogos, as danças e as músicas que as recheiam não só significam descanso, prazeres e alegria durante sua realização; eles têm simultaneamente importante função social: permitem às crianças, aos jovens e aos espectadores e atores da festa introjetar valores e normas da vida coletiva, partilhar sentimentos coletivos e conhecimentos comunitários. Servem ainda de incentivo à violência contida e às paixões, enquanto queimam o excesso de energia das comunidades. A alegria da festa ajuda as pessoas a suportarem o trabalho, o perigo e à exploração, mas reafirma, igualmente, laços de solidariedade ou permite aos indivíduos marcar suas especificidades e diferenças. (DEL PRIORE, 2000, p.10).

As festas não são somente um momento de descanso, mas também momentos de aprendizado, lazer e fortalecimento dos laços sociais e afetivos (D’ABADIA, 2014). Nas intervenções para perceber as suas manifestações, sua organização, os gestos, os entretenimentos folclóricos, danças, rezas, cantigas e louvores, é possível entender as festas populares como momentos de encontro com a divindade através dos santos aclamados e como reencontro com familiares e amigos. Uma oportunidade de primeira ordem para

compreender a natureza social de uma festa. Neste sentido, Guarinello citado por D'Abadia diz que:

[...] as festas fazem parte do dia-a-dia das pessoas e que estão integradas a elas e são formas de ação coletivas que implicam: uma estrutura social de produção; ou seja, as festas são planejadas, preparadas, não acontecem aleatoriamente, há um profundo envolvimento de várias pessoas no seu preparo; envolvem a participação concreta de um determinado coletivo (a sociedade, os grupos dentro da festa, a estrutura dos participantes enquanto produção e consumo da festa); aparecem como uma interrupção do tempo social, uma suspensão temporária das atividades diárias. (D'ABADIA, 2014, p.53).

A festa articula-se em torno de um objetivo primeiro e para atingi-lo as pessoas se agregam. Coletivamente produzem suas culturas e cultivam suas tradições, que hora aqui ou hora ali recebem novos elementos, que vão se anexando e recriando a própria festa, transformando-a uma produção social. Ela gera os produtos materiais, comunicativos ou significativos para os festantes.

De acordo com Di Méo, citado por D'Abadia (2014), as festas de padroeiros constam hoje do calendário católico, sendo absorvidas pelos ritos cristãos:

Elas privilegiam, com efeito, uma comunidade localizada de longa data sob o patronato e sob a proteção de um santo. Isto vale para a tradição dos países cristãos que cortam as velhas malhas paroquiais, [...]. Elas legitimam sua apropriação coletiva. [...] as festas de padroeiros dissimulam essas tensões internas. Elas segregam (no seu particularismo) um cimento do interior com o objetivo de consolidar a unidade social [...]. (D'ABADIA, 2014, p.45).

Desde os primeiros anos da colonização do Brasil, as festas estão presentes e sempre relacionadas à Igreja Católica, porque os portugueses tinham por costume a prática de festividades ligadas ao catolicismo. Haja vista que, nas embarcações marítimas do século XVI aconteciam realizações festivas, como: o teatro de romarias, o teatro da Semana Santa, a Paixão e a Ressurreição do Cristo e a festa de Nossa Senhora. De acordo com D'Abadia (2014),

É preciso considerar, a partir da festa de padroeiro, que o sentimento de pertença territorial decorre de outro sentimento, aquele da identidade religiosa, em que a prática do ato de devotar ao santo é geralmente realizada em uma celebração festiva, em um espaço de festa demarcado por todos os símbolos inerentes a tal prática. (D'ABADIA, 2014, p.53).

De modo que, “a festa torna-se um elemento básico na constituição do povo brasileiro, sua formação, o sentido da brasilidade, não apenas como busca do prazer, mas como meio de extravasar sentimentos e anseios ou inquietações de ordem social e ou

política.” (D’ABADIA, 2014, p.51). O sentido da festa pode ainda ser o de aprendizagem e oportunidade de elaboração de mudanças e transformações em meio aos preparativos e vivência dos festejos.

De origem europeia e datada do período medievo, a Festa do Divino Espírito Santo é considerada uma das realizações festiva mais antiga do povo brasileiro. Sua celebração inicia-se a cinquenta dias após o domingo de Páscoa. É considerada uma festa móvel, de acordo com o calendário católico, sendo uma homenagem à descida do Divino Espírito Santo sobre os doze apóstolos de Jesus.

Vale destacar que, tendo origem bem remota e ligada aos cultos pagãos dos cananeus em reverência à terra e à colheita dos alimentos (cereais), passa a ter referência às celebrações israelitas ao Pentecostes. Consoante o Novo Testamento da Bíblia e ao calendário cristão, refere-se à descida do Espírito Santo sobre a Virgem Maria e os discípulos do Cristo. Para Marques (2000), fato que marca a expansão da Igreja pelo mundo.

Os festejos do Divino para as historiadoras Deus e Silva, “[...] foram de propósito comemoradas em maio para se evitar o paganismo das ‘Maias’, cantadas e dançadas pelas ruas.” (2002, p.13). À medida que a Igreja se fortalece (século IV), essas festas vão tomando dimensões diferentes de região para região, transformando-se em celebrações festivas cristãs como homenagem aos santos católicos.

Mais tarde, sob as fronteiras das mudanças, a festa de Pentecostes dá lugar às manifestações das comunidades antigas de regozijo e de alegria, por volta das visitas dos camponeses aos centros urbanos em procissões conduzidos pelos cantos e danças. Nessas ocasiões reuniam-se nas cidades para as celebrações do dia de Pentecostes, caracterizando-se como uma festa cristã comunitária, numa interação e consumação do compromisso na missão da união em torno da mensagem do Cristo (MARQUES, 2000).

De modo geral, as festas têm como características básicas: a superação das distâncias entre os indivíduos, a produção de um estado de efervescência e a transgressão das normas coletivas. Elas também evidenciam o conflito entre as exigências da vida séria e de natureza humana. As festas e as religiões refazem e fortificam o espírito cansado pelas angústias do cotidiano. Nelas, os indivíduos estão mais livres em suas imaginações e possuem uma vida menos tensa.

Dessa forma, elas teriam a função de restabelecer a energia para a continuidade, um ritual cíclico de pausa no cotidiano para a vivência de outro tempo - o festivo. Este indica as mudanças provocadas pelas interrupções nos afazeres diários das pessoas e atores da festa

para organizá-la e vivenciá-la nos diversos momentos. É pelos ingredientes que compõem a festa popular que o povo manifesta seus sentimentos de modo mais profundo e de maneira intensamente, vibrante (D'ABADIA, 2014).

Em meados do século XVII, as festas religiosas são reduzidas e reestruturadas, ganhando uma dimensão mais solene nos seus rituais. “Mas, ainda hoje, muitas práticas antigas existem nessas festas, como a queima de fogos, o uso de máscaras, a mistura de diversos sons e ritmos, o levantamento de mastros, os excessos da comida com muitos doces, biscoitos, jantares e bebidas”. (DEUS E SILVA, 2002, p.14).

Num clima místico, era realizado o culto ao Divino Espírito Santo. Embora suas raízes evidenciassem resquícios dos rituais pagãos, se consubstanciavam: “[...] numa apropriação, por uma religião popular ou, mais exatamente, por um cristianismo popularizado, do tema da renovação que proclama um dia de celebração litúrgica, enaltecendo o Sopro de Deus que renova a superfície da terra” (DA MATA, 2000, p.22). Eram rituais que mesclavam o sagrado com o profano e preocupavam as autoridades religiosas e civis, devido aos excessos no consumo de bebidas alcoólicas. Momentos em que, os escravos e os negros aproveitavam para apresentar sua cultura através das danças, músicas e batuques, segundo expõe Abreu (1999):

[...] várias irmandades da cidade do Rio de Janeiro, no século XIX, prestavam homenagens ao Divino Espírito Santo na festa de Pentecostes do calendário católico, cinquenta dias após a Páscoa, quando se comemorava, liturgicamente, sua descida sobre os apóstolos, fonte de sabedoria e amor, e o próprio nascimento da Igreja Católica. (ABREU, 1999, p.38).

Pode-se dizer que, em relação à festa do Divino Espírito Santo, a Igreja a cristianizou; o que antes era uma celebração pagã e fazia parte da cultura popular das tradições folclóricas medievais, passa a ser uma celebração cristã. Da Mata (2000) afirma que, a igreja não se desfaz daquela cultura medieval (crenças e rituais), porém batiza ou cristianiza essas manifestações.

[...] apropria-se dos quadros espaços-temporais e mesmo certas formas de culto pagão e converte esses lugares, tempos e práticas em culto cristão. [...] A herança pagã do culto do Espírito Santo e verifica-se em diferentes momentos [...] o papel central do ciclo solar. No calendário eclesiástico cristão os Momentos litúrgicos “positivos” andam associados aos dois solstícios: o Natal e o Pentecostes, relacionados respectivamente com os solstícios de Inverno (25 de Dezembro) e de Verão (24 de Junho). (DA MATA, 2000, p.23-24).

Na Europa Ocidental, a expansão do culto ao Divino Espírito Santo foi motivada pela divulgação dos cultos espiritualistas no século XII. De acordo com Benevides (2009) e Lopes (2004), foi a influência das ordens religiosas, principalmente da franciscana, que marca a implementação desse culto nos grandes centros europeus.

Poucos são os dados conhecidos respeitantes à existência de festas consagradas ao Espírito Santo anteriores à implementação do modelo alenquerense que é suposto ter sido uma criação da “rainha santa” em fim do século XIII ou, mais precisamente, em 1295. [...] essas festividades constavam faustosas, nos quais uma confraria procedia à distribuição de alimentos, num bodo aos pobres e desprotegidos. Bodo esse decorrente, total ou predominantemente, da contribuição de diversos confrades. [...] as primeiras confrarias do Espírito Santo de que há notícia surgem invariavelmente associadas a albergarias e hospitais da mesma invocação que mais tarde se hão-de transformar em hospitais da Misericórdia. [...] as confrarias do Espírito Santo se enquadram num contexto mais vasto de múltiplas e diversificadas irmandades medievais, com as quais partilharam durante muito tempo, muitos dos seus caracteres mais ou menos paradigmáticos. (LOPES, 2004, p.97).

O papel de disseminação do culto ao Espírito Santo realizado pelos franciscanos foi grande no final do período medieval (LEAL, 1994), tendo sido as ordens mendicantes os responsáveis pelos rituais devocionais. Em Portugal, a disseminação desse culto se dá no reinado da rainha Isabel de Aragão, esposa de D. Dinis, fundador da primeira Igreja do Espírito Santo, propagando-o, desde 1323. Lá pelo século XVI, já havia o referido culto se alastrado.

Na colônia (Brasil), a participação da população era intensa nos rituais, “[...] envolvendo datas importantes na vida dos governantes (casamentos, nascimentos e mortes), num ritual que destacava o reconhecimento do poder real e da burocracia que o representava na colônia.” (DEL PRIORE, 2000, p.14). Nesses momentos o rei criava um clima de aproximação com as pessoas.

A festa do Divino é um espaço no tempo que favorece a evangelização das pessoas do ponto de vista da cultura local. Partindo desse princípio, essa valorização da cultura local tem suas raízes no início das comunidades cristãs primitivas, depois resgatada com o Concílio Vaticano II e agora retomada pelo Papa Francisco, conforme pede o referido Concílio. Visto que, possibilita a criação de vínculos entre as pessoas de diversas formas, uma vez tratar-se de um ritual festivo da cidade, integrado a todos os substratos sociais de modo hierarquizado (SPINELLI, 2011).

É uma festa cheia de simbologias, cuja expressão dá o sentido do Pentecostes como a unidade das pessoas na Santíssima Trindade. Dentre os símbolos da festa, destaca-se a

pomba branca, “pombinha sagrada”, a qual para os cristãos tem a representação da...

Terceira pessoa da Santíssima Trindade – o Espírito Santo, que descia dos céus sob a forma de línguas de fogo, “espíritos cheios de raios e luz de quentura”, sobre a cabeça dos apóstolos e fiéis, estava ligado ao renascimento através da distribuição de seus inúmeros dons e graças – amor de Deus, sabedoria, paz, santificação, bondade, abundância, alegria, proteção contra pragas e doenças aos verdadeiros devotos. (ABREU, 1999, p.42)

Embora, as festas tivessem cunho de forte expressão política, o crescente poder dos portugueses na colônia, “a festa era também um hábil meio de diminuir tensões inerentes a diversidade étnica e às distinções sociais da Colônia” (DEL PRIORE, 2000, p.15). Nesse momento as festas coloniais se apresentam como:

Misto de sagradas e profanas, tais festas vulgarizaram ainda um comportamento extremamente devoto por parte das populações coloniais, acentuando a identificação entre Igreja e Estado. O rei e a religião, numa aliança colonizadora, estendiam o seu manto protetor e repressor sobre as comunidades, manto este que apenas por ocasião de festividades coloria-se com exuberância. (DEL PRIORE, 2000, p.14-15).

Essas festas criavam fendas de resistências e de transculturalidade em espaços formados por trocas múltiplas de olhares e significados políticos e religiosos. Transpondo as barreiras formadas entre o sagrado e o profano, nos rituais festivos resquícius da herança portuguesa, os colonos foram criando e recriando sua cultura e suas tradições, tanto que, “a festa, uma vez começada, transformava-se em exutório para suportar as árduas condições de vida das classes subalternas na colônia” (DEL PRIORE, 2000, p.90).

É exatamente nesse momento, que surgem as confrarias e irmandades religiosas presentes em quase todas as festas religiosas do calendário litúrgico (PENTEADO, 2000). Deram um valioso contributo na vivência coletiva da fé, reforçando os laços de socialização dos fiéis, principalmente as festividades e celebrações que os franciscanos realizavam ou participavam.

Dessa forma, deram um precioso contributo para a vivência coletiva da fé e para o reforço dos tempos e das relações de sociabilidade entre os fiéis, principalmente através das múltiplas celebrações religiosas e festividades que organizavam ou em que participavam. Esse aspecto permitiu-lhes conquistar uma posição de destaque no conjunto das estruturas orgânicas aceites pelas Igrejas para enquadrar a vida social e religiosa dos leigos, embora a sua importância deva ser reconhecida por um leque mais vasto de intervenções que ajudaram ao fortalecimento do catolicismo em Portugal, no período em estudo. [...] As confrarias e irmandades afirmaram-lhe ainda no Portugal dos tempos modernos pelo fato de permitirem maiores oportunidades de exercício do poder ao nível local, através da multiplicação dos seus cargos dirigentes, alguns deles de grande prestígio e muito disputados, ou pelo fato de criarem sucessivas oportunidades de exibição social, a partir de manifestações culturais ou caritativas de caráter público. (PENTEADO, 2000, p.323).

De conformidade com Lopes (2004), em Portugal o culto ao Divino Espírito Santo é do século XIII, pois,

[...] inclusive, as primeiras décadas nos mostram um cerimonial já existente em Benavente e Santarém (por menos), que coincide com a entrada da “ordem menor” em Portugal cerca de 1216/1218. Aliás, apesar de ser apenas “em 1260 (que, oficialmente) se introduz no calendário da ordem dos frades menores a Festa da Santíssima Trindade, (nessa altura, a mesma, era) já celebrada em algumas regiões europeias, como, aliás, em Portugal. Em 1334, finalmente, João XXII “estendê-la-á a toda a Igreja”. (LOPES, 2004, p.37).

Em Portugal, foi bastante ampla a disseminação dessas festas, principalmente no sul e no centro do país. Elas ultrapassam além-mar para os territórios que foram colonizados e povoados pelos portugueses, chegam na Ilha da Madeira, no Brasil. Sendo que, na região dos Açores parece remontar ao início de seu povoamento e estar presente em todas as freguesias deste arquipélago, de acordo com Leal (1994):

A sua existência é conhecida na Madeira e no Brasil. Mas foi sobretudo no arquipélago dos Açores – onde a sua origem parece remontar aos tempos iniciais do povoamento – que elas conheceram um desenvolvimento mais importante. E, é lá, num quadro genericamente caracterizado hoje em dia – tanto no continente como na Madeira – pelo seu declínio e quase desaparecimento, que as Festas do Espírito Santo guardam intacta a sua relevância. Atestada pela sua presença exaustiva em todas as freguesias do arquipélago, esta vitalidade das Festas do Espírito Santo expressa-se ainda no modo como, a partir dos Açores, elas se difundiram nos principais contextos de acolhimento da emigração açoriana: o Brasil, no passado, e os EUA e o Canadá, mais recentemente. (LEAL, 1994, p.15).

Esses festejos aconteciam praticamente no período pentecostal nos Açores, em alguns locais de Portugal continental, chegando ao Brasil com as mesmas características, sendo iniciados no domingo de Páscoa e se estendendo até o domingo de Pentecostes, antes conhecido como o domingo do Espírito Santo. Foi também em Portugal que deu origem à implantação da coroação do “Imperador” do Divino, como ressalta Lopes (2004):

[...] muito se tem escrito sobre o papel desempenhado pela Rainha Santa Isabel na implementação do culto do Espírito Santo no nosso país. A tradição atribui-lhe, em absoluto, a sua criação. Correia de Lacerda, Bispo do Porto, garante que a mesma recebeu por inspiração divina a missão de construir a Igreja do Espírito Santo em Alenquer. [...] Após a construção começaram a solenidade da coroação do imperador, onde a Rainha chamou a nobreza e a pessoas de diversas hierarquias. Nessa mesma época, teria também iniciado a respectiva confraria para louvor do Espírito Santo e as doações aos pobres. (LOPES, 2004, p.75).

A festa de Alenquer se fez como modelo de modo direto e/ou indireto, dando origem a todos os impérios do Espírito Santo, que resistem aos tempos e são encontrados

ainda hoje no território português e no brasileiro. Esse simbolismo da coroação do imperador foi o modelo absorvido por Portugal por volta dos séculos XIV e XV, mas rompe as fronteiras continentais chegando às ilhas da Madeira, dos Açores e do Brasil, persistindo nestes festejos atuais destas regiões. (LOPES, 2004).

Essa corporificação de rituais ou caracteres religiosos pode ser visualizada em diversos momentos e nas várias celebrações a outros santos. Nas ilhas da Madeira e dos Açores, bem como no espaço brasileiro, pode-se dizer que esses festejos são características resilientes do período colonial:

Tanto Portugal como o mundo colonial brasileiro dos séculos XVI e XVII legaram-nos uma enorme quantidade de vestígios que testemunham, de forma bem eloquente, a grandiosidade das cerimônias realizadas nessa época. Com base nesses vestígios é fácil ter ideia do grande investimento que era feito nessas festas, tanto material como simbolicamente. Esse grande número de festividades demonstra bem que as autoridades estavam a interessar-se pelo impacto de tais eventos na luta política, numa época em que a reputação e a representação simbólica do poderio desempenhavam papel de cada vez maior importância. (CARDIN, 2001, p.97).

Esses festejos foram ao longo dos tempos formando comportamentos peculiares, rituais associados, tendo o Imperador como figura central assomado de dois reis (representando a Santíssima Trindade) ornado de coroa de prata, decorações especiais e luxuosas no interior das Igrejas, nas Exéquias dos Arcebispos e nos membros da Família Real (MILHEIRO, 2003, p.459), bem como banquetes com mesas suntuosas. Mas, também os centros urbanos se transformam em espaço teatral por ocasião destes festejos, cujo espaço físico é remodelado como uma dinâmica arquitetura criada para esses momentos, numa verdadeira junção do ato de louvar com a festa propriamente dita.

Vale observar que, em sentido amplo, a festa do Divino Espírito Santo sempre teve conteúdo sagrado, expressando uma concepção de mundo (D'ABADIA, 2014). Isso a qualifica como uma festa de louvor, em que as pessoas buscam a aproximação da divindade. Todavia, também de lazer, “[...] em que as regras são abolidas e tudo é permitido num ambiente farto de alimentos, que podem tanto serem consumidos, quanto desperdiçados” (D'ABADIA, 2014, p.46).

Através das mudanças porque passam as pessoas ao festejarem, é que a festa mostra seu duplo sentido, o antigo e o atual, de que “[...] é uma fala, é uma memória, um passado rememorado, em que pela preparação e pelos atos celebrados, o grupo social define o que deve ser esquecido e elege aquilo que deve ser preservado, festejado” (SCHIPANSKI, 2009, p.91). Interessante mencionar ainda que, esta festa reúne condições excepcionais para grande parte da população e de grupos dentro dela fazer uma leitura anual de suas posições na ordem social, às vezes escondidas no dia a dia delas.

Ao lado das representações de posições, de papéis de prestígio e de poder dos dias rotineiros dessas pessoas, as festas populares criam, desde os primeiros momentos de organização, possibilidades de serem disputados, ocupados e oferecidos diversos cargos e posições de destaque na festa, os quais transitam paralelos aos da sociedade. Por outro lado, por valerem tão somente “para a festa”, geralmente são determinados pelas posições e ocupações “na sociedade”. “Afinal o ritual não é uma reprodução passiva das relações sociais. Mesmo ‘na festa’ eles existem e atuam ‘na sociedade’ e, ao lado de reproduzirem relações sociais, podem produzir, dentro de seus limites, novas relações” (BRANDÃO, 1974, p.7). Numa forma de reprodução e criação de vínculos sociais.

1.3 Rompendo as Fronteiras Oceânicas Chega ao Brasil a Festa do Divino Espírito Santo

Na tessitura histórica da expansão marítima, a festa do Divino Espírito Santo com sua suntuosa corte imaginária, rompe fronteiras e ganha em terras brasileiras vida na fé e na devoção ao Espírito Santo. Vinculada aos percursos coloniais dos portugueses, a prática de festejos católicos adentram suas colônias, inclusive o território veracruzano. Como menciona Mônica Silva (2002), festejos estes realizados até mesmo nas embarcações marítimas que os transportavam às suas regiões coloniais:

[...] nas naus (embarcações marítimas do século XVI) que os transportavam para o “mundo novo”, esta prática estava presente. Por isso, era comum nas embarcações acontecer o teatro de romarias e de Semana Santa, as festas de Nossa Senhora e as principais comemorações do calendário católico como a Paixão e a Ressurreição de Cristo. (SILVA, 2002, p.14).

Estas celebrações na colônia permaneceu por um determinado tempo em consonância com os costumes portugueses. Mais tarde, elas vão sendo reelaboradas e ganham contornos brasileiros, tanto que, nos fins do século XIX, essas festas são “associadas a uma suposta identidade brasileira.” (BOTELLI, 2004, p.50). Frente a isso, Abreu (1999) diz que:

Desafiou os cânones científicos europeizantes ao identificar positivamente a nação à mestiçagem e às tradições católicas. Na sua concepção a festa, católica e popular, tornava-se o local de criação do “povo” que, formado pela união do português, do africano e do mestiço, era elogiado e valorizado em oposição a tudo que parecesse estrangeiro. (ABREU, 1999, p.149).

Era possível ver as diversidades culturais e uma hierarquização cultural muito límpida, nesse momento no Brasil colonial, na população que era o agente das festas, a qual

“[...] revelava-se em variadas e híbridas doses de etnia, cultura e encontro, que produziam, por um lado, o mestiço, e, por outro, ritmos, gestos e danças partilhadas por todos os participantes, o constante exercício, na perspectiva do autor, de uma nacionalidade festiva e musical”. (ABREU, 1999, p.152).

Desse modo, gerava-se um encontro festivo, proporcionando a esse povo colonial uma abertura comunicacional sem fronteiras entre os diversos segmentos sociais. Embora com divergências e conflitos, intercambiavam risos, danças, ritmos e movimentos variados. E nesse vai e vem, criavam e recriavam novos movimentos numa renovação das danças e músicas, transformando a sociedade brasileira nessa “colcha de retalhos” para todos os gostos possíveis.

É a partir do século XVII, que ocorre a expansão fronteiriça desses festejos em terras brasileiras, como pontua Marta Abreu no seu trabalho *O Império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900*, no qual faz interessantes reflexões sobre o culto ao Divino Espírito Santo, afirmando que, “[...] a religiosidade na Europa dissolveu-se sob a ação das Reformas, principalmente a Protestante, após o século XVII, no mundo ibérico, em especial na colônia portuguesa, diferentemente, ela persistiria, impregnada de influências africanas e populares”. (ABREU, 1999, p.75).

Várias eram as festas religiosas realizadas como a do Divino, com rituais de procissões e cortejos, no entanto, o culto ao Espírito Santo ultrapassou as fronteiras oceânicas e chegou à colônia portuguesa. No Brasil, foi amplamente celebrada e repassada nas diversas regiões com assimilações culturais de cada local.

É possível afirmar que, estes festejos chegaram ao Brasil pelas fronteiras da mineração em Minas Gerais e Goiás, apesar de que “a respeito dos primeiros tempos da Festa do Divino no Brasil e as formas pelas quais teria sido levada à região central, existem poucas e imprecisas informações, tanto nos vários autores que dela trataram como também segundo alguns moradores desta região”. (AMARAL, 1988, p.86). Um marco interessante nesse sentido foi a chegada da família real ao Brasil em 1808, período em que acontece uma proliferação destas festas. Nas cerimônias públicas de casamentos, natal, coroação de reis e festas religiosas oficiais procuravam manter os rituais litúrgicos e a realidade mesclava-se com cenas teatrais, em que celebravam os feitos heroicos da nossa história.

As festas passavam a serem utilizadas para comemorarem diversos motivos que diziam respeito aos reis e as rainhas. Essa prática já era conhecida tanto na Europa quanto na África. Tanto os portugueses como os africanos tinham o costume de participar de cortejos reais e procissões, em que coroavam seus reis simbólicos. (SILVA, 2002, p.16).

Essas festas eram organizadas pelas irmandades católicas e atendiam as datas correspondentes aos mais notáveis acontecimentos da população colonial brasileira. Traziam impregnadas em seus rituais os aspectos religiosos, que traçavam a identidade dos colonizadores portugueses. Tanto que, “[...] as vivências da religiosidade colonial foram marcadas pelo encontro entre as práticas religiosas mágicas de portugueses, índios e negros, numa dinâmica criação de hibridismos culturais ao longo de três séculos” (DEL PRIORE, 2004, p.23).

Entretanto, no Brasil colonial, os instrumentos, as danças e os ritmos eram carregados de uma mistura cultural muito intensa, tal que:

As festas do Divino, por exemplo, viraram um local de encontro e comunicação entre variados segmentos sociais e gêneros musicais. As pessoas que os frequentavam, apesar de suas diferenças e possíveis conflitos, tinham a oportunidade de compartilhar e intercambiar risos, movimentos, ritmos e danças variadas. (ABREU, 1999, p.159).

Esse encontro de etnias e crenças do período colonial brasileiro promove um legado cultural, que mistura o sagrado ao profano nos festejos religiosos, que pode ser visualizado nos cultos aos santos e na encenação teatral de fatos religiosos (ABREU, 1999). Estas festas para os santos, as novenas e as procissões renovaram a prática religiosa oficial e deu origem à religiosidade popular encontrada na Festa do Divino.

No Brasil, as festas costumavam “confundir” as práticas sagradas com as profanas, tanto nas comemorações externas como nas que eram realizadas dentro das Igrejas. O que comumente é chamado de festas profanas são aqueles rituais não sagrados e religiosos, mas que pertencem à vida laica, como danças, músicas não sagradas, jogos, bebidas e comidas. Além das missas com músicas mundanas, sermões, Te-déuns, novenas e procissões, eram partes importantes as danças, coretos, fogos de artifício e barracas de comidas e bebidas. Na maioria delas os negros não deixavam de realizar suas músicas, danças e batuques. (DEUS E SILVA, 2002, p.15).

Ainda que, as práticas sagradas e profanas se confundissem desde seu princípio no espaço colonial brasileiro, as festas propagaram-se no período e foram ganhando diversas versões de acordo com a região brasileira. Hoje, a Festa do Divino Espírito Santo é considerada uma das mais antigas práticas coloniais popularizada pelo catolicismo (SILVA, 2001).

A própria igreja considerava as festas como situações propícias à evangelização dos colonos. Fato explicável pelo esforço, para que prevalecesse o “aspecto devocional que eram impregnados nos momentos de romarias, pelas promessas, votos e festas nessa consagração e devoção aos santos festejados” (SILVA, 2001). Nesses momentos festivos, as missas apresentavam cantorias diferenciadas das dos dias normais.

Além disso, desde a colonização, as festas no Brasil têm uma profusão de encenações ou teatralizações feitas pelos fiéis, obedecendo a um ritual traçado pela igreja, como assevera Deus e Silva (2002):

Desde os primeiros tempos, as festas no Brasil colonial tinham formas parecidas com o teatro, devido à participação de diferentes atores. Havia pessoas ricas, pobres, europeus, índios, negros e escravos. Isso tornou o seu significado bastante dinâmico, podendo ser espaço de solidariedade, alegria, prazer, criatividade, troca cultural e, ao mesmo tempo, um espaço de luta, violência, educação, controle e manutenção dos privilégios e hierarquias. (DEUS E SILVA, 2002, p.15).

Mesmo que, neste contexto, o catolicismo tivesse caráter oficial devido à união Estado e Igreja pela Constituição Federal então vigente, denota-se algumas mudanças. Após a terceira década do século XVIII, as comemorações com especificidades africanas e seus batuques são continuamente cerceadas, conduzindo ao desaparecimento destes rituais em muitas localidades do Brasil.

Após 1830, as comemorações especificamente negras e seus batuques passaram a ser cerceados e poucas notícias temos deles a partir daí. Até o final do século, o número e a pompa das procissões diminuíram; as tradicionais festas perderam popularidade e a do Divino Espírito Santo, a maior delas, transformou-se numa festa de paróquia. As irmandades, por sua vez, sofreram sérias críticas e alterações no seu antigo papel. Os próprios testemunhos de época apontaram para as mudanças, lamentando saudosamente a decadência das festas religiosas e das procissões. (ABREU, 1999, p.36).

O Rio de Janeiro passa a ser “o centro do mundo luso-brasileiro” por ocasião da chegada de D. João VI com a Família Real ao Brasil (ABREU, 1999). Isso ocasiona um rápido crescimento demográfico deste centro urbano, provocado pela vinda de camponeses de Portugal e dos Açores, escravos africanos, bem como imigrantes europeus (comerciantes ingleses, artesãos franceses e mercenários alemães). Estes tiveram participação nos momentos festivos num reencontro com os símbolos cristãos e nas representações simbólicas do culto ao Divino.

A participação do povo nestes festejos foi, ao longo dos tempos, criando e recriando novos sentidos para aquelas representações, uma vez que cada um imprimia seus próprios desejos e paixões num contexto social de imposição de impulsos e cores. Abreu (1999) pontua que:

[...] as homenagens ao Espírito Santo eram importantes por si só; não estavam ligadas a um tipo específico de prece espiritual – ou a um determinado segmento social – a não ser a proteção geral aos pobres. Falavam sempre de muita alegria, prazer, comidas e bebidas; apresentavam o Divino como amigo dos pobres e consolador após a morte; ajudavam recolher esmolas, elogiavam quem contribuísse, prometendo-lhe muitas graças. (ABREU, 1999, p.47).

Na referida festa foi introduzido o costume português da coroação do Imperador, o qual pode ser um cidadão comum. No Brasil, de início era uma festa real e religiosa, todavia, aos poucos proliferaram com modelagens particulares e peculiares a cada região brasileira, embora ainda persistam componentes místicos dos primórdios desse culto.

[...] frequentemente o “imperador” e os processos de entronização, quase sempre os tradicionais símbolos de poder bem como o difundir mais ou menos domiciliário de sacralidade em cortejos cerimoniais, a temporalidade pentecostal em grande parte e, ainda, quase sempre, dádivas alimentares aos pobres, fartas refeições coletivas, ou simples distribuições pelo “imperador”, de alimentos rituais ou não. (LOPES, 2004, p.470).

A população foi a grande disseminadora das festas do Divino Espírito Santo e do catolicismo barroco de modo geral (ABREU, 1999). Vale salientar também que, a festa marca a identificação entre política e religião, ou melhor, dizendo rei e religião, num pretense fortalecimento das relações de dependências entre colonizadores e colonizados. A autora assinala que, eram festividades com características pagãs, envolvendo vários deuses com superstições e feitiços, que atraíam negros e possibilitavam mudanças dos mesmos.

Em seu derredor festivo, o culto ao Divino Espírito Santo reunia uma intensa movimentação comercial nas feiras livres, nas compras realizadas pelas irmandades, trabalhos artesanais voltados à decoração, espetáculos artísticos, venda de santos, velas, imagens e os fogos de artifícios. Segundo Abreu (1999, p.70), “em geral, todo ano os barraqueiros tinham que solicitar à irmandade do Espírito Santo a autorização para seus empreendimentos”. As chamadas para essas festividades se faziam nos momentos das visitas da folia em diversos lares urbanos e rurais, das novenas, pelos letreiros e ornamentos coloridos, assim como através das “[...] músicas que estrondavam de dentro”, a própria gesticulação e gritaria dos vendedores de sortes e comidas nas feiras.

Por todo o Brasil, os festejos do Divino expandiram e como outros eventos religiosos e culturais, eles promovem a socialização e a manutenção das culturas regionais e locais, garantindo a participação popular.

1.4 Expande em Meio ao Cerrado Goiano o Culto ao Divino Espírito Santo

Vieram para Goiás, no século XVIII, muitos colonizadores com seus costumes e suas celebrações de culto aos santos. Os recém-formados povoados foram crescendo e se desenvolvendo com o ciclo do ouro, o que atraiu muitos moradores para essa região do Brasil Central. Entretanto, os primeiros registros de festas populares em Goiás são do início do século XIX, com os visitantes europeus, os viajantes e os memorialistas, os quais relataram a crise minerária vivida pelo povo e os festejos como forma de expressão em meio ao atraso cultural (SAINT-HILAIRE, 1975).

Ainda que, a população fosse mais interessada pela parte profana das festas do que pela parte religiosa, em plena realização das celebrações se deliciava com a queima dos fogos de artifício. Em Goiás, os festejos do Divino Espírito Santo chegaram com as Folias do Divino, nas quais “[...] foi inserido o drama, os jogos, as lutas, enquetes, danças e autos-dramáticos no decorrer dos anos. A festa foi trazida por padres da Península Ibérica, sendo que em Pirenópolis os padres portugueses e em Santa Cruz os padres espanhóis” (BONETTI, 2004, p.55 e 56). O primeiro jornal a noticiar os festejos do Divino em Goiás foi o *Matutina Meiapontense*, de Pirenópolis (BONETTI, 2004), que foram descritos por diversas vezes e em diferentes momentos.

Nesse período (século XIX), as festividades mais comuns em Goiás comemoravam a Semana Santa, o Divino Espírito Santo, o Natal e as de Nossa Senhora da Penha, da Abadia e do Rosário. Em meio às festividades realizavam ainda os torneios da Cavalhada, o Batalhão de Carlos Magno, o Moçambique, a Dança dos Tapuios e as Congadas. Segundo Palacin (1994, p.194), em Goiás, “[...] as comemorações religiosas constituíam momentos privilegiados de reafirmação de fé cristã e da convivência social”.

A formação das cidades e povoados goianos do período minerário se efetivou sob a égide de santos padroeiros, que eram festejados em datas demarcadas pela igreja, havendo uma troca simbólica a determinar o surgimento das celebrações festivas.

Em Goiás, as festas religiosas foram transformando-se ao longo dos anos, transformações provocadas por vários fatores como a influência de processos migratórios, aumento populacional, melhoria nos meios de comunicação, crescimento das cidades e conseqüente urbanização. (D’ABADIA, 2014, p.83).

Desde as primeiras décadas do século XIX, se multiplicam os festejos em homenagem ao Divino Espírito Santo. Isso ocorre no Centro Oeste brasileiro, tendo ótima

receptividade pela população em Goiás. Desse modo, as festas ganham diversas modelagens em cada localidade, apresentando particularidades e características próprias. Festas que louvavam os santos, inicialmente ocorriam no final das colheitas, quando celebravam a mesa farta e suplicavam bênçãos para o próximo plantio. No entanto, sofre alterações à medida que intensifica a urbanização nos povoados goianos, como mostra Zaluar (1983):

À proporção que avançava o processo de urbanização e burocratização (especialmente na Igreja e nas relações entre seus funcionários e os adeptos leigos), e à medida que se introduziam no campo as relações capitalistas de produção, as festas deixavam de ter um caráter essencialmente sagrado e adquiriam um caráter marcadamente comercial. Esse caráter sagrado traduzia -se na atitude de serenidade e de respeito diante das coisas do santo, dos muitos significados sociais expressos em seu ritual e da própria eficácia que era atribuída tradicionalmente às festas [...]. (ZALUAR, 1983, p.65).

Com a Proclamação da República (1889), houve a separação da Igreja com o Estado. Nesse momento, as festas religiosas e seus rituais litúrgicos já haviam se espalhado por grande parte das cidades goianas. Nesse mesmo período, dá-se o início da romanização, ou seja, o movimento reformador da prática católica do século XIX, o qual provoca muitas mudanças nas festas populares.

Na segunda metade do século XIX, a Igreja alterou sua relação de tolerância com as diversas manifestações festivas existentes no Brasil, calcadas na religiosidade popular. Algumas orientações vindas do alto clero católico determinaram essas mudanças. (SILVA, 2001, p.57).

Em Goiás, o que indignou a igreja nessa fase não foi o modo de partilha da arrecadação realizada com a Folia do Divino, mas como eram realizadas as folias, por causa do sincretismo presente nelas, pois o povo tanto considerava sagrado o “beijamento e a adoração da Bandeira do Divino”, como também as danças e os banquetes coletivos (SILVA, 2001). Já em Portugal, essas atitudes eram tidas como profanas, assim como a folia do Divino.

Esse culto conservou-se especialmente nas cidades goianas, persistindo como uma das características principais da religiosidade popular da região central do Brasil, ocupando um lugar de muita visualização em diversas cidades de Goiás, principalmente as coloniais, onde esta festa resiste com o passar dos tempos. Estes festejos tem conexão com o período da mineração, em cidades fundadas no ciclo aurífero, sendo rara e com pouca representação naquelas do pós-minerário. (AMARAL, 1998).

Destacam-se em território goiano a Festa do Divino em Pirenópolis e Santa Cruz de Goiás, mas também podem ser visualizadas em outros centros urbanos, como: Goiás, Jaraguá,

Corumbá, Luziânia, Planaltina, Niquelândia, Jataí. Nas várias localidades goianas, os festejos do Divino são realizados como tradicional festa católica, tendo novenas, folias, alvorada, famoso cortejo do Imperador, a missa solene no encerramento com o sorteio dos festeiros do próximo ano, seguida pela procissão pelas ruas da cidade. Traços observados em outras localidades de Goiás, sempre com o propósito de celebrar o divino Espírito Santo.

Estas celebrações ainda guardam traços característicos trazidos de Portugal (coroação do Imperador). Mas, são perceptíveis algumas especificidades inerentes à região, haja vista ser uma manifestação popular que une o espiritual com o folclore para louvar e agradecer ao Espírito Santo as graças recebidas. Além do mais, são realizadas em datas diferentes durante o ano, como é o caso da cidade de Mossâmedes.

A Festa do Espírito Santo, ou Festa do Divino, em Mossâmedes, não foge ao esquema de outras iguais no santo e em seus festejos, realizadas anualmente em algumas cidades goianas desde meados do século XVIII.

Sem que as pessoas do lugar apresentem uma razão definida para o fato, a não ser a da viabilidade da época do ano com respeito ao cultivo de cereais, a Festa se reproduz a cada último domingo do mês de agosto. Trata-se, portanto, de um rito de calendário realizado em Mossâmedes fora do seu período litúrgico, segundo a Igreja Católica – o domingo de Pentecostes, cinquenta dias após a páscoa. (BRANDÃO, 2004, p.104-105).

Essas festas ilustram a complexa inserção cultural, efetivando o patrimônio goiano na modernidade, as quais envolvem elementos religiosos e seculares, numa combinação que reúne os trabalhadores do meio rural dispersos em espaços opostos ao seu cotidiano, onde se mesclam tradições e fé em louvor ao Espírito Santo. Esses instantes festivos promovem a reconciliação do centro urbano com seu entorno, com seu contraditório sistema de valores, numa reaproximação do presente com o passado, mostrando momentos históricos relevantes da cultura goiana, de forma a que se comemore o passado no presente.

Os rituais desta festa são transmitidos de geração em geração, muito frequente entre familiares, em que os mais velhos repassam aos mais jovens os seus conhecimentos. Desse modo, essas práticas sociais festivas vão se adaptando a cada localidade, em que são praticadas e seguem caminhos diferentes e diversificados, embora preservem as características regionais de espaço e de seu povo. Muitas dessas festas se extinguíram ao longo do tempo, outras foram modificadas e reelaboradas com distinções próprias, o que possibilita essa diversidade cultural encontrada em Goiás e no Brasil.

1.5 Festa do Divino Espírito Santo em Santa Cruz de Goiás e Suas Celebrações

Esta festa é considerada uma das realizações festivas mais antigas de Santa Cruz de Goiás. Sua celebração inicia-se a cinquenta dias após o domingo de Páscoa, caracterizada como uma festa móvel, de acordo com o calendário católico, além de ser uma homenagem à descida do Divino Espírito Santo sobre os doze apóstolos de Jesus.

Santa Cruz de Goiás foi uma das vilas coloniais que se destacou pelas riquezas de suas minas auríferas e pelo intenso comércio realizado em seu entorno. Essa população em torno de suas minas cresceu e com ela se instalaram os festejos e as celebrações religiosas, que aos poucos foram mescladas pelos cultos indígenas e africanos.

Tanto pelo processo histórico quanto pela sua ocupação geográfica, Santa Cruz de Goiás tem uma caracterização marcada pelo meio urbano e rural. De modo que, grande parcela de sua população vive no campo e pouco frequenta a cidade, embora tenha comunicação constante com esta através dos leiteiros, que transportam o leite para o laticínio local ou da região e pelos “combeiros”, que fazem o transporte das crianças e dos jovens para estudar na cidade. Nesse contexto, as relações interpessoais são e permanecem ancoradas nos laços de familiaridade, sendo o referencial e o principal “link” de relações sociais. É o marco que identifica as pessoas na coletividade. Frente a esse fato, os momentos festivos e folclóricos são importantes ocasiões de agrupamentos sociais.

Em Santa Cruz de Goiás tem destaque a Festa do Divino anualmente realizada, a qual oportuniza a participação de todos, em que se materializam as tradições e desenvolvem as categorias de pertencimento. São privilegiados de socialização e de trocas esses dias festivos, momentos de exposição pública de sua população, tanto urbana quanto rural, em que emerge estruturas do grupo social que realizam essa produção festiva (CAVALCANTE, 2013; DA MATTA, 1979; TUNER, 2005).

Em relação aos festejos, o naturalista Pohl (1976) narra que chegou em Santa Cruz de Goiás no dia 29 de maio de 1818, permanecendo por cinco dias no local. Regista que, neste período, ele pode assistir e participar das festanças de Pentecostes, ou seja, do Divino Espírito Santo. Pode-se afirmar que, na cidade esses festejos são uma tradição e acontecem a quase dois séculos (ALVES, 1983), com suas peculiaridades tanto no âmbito religioso quanto no profano. Os santacruzanos vêm ao longo dos séculos criando e recriando singularidades no contexto sociocultural desta festividade, embora a Festa do Divino Espírito Santo aconteça sempre junto com a de Nossa Senhora do Rosário e a de São Benedito.

É uma festa que apresenta um caráter processual (TURNER, 2005), por ser lenta a organização no início e por intensificar a partir dos primeiros meses de cada ano. Além disso, ela é planejada ao longo do ano e atinge extenso espaço por se fazer presente tanto na área rural quanto na urbano. No rural, quando a Folia do Divino percorre parte das fazendas e de suas comunidades e, no urbano, quando são realizadas as demais atividades religiosas e folclóricas: missas, novenas e procissões (VEIGA, 2002; CURADO, 2006).

É um complexo festivo, cuja execução se faz num extenso processo ritualístico (TURNER, 2005), pois é iniciado muitos dias antes do domingo de Pentecostes e planejado durante o ano todo, uma vez que, após o anúncio dos próximos festeiros ou Imperadores da festa feito pelo pároco, estes serão os responsáveis pela elaboração e realização da mesma no ano subsequente. O viajante e cientista Phol (1976) assim menciona a festa por ocasião de sua passagem por Santa Cruz:

Nessa noite, todas as ruas do lugar já estavam iluminadas; defronte da residência dos chamados, imperador e imperatriz eleito para essa festa, havia arcos triunfais, caramanchões de folhas verdes. Ecoavam trombetas e timbales, eram disparados tiros de alegria e entoados cantos de louvor ao Espírito Santo.

Durante a minha estadia em Santa Cruz, levaram-me a assistir à festa de Pentecostes, que começou com grande solenidade. No dia da festa propriamente dito, já havia barulho e tropel nas ruas. O comandante e os habitantes mais distintos vieram prestar-me homenagem e a guarnição uniformizada. Dirigimo-nos, precedidos da tropa, a residência dos chamados imperadores. Ele estava sentado em sua sala, sob um dossel, todo vestido de preto, com uma coroa de papel e um cetro pintado. (POHL, 1976, p.296).

Em Santa Cruz de Goiás, há a prática de coroação do Imperador durante os festejos do Divino, bem como ocorre algumas diversidades comemorativas, tais como: folias, congadas, contradança, novenas, procissões, cavalhadas, foguetório e banquetes com as mais variadas comidas, doces, quitutes, jantares e outros mais (VEIGA, 2002; D'ABADIA, 2014; BONETTI, 2004; ALVES, 1983).

O ritual da festa de Pentecostes-Divino, em Pirenópolis e Santa Cruz, consiste numa sucessão de etapas, tendo um conjunto de cerimônias que as acompanham e que tem características e finalidade próprias.

Pode-se observar, nesta festa, uma estrutura organizacional de sistemas de relações-posições, as quais são exercidas por diversos tipos de participantes; existindo entre eles as trocas de ações de serviços, de acordo com a posição ocupada por cada um, tanto na festa quanto na sociedade. (BONETTI, 2004, p.71).

Essas relações sociais ritualísticas podem ser visualizadas enquanto conteúdos de valor de troca ou mesmo de serviço entre os sujeitos de determinadas categorias (BRANDÃO, 1985). Por notar diversos símbolos nos rituais de Pentecostes, como extensão do mundo

social, para que possam obter igualdade nas funções simbólicas, as sociedades adotam diferentes formas, o que é conhecido como “diferença cultural” (BONETTI, 2004).

Após a escolha dos festeiros, dão sequência com a organização das residências que receberão a visita da Bandeira do Divino, ou seja, “[...] a trinta e três residências, em homenagem aos trinta e três anos que Nosso Senhor Jesus Cristo viveu na Terra” (ALVES, 1983, p.42). Hoje, essas visitas ainda acontecem, embora não sigam esse mais numerário supracitado de casas visitadas, mas sim, todas aquelas que conseguirem durante o período de realização de andança da Folia do Divino. Em cada residência visitada, são realizados cânticos, orações e refeição farta, seja café da manhã, almoço ou lanche da tarde.

As programações se estendem até os dias em que são realizadas as homenagens aos três santos, com o hasteamento das bandeiras na frente da igreja, a festa propriamente dita. As novenas são feitas por nove dias consecutivos, sendo que no primeiro dia é iniciada com a alvorada matinal, quando a Banda de Música com seus repiques e fogos de artifício acorda a comunidade, convidando-a para as festividades (*Grupo Focal Itinerante*, 04/06/2014).

Além do mais, no período das novenas, sempre no dia posterior a cada uma, da casa onde a imagem do Divino Espírito Santo pernitoou, as pessoas vão em procissão até a casa escolhida para a realização da novena do próximo dia; após as rezas, fazem o leilão fraterno. Durante os Festejos do Divino, as procissões ocorrem de três formas, ou melhor, em três momentos distintos: “as procissões da Festa do Divino Espírito Santo (como evento) criam três situações concretas: a Procissão da Coroa, a Procissão da Bandeira, a Procissão do Divino Espírito Santo” (BRANDÃO, 1974, p.10).

No nono dia, após as solenidades religiosas da procissão e da novena, os fiéis vão à casa do Mordomo da Bandeira do Divino (guardador da bandeira) e esta é levada pelas mãos de crianças da comunidade até a frente da igreja, onde ao som das músicas entoadas pela banda e de foguetes assomados de muitas palmas e louvores dos fiéis, hasteiam a bandeira. Este é um momento muito solene e simbólico, posto que os fiéis celebram os encontros com os familiares, amigos e visitantes.

Em Santa Cruz de Goiás, de acordo com os moradores esta festa acontece desde 1816, quando se inicia também a Cavahada e o Batuque, contando com programação religiosa, cultural e folclórica, exigindo sempre a participação de muitas pessoas da comunidade na organização e na realização dos festejos (*Grupo Focal Itinerante*, 04/06/2014).

Os festeiros contam com a participação de muitas pessoas da comunidade santacruzana, as quais recebem a incumbência de coordenar e organizar cada momento. A

participação feminina é significativa da festa, como pode ser observado na programação da Festa do Divino de 2014 (Anexo A). Em comunidades pequenas é possível a participação de todos, fortalecendo os liames sociais, de modo que “nessas comunidades, as festas eram um acontecimento coletivo, voltado para a participação dos grupos tanto na sua elaboração, quanto na sua execução, quando todos poderiam festejar [...]” (D’ABADIA, 2014, p.46). Estes dias festivos são momentos usados pela população local para se movimentar em prol da realização da própria festa (*Grupo Focal Itinerante*, 05/06/2014).

Essas festividades religiosas renovam a fé do povo. Pois, para além da alegria da confraternização que elas propiciam, são oportunidades para as pessoas serem abençoadas, ter sua fé renovada, a fim de passar um ano com felicidade, porque esta existe não é com dinheiro, nem com poder econômico, nem com poder político; mas, ela existe no coração humano a partir do momento que ele vive em paz com sua consciência (*Grupo Focal Itinerante*, 07/06/2014).

Ressalte-se que, esta festa religiosa tem enorme representatividade para os devotos do Divino Espírito Santo, haja vista que

A religião, sem interioridade, sem uma sensação “banhada em sentimento” de que a crença importa, e importa tremendamente, de que a fé sustenta, cura, consola, corrige as injustiças, melhora a sorte, garante recompensas, explica, impõe obrigações, abençoa, esclarece, reconcilia, regenera, redime ou salva, mal chega a ser digna desse nome. (GEERTZ, 2001, p.159).

Em Santa Cruz de Goiás, a festa do Divino Espírito Santo oferece possibilidades de encontros e reencontros, cria um clima de confiabilidade, formando um elo de continuidade. Pelos diversos rituais praticados, eles se cruzam e interpenetram, movimentando toda a população e incitando uma participação em massa na festa. Mesmo porque, a cidade oferece poucas situações festivas.

Num mesmo dia, o visitante ou mesmo uma pessoa da comunidade pode acompanhar o Batuque na caminhada da fé pela madrugada; participar da folia do Divino; assistir ao ensaio da Cavalhada e, no início da noite, participar ou do Coronel ou da novena e do leilão. Mais próximo do final de semana da festa, ainda contam com as barracas onde ocorrem shows e danças. Evento para todos os gostos, como sentar com os amigos no entorno do Terminal Rodoviário, o qual fica ao lado da igreja, e por ali ficar horas a fio bebendo, comendo aperitivos e/ou “jogando conversa fora”, como costumam dizer pela cidade. Tudo depende do interesse e da disponibilidade das pessoas (*Grupo Focal Itinerante*, 05/06/2014).

O cortejo do Imperador do Divino é acompanhado por inúmeros fiéis até à igreja, oportunidade para (re) encontrar os amigos, os parentes. É um momento singular que realmente a gente não esquece, quando se participa dele, porque esses festejos espirituais, sejam eles evangélicos, católicos, espíritas, que trazem a palavra de Deus, que resgatam a cultura de um povo, como é o caso de Santa Cruz de Goiás, são sempre bem-vindos e realmente trazem a quem participa mais um ano de felicidade (*Grupo Focal Itinerante*, 05/06/2014).

A referida festa é uma tradição da cidade de Santa Cruz de Goiás. Desde as suas primeiras edições, em 1816, a cada ano reaviva a fé dos fiéis e já faz parte do patrimônio cultural da região e do Estado. Com o tempo sofreu algumas alterações e agregou outros elementos folclóricos, porém é um evento que movimenta todo o município, tanto no âmbito urbano quanto no rural para a religiosidade presente no festejo, atraindo não só a comunidade local como turistas, tanto para as celebrações religiosas quanto para os momentos de cunho profano (*Grupo Focal Itinerante*, 05/06/2014).

A Festa é muito esperada a cada ano pela população santacruzana. Está nas lembranças dos moradores mais velhos, mas também, está na expectativa cultivada na mente das crianças e dos jovens. Algumas pessoas transferem-se provisoriamente para a cidade no propósito de ficar mais próximos das celebrações e não perder nenhum acontecimento relacionado à festa. Santa Cruz de Goiás transforma-se para receber os devotos e os visitantes, que nos dias festivos deixam seus afazeres e mudam sua rotina.

A maior transformação do espaço concentra-se no entorno da igreja; aí são construídas tendas para abrigar os devotos; [...] barraquinhas para a venda de alimentos, bebidas, leilões e bingos [...], [...] são armadas as barracas para a venda de artigos religiosos [...]; aí também encontram dezenas de barracas de comércio ambulante proveniente de outras cidades [...]. (D'ABADIA, 2014, p.146-147).

Em Santa Cruz de Goiás não foi diferente. Dentre algumas mudanças ocorridas ao longo dos anos foi a forma e o local, onde realizavam os “bailes”. Antes eram em espaços fechados, com cobrança de ingressos e reservas de mesas para um público mais elitizado, visto que a maioria não podia pagar aquela quantia nos dias de festa. Hoje, esse momento acontece em um espaço aberto, com shows de grandes bandas musicais do Estado ou de outras regiões do país, possibilitando participação maciça da população. O que tem proporcionado maior inserção de moradores das cidades circunvizinhas, da capital goiana e de Brasília.

De modo geral, o povo avalia positivamente ter tirado os bailes do salão fechado e ter trazido para um espaço aberto - a rua, justamente por dar oportunidade a todos de

participar do momento festivo. Espaço este em que ocorre a prática comercial temporária só viável por causa do aglomerado de pessoas, que visitam a cidade neste período (*Grupo Focal Itinerante*, 08/06/2014).

O comércio nas festas é uma atividade bem significativa. Lembrando que, a maioria dos festejos populares tem o comércio presente nos seus arredores e mesmo integrados à elas (D'ABADIA, 2014). São barracas, bares e ambulantes que vendem uma variedade de produtos; no entanto, os mais procurados são as bebidas alcoólicas e os alimentos. Também contam com diversos brinquedos, que são oferecidos para entretenimento das crianças.

A partir das observações dos grupos focais, ficaram evidentes as mudanças ocorridas ao longo do tempo. As novenas que antes eram realizadas por nove dias na igreja, agora são feitas somente nos três últimos dias antecedentes da Festa, os quais denominam de Tríduo¹. Ou seja, na igreja, a cada dia é festejado/homenageado um dos santos (Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Divino Espírito Santo), hasteada a Bandeira representativa de cada um e, ao final, estarão as três lado a lado (*Grupo Focal Itinerante*, 06/06/2014).

Quanto ao comércio durante a festa, de acordo com os moradores da cidade de Santa Cruz de Goiás também houve modificações. Antes não havia barracas como são agora; eram poucas e cobertas de palha de coqueiros; os produtos vendidos eram todos da região (comidas típicas); as pessoas iam de carro de boi e ficavam arranchados nos espaços vazios da cidade ou nos quintais das casas de amigos e conhecidos. Hoje, está tudo mudado. Vê-se um aglomerado de barraqueiros de toda a região, oferecendo os mais diversos produtos, desde os alimentícios, vestuários, objetos de uso pessoal e outros tantos mais (*Grupo Focal Itinerante*, 05/06/2014). Aquela tradição de produtos típicos e regionais quase não é encontrada mais, tudo industrializado. Fato é que, tanto antes como hoje, essa festa movimenta a economia da cidade.

Segundo os moradores, essa festa agita tudo, animando o pessoal em momentos diversos, ora voltados mais ao religioso, ora mais ao folclórico. Mas, o que vale mesmo é a manutenção da cultura e da tradição desta região, momentos de lazer para todos, assim como a questão religiosa presente, visto que, a cada dia é uma nova celebração que acontece na Folia do Divino, no Batuque, nas Novenas, nas Procissões e na Cavahada, a qual não se

¹ **Tríduo:** Equivale a três dias de orações e celebrações religiosas, em devoção a uma entidade pertencente a qualquer religião (www.dicionarioinformal.com.br/triduo). Em Santa Cruz de Goiás nos festejos do Divino, são três dias que na matriz acontecem celebrações aos três santos homenageados nesta festa (*Grupo Focal Itinerante*, 05/06/2014).

inicia enquanto o pároco não abençoa a todos os cavalheiros (*Grupo Focal Itinerante*, 05/06/2014).

A festa do Divino Espírito Santo de Santa Cruz de Goiás apresenta algumas singularidades das demais do Estado, por exemplo, é a mais antiga, tendo sua origem em 1816. A Cavallhada apresenta uma encenação de fatos ocorridos no período medievo e traz particularidades como a defesa do Castelo pelos cavalheiros, enquanto as demais realizadas pelo Estado de Goiás defendem o Território. Também os cavalheiros que se são acompanhados pela “Princesa Angélica” que é disputada nos dois dias de encenação e é sempre representada por uma jovem da comunidade. (*Grupo Focal Itinerante*, 05/06/2014).

Em meio à essa representação religiosa e cultural, os festejos do Divino oferecem possibilidades das pessoas encontrar e reencontrar os velhos amigos aqui da cidade, aqueles que já se mudaram e retornam todos os anos para essa festa: “[...] o mais gostoso é ouvir essas músicas de séculos atrás, abraçar os velhos amigos, isso é cultura, é tradição, isso é a Festa do Divino Espírito Santo de Santa Cruz de Goiás”. (*Grupo Focal Itinerante*, 08/06/2014).

O envolvimento dos participantes nas festividades e na manutenção dessa tradição é socialmente significativa, o que denota a demarcação cultural de capitais entre os envolvidos. Nesse sentido, não apenas um envolvimento religioso, que não está isento de outros elementos culturais, como o status social dos festeiros organizadores e dos capitais simbólicos a eles agregado. A devoção é um dos elementos importantíssimo; porém, por meio das falas percebeu-se que outras questões sociais, políticas e religiosas se misturam nos sentidos da manutenção dessa tradição local. São festejos que contam com participantes e representantes que são:

As pessoas que participam são aqueles que ajudam na organização e realizam a festa propriamente dita.” [...] estão voltados para a organização local, o envolvimento com a comunidade e o apreço dos participantes para com os rituais elaborados para essas festas, bem como os seus símbolos e sua dimensão espacial.” (D’ABADIA, 2014, p.52).

Em relação às mudanças e permanências dos rituais e festejos que fazem parte da referida festa, os participantes destacam o papel exercido pela Cavallhada, que é mais atrativa ao público do que as celebrações religiosas, porém não mais importantes. A festa aqui é compreendida enquanto um elemento sinalizador da cultura e promotora da exposição do patrimônio imaterial de Santa Cruz de Goiás (*Grupo Focal Itinerante*, 05/06/2014). No passado, não tão remoto, afirmavam que as devoções e os atos sacros eram mais evidentes do que hoje. Foi possível perceber certo ressentimento no pároco, que reforçava que os festejos

eram em louvor ao Divino e a Cavallhada uma parte do festejo, no entanto, o devoto muitas vezes esquecia-se deste fato.

Nesta festa, a elevação do mastro com a Bandeira do Divino se faz por um simbolismo intenso. Esse fato permite ao povo durante o ritual fazer súplicas e agradecimento, o que de certo modo, tem estimulado a continuidade desses festejos nos santacruzanos.

Muito antes do domingo de Pentecostes, a cidade vive intensamente essa festa, se transformando nas ornamentações de suas ruas, construções de barracas, nas andanças dos foliões, nos rituais das procissões, nos encontros das novenas, nos ensaios dos cavaleiros para a Cavallhada, para a contradança, na caminhada matinal realizada pelos batuqueiros, entre fogos, comidas e bebidas. “Os festeiros” intensificam seus afazeres para os últimos preparativos da festa, que se transforma em ação e casualidade na transformação do espaço da festa em espaço sagrado.

No contexto festivo, a sacralização é reforçada pelo período em que os religiosos vivem intensamente o tempo sagrado. De acordo com Eliade (1999, p.80):

Na festa reencontra-se plenamente a dimensão sagrada da Vida, experimenta-se a santidade da existência humana como criação divina. No resto do tempo, há sempre o risco de esquecer o que é fundamental: que a existência não é ‘dada’ por aquilo que os modernos chamam de “natureza”, mas é uma criação dos Outros, os deuses ou os seres semidivinos. Nas festas, ao contrário, reencontra-se a dimensão sagrada da existência [...].

A socialização é responsável pelo processo que possibilita aos indivíduos a assimilação aos grupos sociais. Esse indivíduo apreende a fundamentação deste ambiente sociocultural em que está inserido, o que lhe impele a atitudes de pertencimento a esse patrimônio local. Esse processo é visível na Festa do Divino Espírito Santo em Santa Cruz de Goiás. É uma tradição passada de geração para geração pelos rituais festivos e folclóricos. Os mais velhos vão ensinando pelo seu fazer e pelo zelo com esse patrimônio o gosto para os mais novos. Os participantes das famílias e importantes protagonistas dos festejos são os que transmitem os valores morais, afetivos, religiosos e os relacionados às festividades do Divino.

É importante que esses indivíduos se reúnam frequentemente e que sejam vivenciados sentimentos comuns expressos em atos corriqueiros no dia-a-dia dessas pessoas. Esse momentos ritualísticos que, antes de tudo, são os meios do grupo social se reafirmarem periodicamente, envolvem as orações, as músicas e a alimentação coletiva. Têm o papel de união das diferentes gerações em prol do mesmo ideal, de modo a reforçar a comunhão entre familiares e a comunidade.

Essa festa reúne todos os anos centenas de pessoas que deixam suas moradas, suas rotinas e se deslocam para Santa Cruz de Goiás para viverem a festa do Divino Espírito Santo. Outrora se deslocavam a cavalo, de carro de bois, a pé; no presente, com maior facilidades de deslocamento, mesmo as pessoas do meio rural vão de carro ou de ônibus. Fato é que se reúnem e muitos residem na cidade por alguns dias em casas que conservam para essa finalidade, outros se hospedam em pousadas ou em casas de parentes. E muitas pessoas das cidades circunvizinhas vão e vem nesse transitar festivo. Assim, “conservam e, ao mesmo tempo, reinventam tradições” (D’ABADIA, 2014, p.48).

A essência desta festa é a promoção da fraternidade e igualdade entre os membros da comunidade santacruzana. É um momento de entusiasmo entre os fiéis, alguns que creem na intervenção do Divino Espírito mediante os pedidos feitos e outros que já alcançaram as graças é o momento dos agradecimentos. A crença no auxílio do Divino Espírito é o que motiva os fiéis a participarem com tamanha devoção nesses festejos.

Confirma-se que as pessoas do lugar possuem uma acentuada “crença no poder do Espírito Santo”. Por esta razão, ele é coletivamente festejado através da combinação de modos diversos de culto e homenagem – tanto religiosos, quanto profanos – através dos quais a população local comemora sua crença e “seu santo”: pagando votos feitos ao Divino e homenageando o Espírito Santo. (BRANDÃO, 1978, p.65).

A festa é uma mistura do sagrado e do profano, à medida que desperta sentimentos distintos em cada grupo: para os religiosos católicos, representa instantes de fé, louvor e adoração ao Divino, ajuda no cumprimento de seus votos e promessas realizados durante o ano todo em momentos de necessidades; para os representantes de outras religiões ou aqueles que não se vinculam a nenhuma religião, significa momentos de lazer mediante as mudanças que ocorrem no comércio e nas noitadas festivas, ou seja, representa momentos de inserção social. (*Grupo Focal Itinerante*, 08-09/06/2014).

No tempo da festa é visível o tempo profano e o tempo sagrado. Para Eliade (1999), o tempo sagrado é aquele que “[...] se manifesta na festa do ano precedente ou na festa de há um século: é o tempo criado e santificado pelos deuses por ocasião de suas gestas que são justamente reatualizadas pela festa” (ELIADE, 1999, p.63). A sacralidade muda o cotidiano da cidade. Na proporção em que vão organizando-a, ruas ocupadas, a chegada de novos habitantes (mesmo que temporários), as barracas comerciais e de atrativos de jogos e brinquedos. Todo um processo de alterações que acontecem a cada ano, envolvendo a população urbana e rural, é percebida e vivida.

No propósito de festejar é que as pessoas se permitem sair da rotina e materializar os espaços sagrados e profanos nos rituais festivos e de celebrações. “Assim é criada no espaço uma materialidade que se relaciona ao prazer, a gratidão, ao regozijo, à alegria, sentidos e vividos pelo homem enquanto ser festivo e vivente” (D’ABADIA, 2014, p.50). Essa materialidade pode ser observada nos serões realizados para a organização e para a vivência da festa, num processo de novas invenções e reinvenções das possibilidades apresentadas e vividas a cada ano, nessa teia de laços vivificados.

Conforme Brandão (1978, p.9), “[...] a festa restabelece laços. [...] Estou sólida e afetivamente ligado a uma comunidade de os-outros que cruzam comigo a viagem do peso da vida e da realíssima fantasia exata das festas que nós fazemos, para não esquecer isto.” Os festejos do Divino Espírito Santo estão desse modo presentes na vida das pessoas, estabelecendo parâmetros de mediação entre si e os outros, que visitam a cidade nestes dias festivos.

Salientamos ainda que, a festa tem um sentido de ruptura com o dia-a-dia das pessoas, embora dele faça parte, o enriqueça com elementos culturais e fortaleça os liames sociais. Nas festas, as pessoas se soltam para além de si mesmas, porque são ocasiões cheias de significados para as pessoas, que se alimentam de uma só vez o corpo e alma, nos regozijos das orações e das comemorações fraternas. “Nessas comunidades as festas eram um acontecimento coletivo, voltado para a participação dos grupos tanto na sua elaboração, quanto na sua execução [...]” (D’ABADIA, 2014, p.46). Coletividade ressaltada desde a limpeza na cidade, o pintar dos meio-fios, a poda das árvores, o armar das barraquinhas com iluminações coloridas, as novenas, procissões, danças, folguedos, a Cavalhada com as escaramuças e corrida da argolinha, os mascarados que amedrontam algumas crianças ou alegam outras tantas, que já se habituaram com seus trajes e trejeitos extravagantes.

Muitos moradores, parentes e turistas se instalam nas barracas para comer e beber e fazer pilhérias. É a típica festa de rua de Santa Cruz de Goiás, com shows e rezas que agradam religiosos e profanos. Os santacruzanos empenham-se o ano inteiro para a realização dessa festa tradicional na Região da Estrada de Ferro em Goiás. Durante a festa, se não pode faltar o Batuque, a Alvorada, a Folia, nenhum elemento que compõe toda a Festa do Divino (*Grupo Focal Itinerante*, 09/06/2014). Todos buscam na realização de cada momento referendar seus votos de fé e louvor aos seus santos milagreiros, numa devoção bicentenária e na organização dos momentos festivos.

A expressão dessa celebração é percebida no movimentar dos fiéis que aglutinam no entorno da igreja, durante as celebrações, como “[...] força máxima de expressão

vivenciada pelos rituais de uma religiosidade popular e de um encontro de lazer, garantindo ao lugar uma característica especial que marca e reproduz a festa [...]” (D’ABADIA, 2014, p.160).

Desse modo, pontuaremos os momentos religiosos, culturais e folclóricos, que fazem parte da Festa do Divino Espírito Santo de Santa Cruz de Goiás, de modo a analisar as particularidades de cada um. Festejos de caráter sócio-religioso, mas sustentado pelo trabalho, doações de seus devotos e apoio da Prefeitura Municipal, juntamente com o governo Estadual.

Nos próximos capítulos, será feita a descrição de cada momento da Festa do Divino de Santa Cruz de Goiás, os quais serão elencados de modo sequencial, assim como acontecem nas cerimônias, em cada espaço e no tempo previsto, de acordo com a programação da Festa no ano de 2014, em apêndice.

CAPÍTULO II - OS FESTEJOS DO DIVINO ESPÍRITO SANTO EM SANTA CRUZ DE GOIÁS – Um Universo Rico de Manifestações Culturais

Este capítulo tem por objetivo apresentar o contexto histórico e cultural, que envolve as programações embutidas nos festejos do Divino Espírito Santo em Santa Cruz de Goiás. E por meio da análise dos dados coletados serão descritos cada momento dos festejos neste processo contínuo de persistência cultural. Para tanto, a metodologia utilizada nessa construção fundamenta-se nos apontamentos teóricos da História Cultural, utilizando dois procedimentos metodológicos distintos e que ao mesmo tempo se entrecruzaram na pesquisa de campo para a coleta de dados. Desse modo, trabalhamos com a Observação Participativa e com o Grupo Focal Formal e o “Grupo Focal Itinerante”.

Nos orientamos nos apontamentos de Pesavento (2008), quando afirma que a “instância cultural” pode ser compreendida como a produção de sentidos sobre aquilo que foi construído pelos nossos antepassados. Buscou-se nesse caminho, construir uma versão da Festa do Divino de Santa Cruz de Goiás, pontuando-a como um universo cultural que vivencia tradições e os significados a ela conferidos.

Para Barros (2005) o cotidiano está todo inserido inquestionavelmente no campo da cultura, de modo que, corroborando com Pesavento (2007), ao identificar a História Cultural e percebe-la como um domínio de tensão e flexibilidade que envolve os distintos campos de percepção de mundo. Tem-se nos diversos momentos religiosos e folclóricos desta festa um amplo cenário a ser explorado, de modo intencional em cada movimento, em cada celebração, nas rupturas, nas permanências, apropriações e agregações, manifestas ou latentes. Pesavento (2008, p.42) argumenta que a História Cultural propõe “[...] decifrar a realidade do passado através das suas representações, tentando chegar àquelas formas, discursivas e imagéticas, pelas quais os homens expressaram a si próprios e o mundo”. Assim, procuramos enfatizar a descrição das vivências cotidianas aliadas à sensibilidades das manifestações populares tradicionais.

História Cultural constitui-se em um procedimento, em que o pesquisador faz uma leitura de tempos passados, o qual pode se mostrar de modo enigmático pelos filtros que o passado interpõe (PESAVENTO, 2008). Mas ao mesmo tempo permite uma ampla visão do processo histórico, não se limitando apenas no estudo da produção cultural propriamente dito, mas, também realizando estudos amplos envolvendo os determinados grupos sociais como um todo, na sua dimensão cultural de pluralidades que são objeto de pesquisa. Desse modo, trabalhar com esse método, permite nos colocarmos como investigadores, em busca de

desvendar um enigma na coleta de dados que vão aos pouco desvendando segredos, (GINZBURG, 1991). O desafio se faz de um estudo do presente com olhar investigativo no passado que será visualizado em diversas fontes como: crônicas de viajantes, observação de memorialistas e folcloristas que trabalharam com essa temática, imprensa leiga e religiosa, usando os recursos da iconografia e da tradição oral pela realização de Grupos Focais e outros meios que nos possibilitarão investigar parte do patrimônio cultural desta localidade.

Para Chartier (1990, p.17) a História Cultural “[...] tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade cultural é construída, pensada, dada a ler.” As festividades do Divino de Santa Cruz de Goiás, nesse sentido, deve considerar os costumes, as práticas e os aspectos sócio- econômicos relacionados a ela, assim como o impacto social nesta comunidade.

De modo, que esse estudo teve uma preocupação com o social mais amplo. Lembrando que a História Cultural pontua “noções” ou “quase conceitos” quando estes aproximam e constroem conhecimentos científicos antes não bem demarcados (BARROS, 2005). A Observação Participativa possibilita essa aproximação com o objeto de pesquisa, quando tivemos a possibilidade de nos colocarmos ao lado dos atores destes festejos e vivenciar os diversos momentos da festa.

A realização de pesquisas com a metodologia da Observação Participativa, implica um tempo longo de observação do objeto de pesquisa, numa postura para adquirir a credibilidade dos elementos que compões esse objeto de pesquisa. Outro fator elementar é o tempo nas pesquisas que envolvem a análise do comportamento individual e da ação dos elementos enquanto grupo, sendo necessário um longo período de observação. (WHYTE, 2005).

O método da Observação Participante permite, ainda, chegar a respostas subjacentes ao comportamento e ao discurso dos elementos observados por determinados contextos. Isso é factível porque o observador vivencia por determinado tempo a observar experiências e vivenciar essas experiências com seus atores tal como se você um elemento do fenômeno pesquisado. (BERRENMAN, 1990).

Cabe ao pesquisador gerenciar esse encontro com os pesquisados de modo que, possa reconhecer e conhecer as redes de relações que são demarcadores hierárquicos locais e que compõem essas relações de poder e de estrutura social da localidade onde está inserido seu objeto de pesquisa. Na Observação Participante a presença do pesquisador deve ser justificada com antecedência, pela relevância da pesquisa e pelo fato da necessidade de sua aproximação com seu objeto de pesquisa. Impõe a interação pesquisador e pesquisado, a coleta dos dados, informações, respostas às indagações, dependem do relacionamento do pesquisador com o grupo estudado. (WHYTE 2005).

Nesse propósito o pesquisador deve manter uma postura de distanciamento bem definida, de modo a não enganar os outros elementos que no caso são os pesquisados. Ao pesquisador cabe manter-se enquanto observador e não interferir na postura dos observados. Assim como pontua Whyte (2005, p.304) “Aprendi que as pessoas não esperavam que eu fosse igual a elas. Na realidade estavam interessadas em mim e satisfeitas comigo porque viam que eu era diferente.” Vê-se que os passos do pesquisador são observados por todo o grupo pesquisado e até mesmo controlados pelo mesmo. Ao mesmo tempo que observa, o observador é por sua vez observado.

A pesquisa com o método da Observação Participante implica em saber ver, ouvir e escutar. É a utilização de todos os sentidos ao mesmo tempo, numa busca por todos os detalhes e imagens que verifica a sua volta. O observador precisa saber quando perguntar e quando não perguntar bem como, que perguntas deverão ser feitas e a que horas deverão ser feitas. (WHYTE, 2005).

Esse método permite construir uma forma de obtenção de informações detalhadas junto ao grupo pesquisado, no qual o pesquisador é envolvido a esse conjunto de comportamentos vivenciado pelo mesmo. Tem, portanto, como objetivo a obtenção de dados sobre o objeto de pesquisa, por meio do contato direto e em situações específicas de modo a inibir qualquer possibilidade de distorção do fato.

Embora o cotidiano repetitivo é frequente nestes momentos, esse método é uma forma pela qual o pesquisador penetra no “mundo” dos participantes de modo singular. O pesquisador deve ser persistente, pois é nesse cotidiano repetitivo que muitas das vezes dados importantes podem vir à tona. O diário de anotações é imprescindível, disciplinado pela constância da observação. O pesquisador faz anotações sistemáticas e sua frequente presença com o grupo, por sua vez, gera um clima de confiança e familiaridade. (WHYTE, 2005).

Nessa pesquisa a Observação Participante aconteceu mediante a presença nos diversos momentos de preparação e realização dos festejos do Divino. Como complemento a essa observação, lançamos mão do método do Grupo Focal. Num primeiro momento realizamos os grupos focais formais, programados e de modo geral com um roteiro pré-estabelecido. Depois à medida que fomos participando de cada momento da festa realizamos o método que daremos o nome de “Grupo Focal Itinerante”, ou seja, sempre que acompanhávamos a realização de cada manifestação folclórica que envolve a Festa do Divino de Santa Cruz de Goiás realizávamos com aquele grupo em ação os procedimentos aplicáveis tanto do Grupo Focal quanto da Observação Participante.

No momento da utilização do método dos Grupos Focais compõem-se cada vez mais o cenário nas pesquisas qualitativas. Para Gatti (2005, p.12) o Grupo Focal é: “[...] uma técnica de levantamento de dados muito rica para capturar formas de linguagem, expressões e tipos de comentários de determinado segmento [...]”. Essa ferramenta apresenta particularidades e peculiares que é a influência mútua. São características do Grupo Focal possibilitar o entendimento das várias e diferentes percepções, das atitudes das pessoas acerca de um determinado fato, de práticas culturais e do produto desse extrato cultural. Essa técnica “Pode ser considerada uma espécie de entrevista de grupo, embora não no sentido de ser um processo onde se alternam perguntas do pesquisador e respostas dos participantes.” (LERVOLINO, 2001, p.116). O Grupo Focal consiste exatamente na interação do pesquisador com os participantes do grupo, muito mais pela adesão coletiva aos temas e às questões que sujam espontaneamente no grupo participante.

Segundo Gatti (2005), essa técnica foi empregada pela primeira vez na década de 1920 por R. Merton, numa pesquisa de marketing e faz uma evolução da sua utilização ao longo das décadas seguintes do século mencionado, porém, sendo adaptada para uso científico nos anos 1980. Hoje vem sendo muito utilizada nas pesquisas de Ciências Humanas e Sociais.

Essa nossa pesquisa, num primeiro momento, organizamos um roteiro com a finalidade de nortear e estimular a discussão, de modo que não se perca a flexibilidade, de acordo com o momento e o direcionamento da discussão. Foi necessária uma fundamentação teórica quanto ao tema discutido e ao mesmo tempo com os procedimentos técnicos do método. O segundo momento foi o da escolha do grupo, de seis a dez participantes que estavam envolvidos na organização e na realização dos festejos do Divino Espírito Santo. Segundo Gatti (2005, p.19) “[...] nessas escolhas, o conhecimento e o julgamento do pesquisador é que irá balizar a composição do grupo”. As pessoas escolhidas, nesse estudo, representam diferentes seguimentos sociais e funções nos festejos.

Os Grupos Focais Formais foram realizados na Pousada Imperial, em Santa Cruz de Goiás, de propriedade da senhora Maria das Graças Rodrigues. Lá nós recebemos os convidados que se acomodaram em torno de uma mesa. Apresentamos a eles a utilização de diferentes recursos técnicos como as gravações, anotações e as transcrições. Na acolhida dos participantes, fizemos uma apresentação do tema da pesquisa e dos objetivos, de sua escolha, e de forma sucinta uma breve apresentação da pesquisa².

² Em relação aos registros, foram realizados por dois relatores, (dois acadêmicos do Curso de Licenciatura Plena em História da UEG, UnU de Pires do Rio-GO: Carolina Silva Barbosa e Daniel Augusto Silva Hipólito, ambos cursando o 3º ano em 2014). Enquanto um gravava o outro foi anotando as nuances da expressão facial, tonalidade de voz, gestos, buscando registrar o máximo de informações relevantes para o trabalho (**Grifos nossos**).

Utilizamos também a gravação de imagens, tendo a cautela de não constranger os participantes do grupo. Considerando que mesmo com as gravações, são também interessantes as anotações por se fazer de detalhes que poderão completar alguma fala, ou mesmo compreendê-la melhor. Gatti (2005) se coloca favorável ao registro por este possibilitar redesenhar caminhos de valoração e de construção das ideias pontuadas pelo grupo: “A coleta de dados deve permitir retratar caminhos de construção e de valoração de ideias no grupo, logo depois do final de cada sessão ou grupo, se houve interrupções”. (GATTI, 2005, p.28).

Realizamos ainda o que denominamos de “Grupos Focais Itinerantes”, que foi uma metodologia por nós adaptada. Na medida em que o método foi aplicado no percurso da Folia do Divino Espírito Santo no meio rural. Consideramos a importância em realizar registros orais, imagéticos e filmísticos de cada visita, tanto com o grupo dos foliões no qual eu estava inserida, quanto com os anfitriões da folia e seus vizinhos que hora estavam-lhes visitando pelo fato da acolhida e visita da Bandeira do Divino.

Desse modo foram realizados vários “Grupos Focais Itinerantes”, com os componentes da Folia, do Batuque, da Mesada do Divino e com cavaleiros integrantes da Cavalhada. Foram ainda realizados no momento da Visita do Divino ou seja, nas novenas, nas procissões, nos momentos dos leilões, nos ensaios da Cavalhada e no momento do Coronel, nos dois dias da apresentação da Cavalhada, bem como com várias pessoas em relação a participação da mulher e do jovem nesta festa. A realização desses “Grupos Focais Itinerantes” nos permitiu a coleta de dados minuciosos e pormenorizados de cada momento da festa, considerando a diversidade de atores envolvidos na festividade. Isso exigiu-nos muito tempo, pelo roteiro amplo da festa³.

Por quase 200 anos⁴ Santa Cruz realiza a Festa do Divino Espírito Santo, buscando acolher os fiéis devotos do Divino, nessa tradicional manifestação festiva de Pentecostes. São muitos os preparativos que na realidade iniciam no ano anterior no encerramento da Missa do Divino quando anunciam o Imperador ou festeiro do próximo ano. Escolhido os festeiros, visto que em Santa Cruz a Festa do Divino é conjugada com a de Nossa Senhora de Fátima e a de São Benedito, portanto, são escolhidos, ou sorteados três casais festeiros para o ano seguinte.

³ Foi um esforço tremendo o de conseguir sair da condição de participante da festa enquanto visitante anual da mesma e da proximidade com a maioria de seus atores e nos colocar enquanto pesquisadora, tive que distanciar do objeto de pesquisa em muitos momentos para poder entendê-lo e melhor descrevê-lo nessa dissertação (**Grifos nossos**).

⁴ De acordo com o Grupo Focal “Itinerante” do dia 08/06/2014, no ano de 2016 completam 200 anos dos festejos do Divino Espírito Santo de Santa Cruz de Goiás.

Então, mãos à obra. Seguem os preparativos, organizações, reuniões e mais reuniões, hora o grupão de responsáveis. Hora cada grupo de cada comissão. De modo que, para Brandão (1985, p.170).

Para renovar todos os anos uma festa de oscilação constante entre o sagrado e o profano, guardando propósitos confessados de culto e louvor festivo a um santo padroeiro, os seus promotores produzem sequência de situações rituais que variam em cima de uma mesma base de princípios de atuação.

Num primeiro momento, organizam os rituais da Folia do Divino que por mais de um mês percorre grande parte das fazendas, algumas cidades vizinhas e quase toda a cidade de Santa Cruz, recebem a Bandeira do Divino. Depois são as visitas do Divino, ou seja, as novenas realizadas em nove casas, seguidas pelo Tríduo que são as celebrações realizadas na Matriz, cada dia dedicada a um dos Santos, iniciando com Nossa Senhora de Fátima, depois São Benedito e no final a do Divino.

Nestes dias da Visita do Divino, são vivenciadas diversas situações ritualísticas de cunho religioso e profano que se misturam de forma que, fica difícil de identifica-los separadamente. São momentos culturais em que são visualizados: dramas litúrgicos, folguedos folclóricos, encenações de lutas e competições, danças, músicas, procissões, novenas e levantamento dos mastros com as bandeiras de cada santo homenageado. Momentos de fé, louvores e devoção.

Após cada visita aos lares, acontecem os momentos de rituais não católicos que são os leilões. Depois seguem as procissões que acompanham a imagem do Divino ao lar que o abrigará até o próximo dia, também observamos nestes momentos muita comilança e bebedeira. Nos dias do Tríduo é realizado também o hasteamento das bandeiras, cada uma ao lado da outra, vão desse modo, compondo um cenário de sacralidade à frente da Igreja.

São festas que geralmente atraem muitos fiéis e foram adaptadas desde a colonização, embora sua origem seja datada do período medieval, em que na Europa eram celebradas e segundo Bonetti (2004, p.12),

As festas da religiosidade popular e a dança, que são parte de uma antiga herança europeia, fazem parte das práticas do homem pré-cristão ao celebrar momentos importantes na comunidade. Estas práticas, reelaboradas com o cristianismo, foram utilizadas para interagir as culturas distintas que estavam sendo colonizadas no mundo novo.

A festa do Divino geralmente acompanha o calendário católico de Pentecostes e é cheia de rituais numa mostra da religiosidade popular:

Esta festa e todos os rituais da religiosidade popular, conhecidos como dramas litúrgicos acrescidos de canto e dança tiveram origem com o Teatro Cristão de catequese, fazendo dele um grande ritual criado pelo imaginário popular. Estas cidades revivem este ritual através da memória do seu povo, que é transmitida oralmente por gerações e reflete na identidade do grupo social que o elege. (BONETTI, 2004, p.14).

Tanto as danças, os folguedos folclóricos como os jogos e as folias, são representações ritualizadas e dramáticas que foram reproduzidas num contexto de simplicidade em que reuniram e diversificaram-nas no contexto dessa comunidade santacruzana.

2.1 “Agora Ocês Vão Entrar, Tomar uma Água, um Vinho, por Favor, Entrem. É a Folia do Divino de Santa Cruz de Goiás”

Em Goiás existem diversas localidades onde acontece a Folia do Divino. Porém as primeiras notícias desta Folia do Divino em solo goiano, são do início do século XIX, nos registros do naturalista francês Saint-Hilaire. De acordo com Silva (2002, p.57).

Em julho de 1819, ao voltar de Goiás para São Paulo, passando por Meia Ponte, ele atravessou a floresta chamada “Mato Grosso de Goiás” e, encontrou homens a cavalo, um deles com uma bandeira, outro com um violão e outro com um tambor, os quais levavam burros carregados de provisões. Era a folia do Divino que saía de Curralinho a arrecadar donativos para a festa a se realizar em agosto.

Embora o objetivo desta folia seja o mesmo nas diversas regiões goianas, que além de coletar donativos, como também prestar homenagem ao Espírito Santo é festejar o encontro com os amigos. O que diferencia umas das outras, são os momentos da folia depois do ritual sagrado, que são as brincadeiras dos foliões, as danças que em algumas regiões acontecem. As mais conhecidas são “Catira e o Xá”. Em outras são os forrós ou bailes da roça e em outras regiões nem acontecem mais os pousos devido a facilidade de ir e vir pelos transportes oferecidos pelas prefeituras municipais como é o caso de Santa Cruz de Goiás, onde hoje ocorre mais festejos do Divino no meio urbano e não mais no meio rural como foi no passado (BONETTI, 2004).

No início do século XX em Goiás a igreja proibiu essa folia como as outras (de Reis, de São Sebastião, de São Benedito, e outras), numa tentativa de coibir os abusos do uso do álcool e outros excessos. Porém, essa tradição persiste tanto no campo como nas cidades e continuam vivas mediante a cultura secular passada de geração a geração (Grupo Focal do dia 15/05/2014).

2.1.1 Os preparativos da Festa

Os rituais dos festejos do Divino iniciam com a organização das residências que receberão a visita da Bandeira do Divino, “[...] a trinta e três residências, em homenagem aos trinta e três anos que Nosso Senhor Jesus Cristo viveu na Terra.” (ALVES, 1983, p.42). Ainda hoje essas visitas acontecem, são chamadas de Folia do Divino. Em cada residência visitada, são realizados cânticos e orações e contam com uma refeição farta, seja no café da manhã, no almoço, ou no lanche da tarde e hoje não visitam tão somente 33 lares, mas tantos quantos os convidam ou o grupo dê conta de visitá-los.

Um ritual que tem por iniciativa a programação realizada por pessoas da cidade que visa estender as cerimônias religiosas da Festa do Divino à toda comunidade urbana e rural, bem como em municípios circunvizinhos que vão sendo envolvidos pelos cantos e rituais da Folia do Divino tanto no campo religioso quanto no sentido profano que são mesclados nos movimentos e nas ações de cada folião.

Os foliões iniciam sua trajetória no meio rural. Põem-se a caminho, pequeno cortejo de instrumentalistas e cantores. Primeiro percorrem as fazendas que foram anteriormente escolhidas para essa visita, procurando pontos estratégicos das diversas regiões do município de modo que, ao visitar uma fazenda ali ocorre o encontro de uma comunidade religiosa do meio rural ou que possa ao oferecer estrutura receber os diversos fiéis da região em um só momento. De acordo com o trabalho memorialista de Paraguaçu e Curado (2014, p.144) em se falando de folia em Santa Cruz: “[...] para alguns, é apenas divertimento, farra, bebedeira, algazarra, não passa de expressão caipira e inculta. [...] é devoção; carrega o espírito religioso; evidencia uma situação bem interessante, na aglomeração de adeptos e devotos [...]”.

Antes essas fazendas visitadas ofereciam pouso aos foliões que geralmente faziam esse percurso a cavalo ou mesmo a pé. Hoje não mais assim, a prefeitura municipal por meio

da Secretaria de Cultura oferece ônibus que transportam os foliões que vão e retornam todo final de tarde de suas andanças. De acordo com Brandão, as folias rurais, de hoje, conservam os mesmos rituais e ao percorrerem as fazendas, chácaras e os sítios realizam as cerimônias religiosas, as cantigas e recolhem donativos e costumam “[...] pedir pousada nos lugares mais distantes, rezar terços e mesmo realizar bailes “dominados por catiras nos locais onde a folia pousa.” (BRANDÃO, 1976, p.35).

Os foliões fazem seus giros pelo distrito de Santo Antônio do Rio do Peixe e por cidades vizinhas após o giro no meio rural. Nos últimos dias que antecedem a Festa os foliões percorrem a cidade, procurando visitar a maior número de famílias de modo que, tanto no campo como na cidade e na região mais próxima todos recebem o anúncio da Festa do Divino e nessa ocasião do giro da Folia do Divino, vão angariando donativos para a realização da festa.

2.1.2 A chegada da bandeira do Divino

Em Santa Cruz a Folia do Divino é realizada por um grupo de foliões somente. No período do giro da Folia, é carregada por dois alferes a Bandeira do Divino que é de cor vermelha com a imagem do Divino representada pela pomba branca, pintada no centro da bandeira. Vão percorrendo as diversas fazendas, e casas de famílias dos fiéis e nesses lugares de “petitórios”, os foliões são sempre recebidos com muita emoção e comoção.

A folia é geralmente recebida na porteira de entrada das fazendas ou nas portas da sala nas residências urbanas pelos moradores, seus familiares e convidados, sempre em atitude de muito silêncio e respeito. “A chegada do giro é um momento religioso de fé, louvor e adoração ao Divino”.

O dono(a) da casa recebe a Bandeira e enquanto os foliões cantam, levam a Bandeira por todos os cômodos da casa num ritual de orações silenciosas e agradecimentos ao Divino Espírito Santo. Na maioria das visitas, terminada a cantoria inicial, segue a reza do terço, em algumas ocasiões o terço é cantado, depois continuam com as cantorias de agradecimentos à mesa farta que é realizado louvando e agradecendo em torno da mesa posta.



Figura 03: Chegada da Bandeira do Divino na zona rural.
 Fonte: REZENDE, Liberalina Teodoro de. Junho/2014.

A figura 03 mostra a chegada da folia do Divino na fazenda do Senhor Joaquim Alves da Silva, no dia 01 de junho de 2014. Podemos observar que a Bandeira chega à frente com a imagem do “Pombinho Branco” que representa o Divino Espírito Santo na cultura popular. Ao fundo o ônibus da prefeitura municipal que faz essa parceria com os foliões e os levam em todas as visitas do Divino no meio rural. Pode ainda observar uma foliã vestida de branco com uma sacola colocada no pescoço, é esta foliã (tesoureira da folia) a responsável para receber e guardar os donativos ofertados pelas famílias visitadas, tanto no meio rural quanto na cidade. A foliã que recolhe os donativos, geralmente em espécie, no final da folia, quando levam a Bandeira até a Igreja ela faz a prestação de contas e a entrega desses donativos ao pároco, que serão usados na organização da própria Festa.

Na pesquisa observamos que, em cada casa visitada, sempre ganham donativos. Utilizam uma expressão para justificar a solidariedade da comunidade para com a Festa: “ninguém é tão necessitado que não possa oferecer algo ao Divino pois todos se sentem devedores pelos vários benefícios recebidos durante o ano todo.” Nessas andanças, a Folia vai de porta em porta, no campo, na cidade, em seu derredor, ao som das músicas entoadas pelos foliões, recolhendo donativos. A falar da chegada da Festa, a acolhida é sempre com alegria, emoção. O cafezinho, as esmolos, tudo se pede cantando e louvando ao Divino Espírito Santo.

Para cada momento apresentam cantigas, cada situação é muito carregada de simbolismo que envolve o universo folclórico e tradicional desta festa. Ao acompanhar vários dias com esta folia, observamos que esse é um ritual em que os foliões se entregam, sem correrias, sem cansaço. Tanto nas fazendas como nas cidades, os foliões se colocam alegres e demonstram envolvimento com o evento. Para os memorialistas, mais do que uma atividade religiosa, ocorre nos festejos o reforço dos laços sociais: “Em cada rua, em cada casa, por onde a folia passa, há o (re)encontro de amigos, parentes, visitantes e, principalmente, a reafirmação da fé dos devotos [...]”. (PARAGUASSÚ e CURADO, 2014, p.145).

Durante a pesquisa de campo percebemos a importância das cantigas e da musicalidade nessas festividades. Destacamos o “Canto da Entrada da Bandeira do Divino” no ato de louvor e rendição de graças pela doação ao mesmo tempo que de súplicas e bênçãos ao devoto doador, quando cantam: “A bandeira acredita, que a semente seja tanta, que essa mesa seja farta, que essa casa seja santa, ai, ai” (parte desse canto de entrada da bandeira, um canto de domínio público). Este trecho evidencia a sacralidade da folia do Divino, a devoção dos foliões concretizada a crença na abundância da produção. É a convicção de que o pão será concedido a mãos cheias pelo Divino.

Também, “Quando os três Reis magos, que seguiram a estrela guia. A Bandeira segue em frente, atrás de melhores dias, ai, ai. No estandarte vai escrito, que ele voltará. Que o Rei será bendito, Que ele nascerá do povo, ai, ai” (domínio público), neste trecho do “Canto da entrada da Bandeira do Divino”, observa-se que é uma recomendação ao devoto a perpetuar a devoção, até a volta do “Rei bendito”. Isso evidencia uma preocupação quanto à manutenção dessas festividades como traços de uma comunidade em fortalecer os laços sociais, em unificar os seus concidadãos no espírito religioso e na devoção. Também para determinados valores como a fatura exposta na “mesa farta”, na congregação de ideais e na junção de quererem embalados pela fé.

Esta música contém elementos simbólicos da coesão social e da devoção religiosa, apresentando a alegria dos foliões por estarem sendo recebidos pelos donos da casa, e de louvor dos anfitriões por estarem sendo visitados pelo Divino. A devoção e a diversão, são elementos do festejo apoiados pela música e também motivadas pela abundância de comidas, bebidas e foguetório. Essa Folia mobiliza um número considerável de fiéis em torno da Bandeira, principal símbolo da Festa do Divino. Então há um peso considerável em se falando do papel dos foliões em relação aos festejos agregado ao papel da Bandeira do Divino o que é reforçado nos grupos sociais pela sua visita.

A unidade social é reforçada nos festejos pela apropriação individual e coletiva na simbologia da Bandeira do Divino por meio da peregrinação dos foliões devotos. Essa peregrinação juntamente com os demais rituais religiosos e folclóricos da Festa , vão costurando e tecendo esta colcha de retalhos da cultura santacruzana e também da região que é formada pela população limítrofe.

2.1.3 O papel dos tocadores da Folia

Esta festa chama a atenção por apresentar alguns elementos bastante peculiares, o que a diferencia das demais, principalmente no tocante às agregações sofridas ao longo dos anos o que a caracteriza como única. O grupo dos tocadores da Folia era composto tradicionalmente por homens que tocavam os instrumentos. Mas atualmente tem várias mulheres que participam do grupo, o que evidencia algumas transformações na mesma.

Os tocadores, são os responsáveis pelas cantorias e juntamente com a Bandeira são os símbolos que sobressaem durante as visitasões. Há quem diga que sem a música seria impossível a folia acontecer. A música atua como símbolo social que vão além dos seus aspectos exclusivamente sonoros Pinto (2001), e deve ser considerada pelas funções sociais e de integração que ela exerce no acontecimento cultural. Isso pode ser percebido nas festividades do Divino em Santa Cruz. A musicalidade teria uma função integradora e aproxima aos envolvidos, mesmo que as músicas sejam de outras épocas. Talvez esse contexto atemporal é o de reforçar esses laços integradores.

Os tocadores da folia do Divino tem muita representatividade nestes festejos do Divino. São os músicos que animam a folia, geralmente tocam vários instrumentos: bumbo, tarol, surdo, triângulo e outros mais. Entoam as cantigas ritmadas que ao mesmo tempo tem acordes melancólicos e alegres, mas que dão vida à Folia. De acordo com o Grupo Focal, as músicas da Folia do Divino, tem uma simbologia que reporta ao sagrado e ganha uma misticidade ao dizerem que essa música espanta os maus espíritos para que tudo saia a contento e os festejos do Divino transcorra em paz (grupo Focal Itinerante, 03/06/2014).



Figura 04: Os Tocadores da Folia do Divino: um elo forte entre a comunidade, a religiosidade e a conformação de sociabilidades.

Fonte: REZENDE, Liberalina Teodoro de. Junho/2014.

A relação da comunidade com a folia do Divino é intensa na medida em que ela circula por toda a região rural e urbana e também circunvizinha (Figura 04). De forma estrutural a visitação da Bandeira do Divino é composta por uma devoção muito intensa. Tanto foliões quanto os anfitriões vivem esse momento do sagrado e as músicas que geralmente caracterizam cada momento de modo invariável é a abertura para os momentos de descontração, de confraternização e socialização, numa relação festiva e atemporal.

Os tocadores da folia levam com os foliões a Bandeira de casa em casa e ligam num único momento a Bandeira e a cantoria. São características históricas em Santa Cruz de Goiás, a existência de músicos, cantores populares que atravessaram décadas realizando a Folia, e o Batuque. Esses tocadores reproduzem a cultura popular ligando passado e presente. São os tocadores que possuem a capacidade de deslocarem no tempo e no espaço, conectando-se ao passado na grande responsabilidade de interpretar e transmitir a emoção das músicas da Folia.

Nessa cantoria da Folia eles narram a chegada do Divino, louvando e agradecendo a acolhida em cada casa por onde o giro passa. A cantoria é o elemento fundamental de convocação dos fiéis para a participação na Festa do Divino. Na pesquisa podemos perceber a força da cantoria como elemento agregador, pois ela reacende o sentimento de pertencimento deste patrimônio, de forma mística se ligam ao religioso numa viagem ao passado que se faz

presente a cada ano em que a Folia acontece e reaviva a memória individual e coletiva vivida por todos os que peregrinam na Folia e os que acolhem os foliões.

Para melhor visualização, vale observar parte da letra da música “O canto de retirada da bandeira”, que fala do agradecimento e da despedida. Depois de pedirem licença para entrarem, louvar, agradecer e suplicar bênçãos para todos, é hora de ir embora, assim, cantam pela retirada da bandeira. Sempre com apontamentos de fé e devoção: “[...] Foliões aqui vieram, vieram cheios de alegria, pra pedir uma bênção, pra nossa virgem Maria” (domínio público). São momentos em que é visível a devoção e a comoção do grupo como um todo.

2.1.4 A integração dos jovens na Folia do Divino

Destaca-se a participação de muitos jovens na Folia do Divino em Santa Cruz de Goiás, e o envolvimento deles na continuidade e sustentabilidade desta tradição quase bicentenária. Esses jovens demonstram reconhecer e valorizam essa festividade como parte do patrimônio cultural da cidade (apesar de não utilizarem essa expressão). Desse modo, folclore e devoção se unem nessa tarefa, agregando gerações nos festejos do Divino. (Figura 05).



Figura 05: Participação dos jovens na folia do Divino, certeza de continuidade.
Fonte: REZENDE, Liberalina Teodoro de. Junho/2014.

No “Grupo Focal Itinerante” realizado no dia nove de junho deste ano de 2014, com os jovens foliões eles reforçaram que conhecem estórias antigas da Folia e como ela se apresenta atualmente: segundo o grupo, antes tinham 40 dias de festas, hoje já tá vivendo nove dias, o Tríduo era cheio de gente hoje é bem menos. Antes era 33 dias de Visitas do Divino nas casas hoje são inúmeras casas visitadas. Mas em tom de surpresa sobre essa estória, eles declaram a vontade em manter as tradições.

Nas novenas que levam a imagem do Divino de uma casa para a outra, cada dia pernoitando numa casa onde unem o momento de religiosidade com o momento popular ou profano, por mesclarem as novenas com os leilões, bebidas e muito foguetório. Mas, para os jovens essa é uma maneira que a Igreja de Santa Cruz encontrou de aproximar a juventude e de envolvê-los nos eventos culturais, folclóricos e religiosos. Segundo o grupo isso permite a manutenção da tradição e da herança dos seus antepassados.

De acordo com a foliã Paula Cristina de Oliveira (32 anos de idade), que participa tanto da folia do Divino quanto da folia de Santos Reis. Sua participação nos festejos é uma demonstração de reverência à cultura local. Professora na região, ela utiliza os festejos como forma de ensinar a história e a cultura local. Pelos versos de uma poesia intitulada “Simples folia, a minha” utiliza a Folia também como função didática.

Começou do nada... Um violeiro chamou alguns de seus amigos,
E na alta madrugada, quando o grupo se formou,
Saíram a cantarem, comovidos.
Entre versos, risos e alegria,
Foram juntando os companheiros: Aprendizes de folia.
Para quem tem fé, nada é findável. O violeiro e cantador, meu pai, tudo começou.

Com muita dedicação: nosso amigo e divulgador “Luizão”
E a quem em sabedoria é rico, nosso mais velho divulgador: o Vô Zico
E outro que muita falta nos faz nosso amigo embaixador: Alberto da Paz.

Termino cantando com orgulho em poesia, a história de uma simples folia.

Sei que ninguém se esquece da casa onde a primeira folia foi realizada.
Na garganta fica um nó, porque já se encontra em sua eterna morada, a
Mãe do violeiro, Gerson, minha saudosa avó. (PARAGUASSÚ e CURADO, 2014, p.145).

Esses versos apontam sentimentos e entusiasmo mesclado ao compromisso com a tradição e a história local. Também percebem a lembrança de foliões e culturalistas, que pelo fazer, merecem ser lembrados pelas novas gerações.

Observamos ainda em alguns momentos recorrentes desta festa, na devoção que se mostra através os gestos, o beijar a bandeira, o ajoelhar-se e tocá-la, no ouvir e cantar as

músicas, enfim, uma grata satisfação em receber a Bandeira em suas residências, um misto de euforia e melancolia que se alia ao choro abundante. Na fisionomia das pessoas que se emocionam ao receber a Bandeira do Divino em sua residência, uma emoção no “Ato de receber as bênçãos”, no ofertório consagrado ao Divino. Nessa troca e interação que une uma comunidade, quando no giro da Bandeira de casa em casa, muitos deixam seus afazeres e acompanham as visitas. Qualquer tipo de ocupação, nada é mais significativo que sua devoção ao Divino. Todos querem comemorar a passagem da Bandeira, se visitam e se confraternizam.

Mapeando uma característica *sui generis*, em relação às festas populares brasileiras, (CAVALCANTE, 2013), mediados pelos símbolos da bandeira, das músicas e dos ofertórios, esses encontros e confraternizações constataam o significado dos mesmos para as pessoas. Um processo de simbiose entre o universo festivo e o universo do cotidiano dessas pessoas e é esse ordenamento de atividades que define e compõe o ritualismo desta Festa.

É pela dramaticidade que envolve a visita da Bandeira e pela simbologia das músicas que se formam nas pessoas, uma consciência de sua integração no grupo social que pertencem. De modo que, Da Matta (2000) pontua como sendo pela dramatização das ações que as pessoas podem tomar consciência das relações sociais, dando sentido e singularidades específicas a elas. Nessa rede de significados os rituais das festas populares objetivam encontros, trocas, renovações que fortalecem os laços sociais de uma comunidade, ou de um grupo. Para essa legitimação é necessário amortecer ou que haja uma invertida nos papéis sociais que os integrantes destes festejos ocupem. Aí apresenta um ritual coletivo pelo qual a sociedade percebe-se a si mesma no contexto das relações sociais. (DA MATTA, 2000).

Nesse contexto referente às festas populares, Cavalcante (2013), completa pontuando que as festas encantam, atraem e integram a tantos quantos dela participam, sejam atuantes na mesma ou admiradores desta. Envolvendo a todas as camadas sociais, todas as etnias e também e ao mesmo tempo o sagrado e o profano. Não soluciona divergências e nem desigualdades, porém deixam visível uma coletividade que suprime as diferenças e regala-se nos louvores e na comilança da festa. Ao mesmo tempo em que é servido o café, o almoço ou o lanche pelos donos da casa, os foliões cantam louvando e agradecendo.

É evidente a euforia da população em receber a Folia do Divino em suas casas, semblantes carregados de emoção, lágrimas em meio às falas de agradecimento e louvores, uma tradição que passa de geração em geração “porque minha avó recebia a folia, minha mãe também continua recebendo e vamos estar sempre de portas abertas para receber a folia do Divino” (Grupo Focal Ambulante do dia 01/06/2014). Receber a folia do Divino significa externar a devoção que as pessoas têm, é como “se recebesse a luz do Espírito Santo”. É sempre essa alegria, essa comoção dos foliões. Quando eles chegam nas casas e seus moradores se transformam em atitudes de devoção e alegria.

A Folia de Santa Cruz recria anualmente todo esse simbolismo e a população tem tentado conservar essa tradição desde os tempos da mineração no século XVIII:

Então todo ser humano tem isso, esse simbolismo arraigado na alma como uma necessidade de sobrevivência. E Santa cruz tem muito disso, talvez por ser muito antiga, e talvez por ser um povo muito tradicionalista, então isso fica muito arraigado na cultura do povo aqui da cidade, dessa identidade santacruzana, tradicional.

Um folclore muito rico numa cidade que é muito pequena de poucos habitantes e que se mantêm aqui famílias tradicionais e conservam isso. Algumas pessoas naturalmente mudam da cidade da região mais voltam sempre e trazem consigo aqueles valores tradicionais culturais que eles têm da sua raiz familiar, então juntam essa atividade aqui de Santa Cruz com essa tendência das famílias mais antigas da região, do próprio município de preservar essas tradições, e formam uma sociedade mais fechada, e Santa Cruz tem uma sociedade muito fechada nesse sentido de receber os visitantes. (Grupo Focal Itinerante do dia 03/06/2014).

A leitura religiosa popular na Folia é profundamente significativa até para a sistematização da fé do ponto de vista teológico. Receber a Folia do Divino em suas residências é uma emoção muito grande, aguardam o ano todo por esse momento: “Agora ocês vão entrar tomar água, um cafezinho, um vinho, por favor, entre...” Em meio às cantorias, um cafezinho aqui, um copo de vinho ou cachaça ali, vão celebrando as homenagens ao Divino Espírito Santo, agradecendo aos donos da casa e colhendo os donativos que no final da Folia, a véspera da Festa é entregue ao pároco no momento em que os foliões são recebidos na matriz com a Bandeira do Divino.

Mudanças na folia vêm ocorrendo com o passar dos anos, embora existem divergências. Uns dizem que antes havia mais foliões e eram todos homens e mais velhos, hoje são menos participantes e apresenta um número bem maior de mulheres e jovens. Para outros, a participação hoje é bem maior de foliões, mas, que a presença de mulheres e jovens é mais frequente hoje. Fato é seja homens ou mulheres, sejam idosos ou jovens todos

acompanham essa Folia com muita devoção. Pode-se observar essa devoção no parecer de Silva (2003, p.107):

A caixa do Divino não engana ninguém. É som que reboia de quebrada em quebrada, de grota em grota. (...) De casa em casa, de fazenda em fazenda, a bandeira do Divino vai sendo beijada, de joelho, numa contrição impressionante, quando se ouve a cantoria do vaquejador e pasto da porta. A expectativa era grande dos capiaus e agregados. A tarde ia se fechando na sepultura do horizonte, quando ecoou ao longe, no travessão do mato, o batido de um tambor. Uma voz do oitão da casa gritou: É a folia! E os foguetes estrondearam no ar, com as roqueiras. E os foliões adentraram a curralama e saíram do pátio, onde entoaram o canto nostálgico. (...) Neste ponto da cantoria, o alferes entregou ao coronel a bandeira do Divino, e os foliões entraram na casa, cantando ao som das violas e pandeiros. Ao término da ritualística do canto foi servido a jantarella aos foliões, num banquete animado, à tripa forra, de grande fartura: leitão assada, cozidão, baião-de-dois, arroz Maria Izabel e carne-de-sol, de braseiro. O garrafão de cachaça passava de mão em mão. E ao final, depois de servido o doce de buriti, os foliões entoaram junto à mesa do jantar o bendito de agradecimento.

Nesta Folia, cujo papel dos foliões é o de representantes do Divino, são sempre bem recebidos nas casas que visitam, levando através as músicas e rezas a possibilidade de renovação de suas crenças aos visitados. “Uma visita do Divino representa a renovação da fé e o armazenamento da força para os enfrentamentos do dia-a-dia, para um ano todo.” (Grupo Focal Ambulante realizado no dia 01/06/2014).

Há um respeito muito grande pela Folia por parte dos foliões e da comunidade como um todo:

[...] antes de qualquer coisa a gente leva uma mensagem cristã e nada melhor que levar uma mensagem cantando né, e o nome folia não tem nada a ver com o significado próprio de bagunça nem nada, a folia quer dizer união então a gente faz essa parceria, eu gosto muito é muito importante pra cultura de nossa cidade, deveria ser até mais divulgada do que já é faço parte dessa folia nessa parceria e é muito bom, aconchegante. (Grupo Focal realizado dia 01/06/2014).

O que ocorre nos momentos da Folia é uma elevação ao cristianismo, enaltece o cristianismo, a presença Cristã no ser humano porque é a renovação do batismo a renovação da vida cristã e leva o Espírito Santo para cada ser, para cada lar visitado. Aí a compreensão quando dizem que ter a Folia em casa é uma honra muito grande, é muita alegria e é a tradição cultural de um povo que luta por manter esse patrimônio imaterial secular. “Esse momento é tão intenso que “vai lá à alma”, esse momento em que os foliões entram trazendo a Bandeira do Divino, você sente a presença de Deus em sua casa.” (Grupo Focal realizado dia 30/05/2014).

2.1.5 Os devotos

A Folia é tradição da Festa do Divino Espírito Santo, Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito. Ela representa para a comunidade um momento de devoção aos Santos e significa a atuação do “Divino Espírito Santo” nas famílias, nas casas e em cada um dos fiéis e devotos. O giro visita fazendas, chácaras, casas comerciais e de modo especial às famílias crentes e devotas. Acompanhar a Folia para os foliões é uma tradição que é passada de pais para filhos e mesmo os mais jovens percebem a folia como um momento religioso de devoção, Magalhães pontua que:

A armadura da festa, o gestual, o comportamento coletivo, assim como a invocação do Divino Espírito Santo, permanecem os mesmos desde a sua origem. [...] ‘Na caminhada cristã (Referência à folia) a assistência do Espírito Santo é indispensável’ [...]. Quando nos damos conta disso, nossa vida se transforma e uma luz dentro de nós passa a brilhar. (MAGALHÃES, 2001, P.937. In. JANCSÓ, KANTOR, 2001).

Não raro as pessoas dão seu depoimento de bênçãos que receberam com a visita da Folia do Divino em suas casas. São também muitos que oferecem para dar o café da manhã, o almoço ou o lanche da tarde para os foliões por serem gratos ao Divino, presenciamos vários momentos de emoção das pessoas nas visitas, como é o caso desse Depoimento de uma devota do Divino Espírito Santo, ocorrido na Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Santa Cruz de Goiás, momento em que a Bandeira do Divino foi levada para a Igreja.

Bom dia a todos que aqui estão. É com muita satisfação que venho dar meu testemunho na igreja pra todos vocês. Porque foi com muita fé e confiança em Deus que eu recebi uma graça muito importante no ano passado quando a folia esteve na minha casa e servimos um almoço. Quando a Bandeira entrou na minha casa eu falei Jesus vai me curar porque tinha feito uns exames uma semana antes e tinha constatado que eu tinha um problema no meu coração e eu tinha que fazer uma cirurgia, eu falei Divino Espírito Santo o Senhor me cura que eu preciso e quando a Bandeira passou por cima da minha cabeça eu arpeiei dos pés à cabeça, estava meu marido e meus dois filhos. Aí eu senti que Jesus tinha me curado. Passado uma semana eu tinha que fazer outros exames em Caldas Novas que eu estava fazendo esses exames lá eu fiz novamente esses exames, e quando o médico fez ele disse o que houve? Antes tinha uma doença em seu coração, e hoje não tem mais? Eu disse Jesus me curou, o Espírito Santo me curou. Graças a Deus hoje aqui estou para dar meu testemunho e pedir que a folia não acabe e continue visitando as famílias e que Jesus possa dar a cada um de nós muita graça. (Depoimento de uma devota do Divino Espírito Santo – 06/06/2014).

Neste depoimento observamos a fé e a devoção desta senhora no Divino Espírito Santo. Faz parte desse ritual festivo religioso alguns elementos permanentes dessa festa como:

as promessas, o dom de celebração por parte dos representantes da igreja, a música que está presente nas missas cantadas, nas procissões e em momentos de homenagens. De modo que é Brandão quem menciona que:

É através de festas que a sociedade homenageia, honra ou rememora: personagens, símbolos, ou acontecimentos com os quais ela se identifica e pelos quais se identificam os seus membros nos momentos de rotina. As festas de Santos Padroeiros, geralmente as mais importantes do calendário ritual, são um bom exemplo. (BRANDÃO, 1974, p.6).

Como foi o caso ocorrido nos festejos de 2014, em que os organizadores da festa, juntamente com integrantes de diversos seguimentos, principalmente da Folia do Divino renderam homenagens ao Sr. Iêdo Ranulfo Lobo, então coordenador da Folia.



Figura 06: Foliã Mirim, homenageia seu Mestre. Homenagens ao Sr. Iêdo Ranulfo Lobo, coordenador da Folia do Divino. Fonte: REZENDE, Liberalina Teodoro de. Junho/2014.

Na oportunidade os foliões celebram seu mestre, com a participação dos representantes religiosos e a presença do pároco da igreja local, representantes da sociedade santacruzana e representantes políticos e de outras áreas, a participação da Banda musical Lira Oito de Dezembro e muitas outras pessoas (Figura 06) os foliões estavam todos e cada um fez questão de abraça-lo, coisa linda de se ver (*grifos nossos*).

2.2 Programação Religiosa: visita do Divino Espírito Santo nas famílias

As programações se estendem até os dias em que são realizadas as homenagens aos três santos. As novenas festivas são realizadas por nove dias consecutivos. No primeiro dia começa com a alvorada matinal, momento em que a Banda de Música com seus repiques e muitos fogos acorda a comunidade, convidando-os para as novenas.

A visita da imagem do Divino Espírito Santo nos lares é também um dos marcos iniciais da festa. Esta imagem do Divino pernoita na casa de fiéis, e também pode dizer que são os nove dias de novenas que antecedem a Festa. A imagem sai da Igreja em procissão e vai para a casa de um fiel e ali pernoita. Na casa desse fiel acontecem as rezas e logo após é realizado o leilão que é feito com as prendas doadas pelos fiéis que acompanham essa visita do Divino Espírito Santo nas famílias, e tem o (a) secretário (a) que vai anotando tudo que é rematado no leilão e os valores que serão revertidos para a organização da festa.

No outro dia às 19h30min recomeçam as novenas, só que desta vez sai a procissão com a imagem do Divino da casa onde ela pernoitou. Isso acontece durante nove dias interrompidos tão somente aos domingos dia em que acontece às 19h30min a Missa Dominical na Matriz, momento esse que reúne muitos fiéis do meio rural que agregam com os fiéis da cidade em momentos de celebrações e depois na porta da matriz acontecem os leilões da mesma forma, porém com maior número de participantes.

De acordo com Brandão (2004, p.26), “[...] no culto da festa de seu santo, diz que tudo aquilo deve ser vivido e realizado entre pessoas presentes, alternando ou misturando a oração (uma ladainha, uma reza, um terço), o canto o gesto cerimonial [...]”. É bem assim que ocorre em Santa Cruz de Goiás, na programação tem as equipes responsáveis a cada momento, o que permite uma ordenação que possibilita o bom andamento da festa.

Um presente que se alonga em rituais solidários que rememora acontecimentos e graças do passado. Faz-se nesta arte piedosa da fidelidade aos antepassados e mesmo dos atores atuais que fazem do aqui e do agora momento de louvores ao seu santo, do prazer de estar com outros que compartilham dos mesmos sentimentos de devoção. Mesmo que ao longe dos olhares canônicos do pároco, juntos a seus pares criam laços sentimentais e de devoção. É Brandão que diz; “Pessoas que se deslocam levando os símbolos de um piedoso sagrado, cantando, tocando instrumentos, repetindo fórmulas conhecidas de devoção”. (2004, p.29).

Para cada noite da novena um mordomo é responsável, por organizar tudo para a realização da mesma, os participantes levam prendas que ao final do terço são utilizados em

leilões realizados pelos leiloeiros escalados para cada noite e o valor de cada oferta é anotado pela secretária da noite no caderno de anotações da igreja, nesse momento dos leilões os participantes se confraternizam e acabam por fazer um lanche coletivo onde cada um que arrematou uma prenda a divide com os demais, são quase sempre quitandas, doces, vinhos e salgadinhos que na maioria das vezes são consumidos ali mesmo.

Vê-se com D'Abadia (2014, p.149) que: “As missas, novenas e procissões contam com uma grande participação dos fiéis, apesar das dificuldades que o próprio espaço físico oferece. Todavia, o fervor e a devoção marcaram a celebração pela atitude de respeito e as orações”. Cada fiel envolvido na organização e participação busca a manutenção dessas tradições e seus antigos moradores procuram passar para os filhos o gosto pelas tradições que são vividas há quase dois séculos. A procissão do Divino não tem uma organização pré-estabelecida, vai-se formando o grupo de fiéis com a vela nas mãos e forma um cortejo que caminha pelas ruas da cidade até chegar à residência que irá receber a imagem do Divino, que ali pernoitará, para no dia seguinte repetir o mesmo ritual.

São nove dias de novenas, conhecidos como o Novenário do Divino. Ao iniciar as novenas, a Folia já vem acontecendo já a alguns dias de andanças, o Batuque também já está acontecendo nas madrugadas santacruzanas, despertando os fiéis com sua caixa e o foguetório, convidando-os para a Festa. Há ainda a tocada da Banda Lira 8 de Dezembro com as deliciosas Alvoradas que acordam os santacruzanos para um novo dia e novas emoções. Também nesses momentos pode-se observar que as esperanças desse povo renovam e são manifestadas nas promessas realizadas no intuito de obter em troca benefícios para si próprias ou para outros, numa prática da religiosidade popular como menciona o antropólogo Pierre Sanchis:

A promessa é uma relação estabelecida entre a condição humana concreta e um invólucro de santidade que a rodeia. Faz parte de uma visão de mundo dentro da qual constitui um modo de comunicação essencial. Por isso mesmo ela aproxima-se do sacrifício, ao mesmo tempo que se insere no quadro de uma economia, a de troca. (SANCHIS, 1992, p.47).

O autor acrescenta ainda:

Graças a estas trocas recorrentes, estabelece-se uma solidariedade entre duas sociedades, a humana e a ‘divina’ [...]. Em troca ganha-se uma certeza de proteção, uma presença do sagrado que acompanhará o desenrolar do cotidiano da sua existência. (SANCHIS, 1992, p.48).

Após seis dias de novenas e procissões a imagem do Divino Espírito Santo voltará para a matriz em procissão. Nesse momento em que a imagem é recebida de volta na Matriz

inicia-se o “Tríduo” completando desse modo, os nove dias de novena e no final de cada celebração, há o hasteamento das bandeiras, no primeiro dia a de Nossa Senhora, no segundo a de São Benedito e por último a do Divino. Seguindo esse momento acontecem os leilões de modo que a comunidade católica se confraterniza e trocam ideias, discutem planejamentos para as próximas programações.

De modo que, após a procissão das Bandeiras, uma em cada dia, até a igreja e da celebração realizam o seu levantamento. Os mastros e as bandeiras, a cada ano ficam sob a guarda de mordomos da Bandeira. São essas pessoas que cooperam de perto com os festeiros (Imperador e Imperatriz da festa), suas funções são diversas e sempre prontas a auxiliar os festeiros na organização geral.

O levantamento do mastro (um pau de formato redondo de mais ou menos 10 metros, algumas vezes pintados outras vezes enfeitados com fitas coloridas de acordo com as cores de cada santo) após a celebração é realizada o hasteamento, com a presença e a participação de grande público. São três dias consecutivos como pontuamos acima.

O hasteamento da bandeira é um ritual significativo, amplamente acompanhado pela população local. Ele prenuncia o encerramento do ciclo festivo, visto que ocorre justo após a última novena do ano, e sinaliza o sorteio do novo imperador, que ocorrerá na manhã do dia seguinte. Ademais, o rito é carregado de uma esfera de religiosidade [...]. (SPINELLI, 2011, p.50).

Após esse tradicional ritual tem a realização dos leilões, esse é um momento em que conta com a participação de grande parte da comunidade católica da cidade, do meio rural, do distrito e das cidades circunvizinhas. É um momento impactante. Desse modo, essa festa se faz popular por possibilitar à população um relacionamento amplo onde ocorrem trocas, tensões, conflitos e compartilhamento de vivência entre a população local e seus visitantes. (CAVALCANTE, 2013).

As procissões são consideradas como um ritual paralelo ao ritual católico da festa. A procissão do Divino acontece no domingo de Pentecostes pela manhã quando a imagem é levada da casa do imperador para a Igreja num ritual que apresenta as seguintes características: no trajeto de sua casa à Igreja, o imperador do Divino e a imperatriz (os festeiros) seguem com a coroa e o cetro em direção da igreja.

Num quadrado circunscrito por fitas e/ou correntes vermelhas. O cortejo traz à frente a imagem do Divino e as virgens de branco representando a pureza, seguidas pelo grupo de destaque formado pelo Imperador e seus familiares e representantes ilustres, convidados, com trajes que destacam a cor vermelha consagrada ao Divino, seguido pela Banda Lira 8 de Dezembro e pela multidão que os acompanham em atitude de fé e respeito.



Figura 07: Cortejo E chegada da Imagem do Divino na Igreja.
 Fonte: REZENDE, Liberalina Teodoro de. Junho/2014.

O cortejo do imperador com sua esposa a imperatriz da festa, chegando à igreja, trazendo à frente uma jovem com a imagem do Divino, acompanhada pelas virgens vestidas de branco (Pureza) e de Vermelho (Vida) e mais atrás pelo imperador, a imperatriz com a coroa e o cetro, acompanhados por familiares, pessoas ilustres e representativos da sociedade no âmbito político e religioso (figura 07).

Na igreja é realizada a Missa do Divino e também o tão esperado sorteio e/ou o anúncio dos próximos festeiros, quase sempre já pré-escolhidos esses festeiros que muitas das vezes se apresentam enquanto promesseiros por bênçãos recebidas e pelo agradecimento prometem realizar a festa. São então estabelecidos os próximos festeiros o que é anunciado pelo pároco e aplaudido por todos os presentes. Após essa missa é realizado na rua em frente à Igreja a apresentação da Contradança e em seguida a Mesada do Divino.

Esse é um momento em que as pessoas se acotovelam para estarem em destaque na participação e se colocando para verem mais de perto a apresentação do grupo da Contradança de Santa Cruz. São momentos em que parentes e amigos se abraçam e confraternizam nos reencontros anuais permitidos pela realização dessa festa.

2.3 A Mesada do Divino – alimentos sagrados

Por todo o Brasil acontecem comemorações ao Divino Espírito Santo, desde simples festas até grandes eventos com milhares de participantes e nesses eventos do mais simples ao mais movimentado a comensalidade está presente como fator de integração e confraternização. Em algumas regiões são oferecidos pães, comidas festivas, doces, em alguns municípios paulistas vê-se: “[...] café com farinha de milho e melado; em outros, café com paçoca de amendoim. Mas o prato mais característico destas comemorações é sem dúvida o “Afogado do Divino””. (GOMES, 2008, p.3).

Essa simbologia da comensalidade na festa do Divino tem um significado sagrado, visto que, quando se distribui alimentos, o que ocorre em muitas regiões brasileiras por ocasião da festa, quase sempre é iniciada com uma fervorosa oração de ação de graças. Essa distribuição de alimentos representa um gesto de caridade, um símbolo primeiro de prodigalidade. O simples ato de “dar de comer” implica no participar do fazer o corpo do outro, o de “dar sustância” àqueles que visitam o local da festa. É a representação da hospitalidade em excelência. Caracteriza a etiqueta, a estética bem como, a ética da festa na figura dos festeiros.

De tradição genuinamente popular, a Festa do Divino se caracteriza no Brasil também pela comensalidade, sendo esse um dos principais momentos de confraternização da mesma. Representa união entre as famílias e também entre os devotos do Divino. Momentos de reencontrar seus pares, seus amigos, de namoros e fervores.

Em Santa Cruz de Goiás a comensalidade tem um caráter indissociável desta festa popular, está presente desde o momento de coleta de ingredientes para confecção dos alimentos, no preparo e na distribuição, nos lanches e almoços da folia, na farofada dos batuqueiros pela madrugada, na confraternização dos cavaleiros no momento dos festejos do Coronel e principalmente na “Mesada do Divino”, momento sagrado, mesmo que tenha ao longo da história mudado as ofertas de alimento, mas a sacralidade está justamente em fazer parte da mesa de alimentos.

O Imperador (hoje conhecido por festeiro) se organiza financeiramente para garantir o sustento durante o período da festa. Por vários dias consecutivos, é comum a casa do Imperador estar sempre cheia de moradores, visitantes e auxiliares da festa, que acabam por se alimentarem ali mesmo. Cabe aos festeiros proporcionar abundância à mesa e suprir essa necessidade. Concordamos com Pessoa (2005) em relação ao sentido da festa “[...] a

festa visa marcar em cada membro do grupo social os seus valores, as suas normas, as suas tradições; ao mesmo tempo em que se transforma sempre num grande balcão” (PESSOA, 2005, p.29). É um período que as pessoas tem seu cotidiano todo modificado em função da festa. Alguns passam dias pedindo donativos para os festejos, outros vão fabricar doces e outras iguarias. Durante a festa, são muitos os envolvidos nas cozinhas geralmente improvisadas para atender toda a demanda de refeição, são ajudantes, parentes, vizinhos e na maioria são mulheres.

De acordo com Rodrigues (2006), o papel do Imperador não é apenas o do promotor da festa, mas o de organizador dos festejos de modo geral, dos eventos religiosos dos cultos aos santos festejados, das barracas e de tantos outros momentos do festejo do Divino. É aquele que provê a festança e a comilança para tantos quantos queiram festejar seu santo.

A Mesada do Divino tem um caráter simbólico importante de comunhão. Em torno da mesa de alimentos que é posta na frente da igreja, no meio da rua, todos fazem parte desse momento de confraternização. O faltar do pão e a comunhão reforçam os laços de solidariedade do grupo social. Uma oração de gratidão pela mesa farta remete também às tradições rurais da colheita e da gratidão pelo fruto do trabalho (Figura 08).



Figura 08: Oração, louvor a agradecimentos pela mesa farta.
Fonte: REZENDE, Liberalina Teodoro de. Junho/2014.

A Mesada do Divino é coroada com a distribuição gratuita de quitandas, bolos, doces e refrigerantes para todos os presentes. A confecção de todos esses quitutes e mimos, demanda a participação de muitas pessoas, geralmente é a reunião dos três festeiros nessa hora representados pela organização de suas esposas, as imperatrizes ou festeiras, e juntamente com a cooperação de muitas mulheres da comunidade ornamentam as mesas, as bandejadas de regalias, e as distribuem por todos os presentes.

A representatividade da comida nessa festa ganha uma conotação de fartura. A mesa posta apresenta uma visão de ordenação do homem no mundo, tem um caráter de totalização do social. Logo após o cerimonial de bênçãos e louvores pelo alimento farto, distribuem com a ajuda de muitos presentes o alimento sagrado do Divino. Para Fausto (2002, p.15) a “[...] comensalidade é um vetor de identificação que não se aplica apenas às relações sociologicamente visível entre parentes humanos”. Ela propicia uma condição de familiaridade, de irmandade mesmo, entre os fiéis.

A Mesada do Divino parece sintetizar todos os significados entendidos em relação à Festa do Divino. As pessoas participam motivadas a compartilhar deste grande momento de solidariedade que apresenta mais significância no compartilhamento e na confraternização. É a simbologia da abastança espiritual do Divino Espírito Santo. Portanto, desde o ato de doar os alimentos, o trabalho de confeccioná-los ao próprio ato de esperar para servir ou ser servido no entorno das mesas postas, tudo corresponde a bênçãos e graças nas dádivas do Divino Espírito Santo.

Observamos a importância que tem a “Mesada do Divino” nos festejos de Santa Cruz de Goiás. É o ápice da dádiva na relação de dar, receber e retribuir comida. Mas, muito mais que isso é dar, receber e retribuir solidariedade, amor que tornam visíveis pelo aperto de mão, pelo abraço fraterno e pelas palavras de agradecimento e louvor.

A comensalidade na Festa do Divino está inscrita num *ethos* carregado de solidariedade, em que a caridade pelas doações dos fiéis se revertem em fartura e abundância, tanto do pão material como do pão espiritual. Os festeiros oferecem seu sacrifício e sua generosidade e em contrapartida, as honras e prestígio pelo registro de uma “boa festa”, de que tudo deu certo e da promessa de que para o próximo ano tem mais. Todo sacrifício empregados na Festa, é retribuído em bênçãos de fartura. Os sentidos de agregação e de igualdade estão também presentes no imaginário promovido por essa grande confraternização social.

2.4 A Participação Feminina na Festa do Divino Espírito Santo

Durante a realização do Grupo focal em que contava com a participação de vários integrantes e organizadores da festa, uma das senhoras participantes do grupo mencionou que nos momentos dos preparativos das festividades a participação feminina era muito mais intensa que a masculina. No entanto, a participação feminina era pouco expressiva nas manifestações culturais. Elas sempre permaneciam na (in)visibilidade. Essa indicação levou-nos a buscar o conhecimento desse universo feminino de contribuição para esses festejos. Realizamos desse modo o Grupo Focal Itinerante e buscamos descrever a importância da presença feminina nas festividades do Divino de Santa Cruz.

A partir daí nosso olhar direcionou-se também nesse propósito, na Observação Participante e também no momento da realização dos Grupos Focais Itinerantes durante o período dos festejos. Buscamos incluir a participação das mulheres santacruzanas na realização dos festejos, trazendo à tona toda essa visibilidade que a esse grupo de fato pertence. De modo que para Paula (2010) a inclusão das mulheres como objeto da história ocorre a partir do século XIX: “A partir da segunda metade do século XX, juntamente com outros excluídos como os camponeses e os negros, as mulheres foram incluídas na condição de objeto e sujeito da história.” (PAULA, 2010, p.19).

A autora trabalha com a participação das mulheres e a identidade de gênero na Congada em Catalão, Goiás e considera que:

Partindo do pressuposto da (in) visibilidade da mulher congadeira, nas relações espaciais que configuram a Congada de Catalão (GO), é possível considerar que esta (in) visibilidade existe, contudo é relativa, visto que apesar de não receber o reconhecimento devido por parte dos registros históricos e geográficos acerca da Congada, e por muito tempo permanecer concentrada apenas no espaço privado da festa, na atualidade algumas mulheres se fazem presentes no espaço público da Congada, mesmo que, em forma de subversão. (PAULA, 2010, p.215).

Em Santa Cruz de Goiás a contribuição das mulheres na organização e na participação da Festa do Divino Espírito Santo sempre foi intensa, nos diversos momentos religiosos e folclóricos. É visto pela população com igual importância como a participação dos homens: “O papel da mulher é tão relevante como do homem, não tem nenhum mais importante do que o outro, sempre participam os dois tanto na parte religiosa como na profana participam os dois”. (Grupo Focal Itinerante do dia 03/06/2014).

As mulheres exercem papéis fundamentais em diversos momentos, de forma direta ou indireta, em todos os eventos (Figura 08). Embora pareça ser um papel secundário e/ou

invisível a presença feminina nos festejos vem se destacando. A tendência de dar maior visibilidade ao papel masculino é dada a esta sociedade sexista com raízes na formação aburguesada do nosso país. Segundo Paula (2010) as funções consideradas das mulheres, se originam na sociedade aburguesada e isso vem sendo modificado nas sociedades atuais.



Figura 09: A grande participação das mulheres na Folia do Divino.
Fonte: REZENDE, Liberalina Teodoro de. Junho/2014.

A presença feminina é significativa na preparação e manutenção da festa, como observamos na figura 09. São elas que ornamentam a igreja, as bandeiras, os salões e/ou barracas de festa, cozinham, preparam as fardas dos cavaleiros, costuram, pintam e bordam as ornamentações das vestimentas dos cavaleiros e também dos cavalos. Enfim em todos os momentos da festa a participação feminina é uma constante. Se manifesta na folia do Divino, exercendo papéis que antes eram característicos do gênero masculino.

Na atualidade a mulher incorporou uma significativa atuação nos festejos, sem, contudo alterar o significado desta tradição. Pelo contrário, a participação das mulheres nos diversos momentos da festa, tem contribuído para a manutenção e a integração com a comunidade, fortalecendo social, cultural e politicamente essa festividade.

Sabe-se que nem sempre foi assim, num passado não muito remoto as mulheres não tinham essa representatividade, somente dos anos 1950 para cá, é que as chamadas Ciências Sociais vão contribuindo com pesquisas que abordam as questões de gênero. De acordo com Paula (2010), as abordagens das Ciências Sociais em se tratando das relações de

gênero, tem superado essa visão universal e abstrata entre os sexos. As abordagens tem feito uma diferenciação acima de tudo cultural em relação a ser homem ou ser mulher.

Nesse sentido, são aspectos sociais, culturais e psicológicos referentes a homem e mulher que o conceito de gênero aborda, lembrando que as marcas que caracterizam homens e mulheres no tocante a distinções são caracterizadas pela própria cultura em que estes estejam inseridos. Numa visão de mundo homocêntrico, tem de modo lento sido reconhecido e respeitado o papel da mulher na sociedade.

A presença das mulheres é marcante, são elas que colaboram em todos os momentos dos preparativos e atuam nos bastidores para verem filhos, maridos, namorados e mesmo amigos brilharem em suas atuações nas diversas apresentações folclóricas que fazem parte do ritual da Festa do Divino. “São mulheres que participam ativamente na produção da festa do Divino, sobretudo das Cavalhadas. Todas compõem o contingente que ‘trabalha demais para a festa’, como se costuma dizer em rodas de conversas femininas.” (SPINELLI, 2009, 112).

Passam pelas mãos femininas as agulhas, os tecidos que em suas mãos se transformam em fardas dos cavaleiros da Contradança, da Cavalhada, dos Mascarados, transformar em toalhas de mesa, e guarnições que enfeitam a igreja e os ambientes festivos de modo geral. Papéis e penas que viram enfeites de mascarados e cavaleiros. Suculentas e deliciosas refeições oferecidas aos cavaleiros no tradicional momento do Coronel, aos foliões e também aos batuqueiros com as famosas farofadas das madrugadas santacruzanas.

Em nossa pesquisa constatamos que a maioria dessas mulheres, começaram a participar por influência familiar, sendo o fator fé e devoção aos santos o elemento que as motivam a estarem presentes e participarem em todos os momentos de organização, preparação e realização, bem como de festejarem também. No entanto, a devoção é um momento marcante para a participação das mulheres, visto que nesses momentos religiosos a presença feminina sempre é observada em maior quantidade.

Enfim, grande parte do que circunscreve aos bastidores e os preparativos dos festejos cabe às mulheres. Nesse sentido, a maior parte da festa é de competência feminina como pontua o Grupo focal Itinerante:

A atuação das mulheres é muito grande e em diversos momentos, ela é a peça principal e na cavalhada as mulheres ficam por trás dos bastidores, enquanto os cavaleiros estão nos coronéis⁵ bebendo, farreando, divertindo na maioria das vezes as mulheres estão em casa organizando as fardas dos maridos, dos filhos. Costurando, remendando, bordando, refazendo novas peças que as vezes estragam, tem vários momentos que elas não participam, porque é muito trabalho. Tem que passar a farda, pôr no sol uma semana antes, olhar, trocar e repor o que está faltando ou estragado. (04/06/2014).

⁵ Coronéis – São as famílias que sustentam as confraternizações oferecidas aos cavaleiros da Cavalhada por ocasião dos ensaios da mesma (Grupo Focal itinerante, 06/06/2014).

Por sua vez, Veiga (2002 p.135), observa em relação à participação feminina nessas festas que: “as mulheres desempenham papéis ligados à esfera doméstico -familiar”, enquanto os homens se apresentam como os “protagonistas”. São diversos os momentos que “Quando os homens estão festando, dançando ou encenando, suas mulheres estão em casa na lide para que tudo saia como planejado, para que eles ao se colocarem frente ao público estejam bem trajados, ou ornamentados de acordo com cada momento”, nos festejos da Cavallhada e da contradança por exemplo. (Grupo focal Itinerante realizado dia 04/06/2014).

No momento do batizado dos cavaleiros mouros as mulheres participam, elas são as madrinhas dos maridos, dos filhos e mesmo de amigos ou afilhados. Os cavaleiros mouros se rendem de joelhos à frente do pároco que neste momento encena o batizado de cada um deles e as mulheres se colocam atrás com as duas mãos sobre os ombros dos cavaleiros e são estas suas madrinhas. Embora seja uma encenação, é um momento cheio de simbolismo religioso em que todos envolvidos e a plateia se concentram neste momento de fervor. No entanto, é uma participação modesta, importante sim, porém modesta. Nos cultos das celebrações sempre saúdam o gênero masculino bem como, nas batalhas equestres.

O intenso trabalho feminino nos mais variados momentos dos eventos, não lhes impedem de também participarem da festa. Elas se organizam e buscam participar daquilo que mais lhes agradam. Hora participam das novenas, das missas, da folia, do Batuque, hora assistem as encenações da Cavallhada, se alegram com a Contradança e nos momentos festivos nas barracas ou nas ruas estão sempre com os seus pares.

As mulheres também são homenageadas junto com os esposos e filhos nos jantares de confraternização nos momentos dos festejos do Coronel. São sempre celebradas pelos esposos e filhos por estarem presentes e com eles fazerem parte dos rituais religiosos e folclóricos que envolvem a Festa. O que evidencia o caráter familiar do evento. De acordo com o Grupo Focal Itinerante:

A participação da mulher é um trabalho muito intenso, e a parte da mulher é bem maior mesmo que a do homem, elas trabalham na Igreja, nos vários preparativos das missas, novenas, na organização das prendas para os leilões, na organização e confecção das roupas da Contradança, da Cavallhada, das comidas no Coronel, na farofa do Batuque, nos lanches e almoços da Folia, enfim a mulher está presente todo o tempo e o tempo todo da festa. A criatividade que elas tem de resolver as questões que aparecem, no sentido financeiro e outros que aparecem no momento são elas que são capazes de resolver em todos os sentidos. (07/06/2014).

Uma das participantes do Grupo Focal menciona que na missa de Nossa Senhora de Fátima a figura da mulher está sempre em destaque, “[...] esta que tendo a possibilidade de fazer o bem não pensou tão somente nela, pensou primeiro em seu povo.” (Fala do Grupo Focal Itinerante realizado no dia 07/06/2014). Numa demonstração da importância da mulher para a realização destes festejos, em todos os eventos elas estão presentes e sempre tomando frente nas decisões, nos preparativos para que tudo saia a contento.

É visível o reconhecimento do papel que as mulheres desempenham nos preparativos e nos momentos da realização da Festa como um todo, em diversos momentos ela é homenageada, quando o festeiro lhe agradece a ajuda, quando o prefeito pontua que sem a ajuda delas e em especial da sua esposa ele não teria conseguido fazer o que fez, ainda quando o pároco menciona e homenageia as mulheres de modo especial na celebração da missa a Nossa Senhora do Rosário.

No Grupo Focal Itinerante podemos observar a participação de mulheres. Também reforçava por elas mesmas, a sua presença e importância nos festejos, conforme a fala de uma das participantes:

2

Olha a roupa dos cavalheiros são feitas todas por mulheres, nós aqui que fazemos, não tem nada feito fora daqui. O apoio das mulheres das esposas, namoradas, sempre está por perto, o papel é realmente grandioso, o cavalheiro só existe porque uma dama faz o trabalho todinho em volta dele, que é de preparar, de acolher os amigos é um papel muito grande mesmo, o nosso papel é muito maior que o deles mesmos. (07/06/2014).

O perfil da mulher nas organizações da Festa do Divino é outro significativo elemento que configura sua importante participação e é reforçado pelo compromisso e a assiduidade que elas representam. Desse modo, a participação da mulher na festa se faz imprescindível, tanto pelo seu compromisso, quanto pelas funções que exerce no processo de organização e apoio antes, durante e depois da festa. Apesar do roteiro e dos elementos culturais, que remontam ao século XVIII, enfatizar a participação masculina, entendemos que isso não invalida a relevância feminina nos festejos do Divino em Santa Cruz. Pelo contrário, reforça a sua relevância no sentido de garantir a manutenção e a sustentabilidade social e cultural do evento.

2.5 A Banda Lira 8 de Dezembro nos Festejos do Divino Espírito Santo

A presença da Banda Lira 8 de Dezembro é frequente nos festejos do Divino Espírito Santo de Santa Cruz de Goiás desde os seus primeiros anos. Em diversos momentos ela está presente, nas procissões, nos cortejos do Imperador, nas alvoradas e também nas apresentações da Cavallhada.

De modo que Alves no seu livro “Santa Cruz de Goiás - Sinopse Histórica” explicita a existência neste período imperial de;

[...] uma espécie de orfeão, constituído de vários músicos, que serviam nas solenidades da igreja e continuaram formando mais músicos que, mais tarde, vieram organizar-se em banda de música, havendo época em que a cidade contava com duas corporações musicais, ou duas bandas. (1983, p.47).

Polh (1976) descreve o que presenciou em Santa Cruz por ocasião de sua visita a estas terras:

Durante a minha estadia em Santa Cruz, junho de 1819, levaram-me a assistir a festa de Pentecostes [...] Ecoavam trombetas e timbales: um concerto atoador, rua acima, rua abaixo. A música consistia em um violoncelo, tocado por um, duas rebecas, duas flautas e um tambor. (POHL, 1976, p.72).

Nessa perspectiva, Joaquim Alves faz um apanhado dos vários momentos desta banda. “[...] em 1900, existia em Santa Cruz, afinada banda de música, composta de 12 elementos, sob a direção do Maestro João Antônio Rodrigues”. Isso vai mudando e “em 1918, existia a Banda União Santacruzense, tendo como maestro o professor Alonso Prego, com 18 componentes.” (ALVES, 1983, p.48).

Na década de 1930 a Banda estava sob a regência do Maestro Gomes Viegas, contava com 22 integrantes, eram muito solicitados para tocarem em diversas cidades goianas e isso vai dar prosseguimento e em 1932 quando a Banda recebe o nome de “Corporação Musical Americano do Brasil”, e passa a ser regida pelo músico Pedro Cedro Serradourada. Em 1972 “Por força da Lei Municipal nº 17, de 04 de novembro de 1972, a banda de música passa a chamar-se Lira 8 de Dezembro (ALVES, 1983, p.50).



Figura 10: Banda Lira 8 de Dezembro.
 Fonte: REZENDE, Liberalina Teodoro de. Junho/2014.

A figura 10 mostra um momento de atuação da Banda nos festejos do Divino Espírito Santo de Santa Cruz de Goiás. Ela está presente nos diversos momentos da festa. Os participantes integraram na banda por terem parentes, pai, tios, avós, irmãos, assim começaram e caminha com ela em diversos momentos de integração nas festas de Santa Cruz, e das cidades vizinhas, realizando alvoradas, participação em missas, cortejos, procissões, nas Cavalhadas, todos esses momentos integrantes dos festejos do Divino. “Essa banda começou nas primeiras décadas do século passado, ficou parada alguns anos e recompôs em 1972 e estamos até aos dias de hoje.” (Grupo Focal Itinerante do dia 05/06/2014).

A Banda tem um calendário de ensaios, “A gente fica comovido de participar desta Banda, é uma coisa que passa de pai pra filho. A entrada de novos integrantes é tão somente apresentarem interesses e boa vontade, segundo os seus integrantes estão precisando de novos interessados.” (Grupo Focal Itinerante do dia 05/06/2014). Desse modo, ela cumpre um papel social frente à comunidade santacruzana.

2.6 A Contradança – uma tradição do povo santacruzano

As danças de par chegam ao Brasil no período de sua colonização pelos portugueses e são conhecidas como danças folclóricas. Estas danças folclóricas que dão origem a Contradança que também é conhecida como dança da Corte. Aqui no Brasil essa modalidade dançante se populariza e de acordo com Wosien (2002, p.7):

A dança de roda, como é transmitida até hoje no folclore é uma riqueza cultural das mais antigas do ocidente. Até os primeiros séculos da era cristã estava inserida nas práticas religiosas e na vida em comunidade; à margem da história cultural e espiritual ela se manteve viva até os tempos modernos.

Em Santa Cruz algumas danças foram esquecidas e outras se mantiveram. As danças foram interrompidas juntamente com a Festa do Divino por 10 anos consecutivos como aborda o Grupo Focal realizado no dia 17 de abril de 2014. “Por proibição da igreja a Festa do Divino ficou interrompida por 10 anos e foi necessária a união de vários moradores da cidade para retomá-la de novo”. Sobre esse assunto Bonetti (2004, p.129) expressa que:

Em meados do século XX, após passar 10 anos sem a realização da festa e das manifestações culturais por ordem do clero local, a cidade de Santa Cruz resgatou, com a ajuda de guardiões da memória cultural da cidade, a festa de Pentecostes com suas manifestações culturais, dentre elas, a Contra-dança.

Chegando ao século XXI, como a festa e suas manifestações culturais conseguiram manter um padrão mínimo para que essa tradição não morresse, as autoridades de Santa Cruz estão com proposta clara de resgatar esta antiga tradição, que faz parte da identidade cultural da cidade.

Em Goiás a Contradança foi investigada em trabalhos de antropólogos e historiadores, com destaque para Brandão (1974), Abreu (1999), Silva (2001), Bonetti (2004). Usamos as técnicas da Observação Participante e do Grupo Focal, nas pesquisas que realizamos com grupos tradicionais que participam da festa. A participação em ensaios e apresentações, nas conversas com pesquisadores do folclore santacruzano e com os guardiões de memória que são os moradores mais antigos de Santa Cruz. De acordo com Bonetti (2004, p.18):

Pirenópolis e Santa Cruz guardam, na tradição oral, a memória de quase dois séculos onde a Festa e a contradança se interagem num ritual da religiosidade popular.

Por tratar-se de parte folclórica que pertence a cultura popular, e parte religiosa que pertence a cultura erudita, a Festa do Divino e suas manifestações culturais tem, no povo, a sua representação, onde são encontrados vários grupos que se organizam de acordo com suas habilidades particulares.

Acredita-se que a contradança veio para o Brasil com a transferência da Família Real. Nesse período tinha uma dança parecida com a Contradança que era realizada sempre para D. João IV, porque era uma dança dos nobres, uma dança de salão que foi sendo adaptada, recriada ao gosto do povo.

A Contradança é um elemento fundamental e tradicional na comunidade santacruzana. Segundo Bonetti (2004, p.13):

A contradança é um estilo de dança folclórica, e nesta estão incorporadas comportamentos que são transmitido através de gerações, onde são analisados a antiguidade e dignidade tradicional da referida dança; como também sua identidade em relação a cultura local.

Antes uma dança pagã e da corte europeia, hoje são consideradas danças folclóricas de criação do povo em suas manifestações artísticas, sendo ao mesmo tempo consideradas sagradas por fazerem parte da dimensão do universo do Divino. As adaptações culturais da Contradança em Santa Cruz de Goiás tornaram essa atividade em uma dimensão sagrada.

Contradança em Goiás caracteriza-se por ser um conjunto de danças de par, dançada hora em triângulo, círculo ou quadrados, e até mesmo em torno de um mastro de fitas, de modo a atender a necessidade de cada coreografia da dança. Para Ortêncio (1996) na “Cartilha do Folclóre Brasileiro”:

Em Goiás, realiza-se a contradança nas cidades de Pirenópolis e de Santa Cruz. A vestimenta é ricamente colorida. O calçado é tênis branco. A coreografia apresenta vários tipos de passos e evoluções em filas duplas e em círculo. Há uso de arcos, flechas, lenços e flores. (ORTÊNCIO, 1996, p.61, 62).

Em Santa Cruz de Goiás as danças folclóricas ou populares, chegam pelas mãos dos colonizadores no início do século XIX e contou com o apoio de padres portugueses e espanhóis. Fazem parte das festas de Pentecostes que são celebradas em várias cidades goianas. Conta com a participação de muitas pessoas que se reúnem para celebrar, e divertir juntos aos seus.

Essas festas sempre mescladas do sagrado e do profano são celebradas com pessoas da região e fazem parte do conjunto de manifestações folclóricas tradicionais. São celebrações de santos e se fazem de momentos com fundamental importância para essa comunidade. As danças presentes nestas festas dão possibilidades para um transitar entre o sagrado e o profano de modo que é difícil distingui-los.

Nas apresentações da Contradança durante as festividades de 2014, percebemos algumas alterações desde as observações no estudo realizado por Ortêncio (1996). Ele apresentava acima que o calçado usado pelos integrantes era do tipo “tênis branco”. Este ano que acompanhamos os ensaios e as apresentações em nenhum momento percebemos essa

uniformização dos calçados. Os participantes usavam calçados de diferentes formatos e modelos (tênis, botinas, sapatos).

Em Santa Cruz, diferentemente de Pirenópolis, são somente homens que participam da Contradança. Todos bem jovens, sendo que nas funções de damas são jovens travestido de mulheres. Os cavaleiros usam roupas e chapéus fazendo menção à corte de Napoleão Bonaparte da França. Os cavalheiros se apresentam com máscaras. Ortêncio (1996) registrou a contradança em Santa Cruz de Goiás, quando esteve em visita a esta cidade por ocasião de sua festa em 1985.

A contra-dança consiste de duas alas de rapazotes (meninos), sendo que numa estão todos vestidos de meninas, com cabeleiras feitas de corda desfiada e com rostos maquiados. Quem não sabe, fica encantado com as “mocinhas” tão bonitas. (ORTÊNCIO, 1996, p.61).

Algumas mudanças foram introduzidas na contradança. No que diz respeito às cabeleiras dos atores, que antes eram de cordas desfiadas, conforme menciona Ortêncio (1996). Atualmente utilizam perucas geralmente de material sintético. O que era carregado de muitas preocupações no passado, hoje não procede mais, como era o caso de manter em sigilo a identidade dos participantes, principalmente dos travestidos de moças.

No Brasil encontramos referências a essas danças partilhadas em meio a manifestações folclóricas de diversas regiões. Conforme Wosien (2002, p.81):

Dançando essas velhas formas, é como se entrássemos em outro tempo e estivéssemos trazendo esse antigo conhecimento para o presente movimento. É como encontrar alguma coisa que você já viveu outra vez, você se conectou com uma antiga corrente de conhecimento que flui através de você.

O ritual das danças de pares nas sociedades agrícolas era realizado como uma possibilidade de aumentar a fertilidade e a produtividade da terra. Elas chegam a Goiás pelas fronteiras da mineração e estão presentes ainda hoje nos festejos do Divino Espírito Santo:

Na América portuguesa colonial, as relações das festas referem-se à ocorrência da dança, evidenciando a incorporação da dança europeia influenciada e alterada pela dança dos nativos, tendo sido este meio expressivo uma modalidade importante de integração entre colonizados e colonizadores. (CONDE & MISSIMI, 2008, s/p).

As danças estão presentes desde as mais antigas civilizações. Apresentam-se com uma imensa diversidade, fazendo parte dos rituais religiosos, políticos, sociais e de lazer sempre agregada à música e presente nos povos mesopotâmicos, gregos, egípcios e romanos e outros mais como pontua Oliveira: “[...] uma das atividades físicas mais significativas para o

homem antigo foi a dança. Utilizada como forma de exibir suas qualidades físicas e de expressar seus sentimentos”. (2001, p.14).

A dança pode ser vista como uma forma de expressão. Na dança o indivíduo ganha autonomia, se emancipa e é bem isso que percebemos no grupo da Contradança de Santa Cruz de Goiás, os jovens integrantes, sabem bem o que estão fazendo e porque o fazem, representam seja de cavalheiros ou de moças o seu papel na sociedade e os movimentos e vestimentas ao estilo do século XIX, não lhes incomodam, buscam dar continuidade a este ritual dançante que é parte dos festejos do Divino.

Durante o grupo focal pudemos perceber que a comunidade valoriza a preservação da contradança como uma expressão única: “Então a necessidade de preservação é eminente, talvez seja ímpar como, por exemplo, Santa Cruz tem a Contradança que em princípio é o único lugar do Brasil ou mundo que se preserva essa tradição da Contradança como é apresentada aqui.” (05/-06/2014, Grupo Focal Itinerante).

Ressalta Bonetti (2004) numa entrevista realizada com o Senhor Jaime Alves Brasileiro, considerado em Santa Cruz o “Mestre” da Contradança que:

“Desde os 10 anos participei da contra-dança iniciei numa festa junina. Antigamente os mascarados eram conhecidos como “velho” e as moças como “dama”. Comecei a dançar de máscara aos 10 anos e aos 11 anos dancei oficialmente com os dançadores mais velhos. Os toques da música estão muito diferentes do que eram – simplesmente imitam o que foi. São doze pares de dançantes que executam a contra-dança, que são: marcha de Napoleão, contra-dança, quadrilha, aranha, vilão, chula e batuquinho. Fui guiados mascarados por mais de vinte anos. Sempre gostei da contra-dança, é tradição de família: pai, tios, parentes, padrinho, e os meus amigos. Para ser guia na contra-dança tem que saber mais que os outros – é ele quem ensina e dirige a dança. É o gosto da pessoa ser dama ou mascarado. Existe também a figura do palhaço que é o vigia, o espião. O papel da contra-dança na festa é visitar as casas; é uma dança de rua e os donos das casas é que escolhe o que querem ver dançar. Os dançarinos recebem apenas alimentos e algumas bebidas pela apresentação. No início da contra-dança em Santa Cruz de Goiás os mascarados acordavam as 4 hs da manhã para pegar as damas e escondê-las em outro lugar. Depois todos iam em fila buscar o guia que é o Rei, e iam para frente da Igreja. Naquela época não podia saber quem era o mascarado, que usava uma bengala para ser identificado como “velho”. As damas, que estavam todas numa casa, eram buscadas pelos mascarados, que tinham por companhia os palhaços. A contra-dança pertence a Festa do Divino, muitas pessoas só vem à festa para ver a contra-dança de Santa Cruz. Ajudei na Banda para resgatar a música, ajudei a ensinar a dança para quem era novo, e fui necessário para resgatar a contra-dança num período em que ela ficou esquecida por 10 anos. Hoje não participo mais porque são só os jovens e crianças que participam. (BONETTI, 2004, P.81-82).

Analisando essa entrevista que o senhor Jaime concedeu no ano de 2004, comparando com esse ano 2014, dez anos depois, observamos várias mudanças na

apresentação da Contradança, vejamos então na fala dele existia a figura do palhaço. Porém ela não foi visualizada este ano em nenhum dos momentos em que estivemos presente na apresentação da Contradança. Outra questão é que nestes anos em que observamos e acompanhamos essa festa a participação da Contradança foi após as missas aos santos homenageados e não em visitas às casas de moradores, também não houve momento em que estes pudessem escolher o que queriam ver, qual passo da dança, o grupo dos dançarinos da Contradança, todos os dias apresentaram a mesma sequência coreográfica dos passos de modo que não atendiam ao pedido de particulares.

Ainda observamos mudanças quando o senhor Jaime pontua que “[...] os mascarados acordavam as 4 horas da manhã para pegar as damas e escondê-las em outro lugar. Depois todos iam em fila buscar o guia que é o Rei, e iam para frente da Igreja.” Esse ritual hoje não existe mais, somente os cavalheiros se apresentam com máscaras, os que apresentam de damas são visualizados pela plateia sem máscaras e são conhecidos de todos.

Desse modo, percebemos muitas mudanças no contexto das apresentações desse folclore santacruzano, não temos os doze pares e sim oito como pode ser observado na figura 10. No entanto, não desconsideramos as transformações ocorridas nas manifestações folclóricas, mas entendemos ser a expressão da continuidade, das necessidades e viabilidades necessárias para a manutenção das tradições. No caso da Contradança em Santa Cruz de Goiás percebe-se a adesão de novas gerações e a valorização dos festejos por parte da comunidade conforme observado no grupo focal.

A origem da contradança é francesa, os dançarinos se caracterizam com vestimentas ao estilo da corte de Napoleão. Os homens trajam casacos, cartolas e trazem sempre nas mãos as bengalas, bem ao estilo francês e usam máscaras. Seus pares são jovens travestidos de damas francesas. A coreografia apresenta danças extremamente sensuais, num bailado que reportam às cortes europeias napoleônicas, numa cadência de ritmos, produzidos pela Banda Lira 8 de Dezembro. Uma representação caricata de um baile de salão. Eles marcam os passos da dança numa sintonia e numa evolução de harmonia e cores. Em Santa Cruz a Contradança é uma tradição secular, faz parte hoje dos festejos do Divino.

Nesta Figura 11, veem-se oito cavalheiros que integraram o grupo deste ano, numa mostra de que o tempo se encarrega das mudanças, mas também das permanências que se fazem da realização anual das festas e dentro de sua programação das apresentações folclóricas tradicionais, pela comunidade local. Em Santa Cruz de Goiás, a tradição é mantida pela manifestação que se faz pela transmissão oral, simbólica e gestual na vivência desta festa que acontece há quase duzentos anos. A tradição uma vez criada passou a fazer parte da

identidade e da expressão cultural de Santa Cruz. Embora haja mudanças, adaptações e agregações, a Contradança persiste e compõe o calendário festivo do Divino Espírito Santo.



Figura 11: Cavaleiros “Velhos” da Contradança de Santa Cruz de Goiás.
Fonte: REZENDE, Liberalina Teodoro de. Junho/2014.

Na Contradança santacruzana, observa-se um aspecto que é tradicional mediante sua transmissão pela oralidade, pela sua história, pela originalidade e pela agregação dos valores tradicionais desse povo. Também presenciamos o aspecto gestual que é característico das danças como um todo e a agregação dos jogos coreográficos que caracterizam os padrões dessa dança.

Os personagens principais da Contradança em Santa Cruz de Goiás são os mascarados e as damas da Corte de Napoleão, vestidos sempre a caráter, têm em suas apresentações os seguintes passos ou bailados: Marcha de Napoleão, Marcha de Rua, Contradança, Quadrilha e Aranha. O Batuquim e a Chula não existem mais e quanto a isso vejamos como foi o posicionamento do Grupo Focal:

Tem alguns passos que existiam e hoje não existem mais o Batuquim e a Chula, o Batuquim os padres tiraram, os padres americanos, e acabou também com o Batuquim porque era a dança da umbigada e eles diziam que era imoral. Também o passo chamado de Chula foi extinto a muitos anos atrás, de modo que os jovens de hoje nem presenciaram essa dança, alguns se lembram dos avós contar que antes tinha esse passo, veja: “E tem a Chula, que a Chula também é uma valsinha que chama Pedro Bueno, que foi já existiu na época do Matheuzinho”. (Grupo Focal Itinerante do dia 03/06/2014).

Essa Contradança, também recebe o nome de dança de velhos por seus personagens que estão vestidos de cavaleiros sempre de fardas, mascarados como velhos de bigodes, barbas e com uma bengala, ornamentos que os caracterizam de velhos. É uma dança folclórica carregada de expressões simbólicas e de sentimentos da memória europeia. Sendo que “[...] é a memória que orienta a vida, dá sentido de que pertence a história, a um grupo, é garantia de humanidade. Assim Goiás guarda a memória de seus colonizadores através da tradição de seu povo”. (BONETTI, 2004, p.115). Embora algumas danças folclóricas tenham ficado esquecidas na memória dos santacruzanos, outras resistiram ao tempo e se mantêm nos festejos tradicionais desse povo.



Figura 12: Evolução em círculo, um lindo momento da Contradança.
Fonte: REZENDE, Liberalina Teodoro de. Junho/2014.

Na evolução em círculo, que remete às danças de roda (WOSIEN, 2002), os pares se põem num ritual de danças que tem simbologias próprias de cada região. Em Santa Cruz verifica-se a dança dos lenços, um ritual que simbolizam mudanças e passagens de direção e o túnel que retrata um novo recomeçam e outros passos que são dançados de modo que, os pares se entrosam com todo o grupo e formam um coletivo de rituais simbólicos (Figura 12).

São vários os passos dançados na Contradança de Santa Cruz, cada um apresenta sua coreografia, hora os pares estão de frente, hora fazem círculos, fazem X e assim como

esclarece o Sr. Iêdo:

Cada um tem uma maneira de dançar, uma especificidade, por exemplo: O guia dos mascarados inicia a dança com seu par, com a sua moça. Aí ele passa para a moça seguinte, e vem o 2º; passa para o 3º e vem o 4º assim sucessivamente, então o guia chega na última moça e o último mascarado vai dançar com a 1ª moça. Feito isso, quando eles estão todos dançando, eles terminam a dança. Outra dança é em forma de X: o guia começa dançando com a última moça e o último mascarado vai dançar com a 1ª moça, é invertido. Só que cada par dança uma vez. Outra dança é feita costurando: pegando na mão da moça e começam a costura, o vai e vem dos pares. (In. BONETTI, 2004, p.118).

A Contradança faz parte dos elementos ibéricos que permanecem inseridos nos rituais folclóricos dos festejos do Divino Espírito Santo de Santa Cruz de Goiás. Observa-se um sentimento de pertencimento em relação à Contradança que faz parte deste contexto cultural diversificado desta cidade. Ela chega a Goiás por volta de 1845 e de acordo com o Sr. Alberto da Paz citado por Bonetti (2004, p.118): a Contradança era “danças de Napoleão”, Napoleão gostava de dançar com o povo, não podendo aparecer em meio a esses por ser da nobreza, aparecia nessas festas mascarado, como se fosse um nobre qualquer e se passava sem ser notado.

Essa dança em Santa Cruz de Goiás de início era dançada pelas famílias tradicionais como explica o Sr. Alberto da Paz: “Os participantes pertenciam às famílias tradicionais da cidade e, pelo fato da dança ter um caráter profano, as moças não podiam participar; então alguns homens travestiam-se de moças, criando assim uma nova tradição na Contradança”. (In. BONETTI, 2004, p.119).

De acordo com Bonetti, as tradições dos festejos da Contradança em Santa Cruz tiveram que se adaptar às questões moralizadoras da sociedade:

Faltou visão dos governantes para que a cidade seja incentivada a crescer, e a contra-dança precisa de incentivo para que os jovens tenham mais moral e bebam menos. Algumas partes da contra-dança se perderam por falta de quem instruisse e incentivasse, porque os mestres morreram e por não ser escritas elas podem desaparecer. Antigamente tinha o pau-de-fitas e a dança com lenços. A aranha está sendo resgatada – no início sai errada, depois concerta. É importante resgatar a contra-dança, gravar e escrever a história, pois ela é indispensável para a animação da festa – espanta a tristeza, traz felicidade. Sem a dança não existe festa – é uma tradição que não pode acabar. (BONETTI, 2004, p.127).

De modo que em vez do povo se adequar às tradições são estas tradições que vão se adequando ao povo, ao seu modo de vida. São valores de experiências que mantiveram coesas essas particularidades que a Contradança de Santa Cruz contém. Exprime ideias e valores deste povo, de modo coletivo nas suas manifestações culturais. Apesar dessas transformações esse folclore se mantém nos festejos do Divino e alguns grupos sociais se prontificam a guardá-lo.

2.7 O Batuque: manifestação cultural de Santa Cruz de Goiás

O Batuque surgiu no Brasil por volta dos meados do século XVII, tendo diversas variações das religiões afro-brasileiras que ainda hoje são praticadas no Brasil. Foi criado e tem sido adaptado com muitas variações por todo o território brasileiro. Para Corrêa (2005, p.70-71), “Os primeiros templos do batuque possivelmente foram fundados no início do século XIX. (...) As divindades cultuadas no Batuque, chamadas “orixás” tem características muito humanas, cada uma com suas preferências e idiossincrasias”.

No Estado de São Paulo o Batuque ganha uma roupagem de uma expressão corporal que se faz pela dança como coloca Coito (2008, p.221):

Batuque é uma dança de origem africana e, no Estado de São Paulo, nos dias atuais, é dança de terreiro. Esta dança vem acompanhada de instrumentos musicais, os quais são: os membranofônios (tambu, quinjenje ou mulemba) e os idiofônios (matraca e guaiá); antigamente, o cordofônio(urucungo). A zona batuqueira paulista localizava-se no vale médio Tietê, abrangendo alguns municípios como Tietê (capital da zona batuqueira), Porto Feliz, Laranjal, Pereiras, Capivari, Botucatu, Piracicaba, Rio Claro, São Pedro, Itu, Tatuí. [...]o batuque se apresentava em duas colunas que se defrontavam e consistiam em dar umbigadas.

Uma manifestação de ecletismo religioso que se estendeu por várias regiões brasileiras, tem como traço principal a cultura negra. Apresenta-se como um jogo de similitude e de comunhão com a natureza. O Batuque fazia parte dos momentos de alegria, diversão dos escravos, era por muitos visto como momentos de barbárie, mas era uma dança que também contagiava os brancos. Geralmente ao ouvir a batida da caixa é uma provocação ou convocação feita pelo ao Batuque.

Embora em algumas regiões brasileira, tenha o Batuque sofrido algumas restrições da igreja, percebe-se que ele adentra o Planalto Central com contornos diferenciados do Sul do e Sudeste brasileiro e se transforma em movimento através da dança musicalizada pelo som dos foliões que ao som das caixas, dos tambores e demais instrumentos que são variáveis geram efeitos convidativos aos que participam e aos que ouvem suas músicas batucais.

Entendendo performance como um comportamento comunicativo, agrupamento ritual ou público com o intercâmbio de informações, percebe-se que no batuque reside as trocas simbólicas entre aqueles que dançam, aqueles que tocam e aqueles que assistem. Na qualidade daquilo que é apresentado e transmitido, com caracteres profundamente evocativos, considera-se performance a manifestação capaz de condensar em cada ato marcas identitárias. (SILVA JUNIOR, 2008, p.11).

Nas diversas regiões brasileiras que realizam o Batuque, percebemos a diversificação nessas manifestações folclóricas. Em Goiás está muito voltado às representações quilombolas com uma carga mística da singeleza sertaneja de danças tipicamente regionais:

[...] com influências das tropélias de Goiás e heranças africanas, com características comuns: o pisado, o pandeiro, as palmas, o movimento giratório, o zigue-zague e o confronto de corpos. Assim, tomamos essa manifestação como uma performance afro-sertaneja que funde heranças caipiras, práticas sertanejas e a cultura rústica negra. (SILVA JUNIOR, 2008, p.12).

Manifestações com característica dos quilombolas de Goiás, onde o espaço de suas apresentações com suas regras e valores, permitem relações construídas de forma coletiva e interpessoais. São desse modo, estabelecidos vínculos que adquirem sentido e são carregados de significância a cada componente destas comunidades.

Em Santa Cruz “O Batuque” também apresenta suas particularidades de modo que, faz parte dos festejos do Divino Espírito Santo. Acontece durante a semana que antecede a festa e de acordo com os moradores da cidade, o Batuque existe a mais de 170 anos, sendo passada de pai para filhos essa tradição. Tem como principal propósito acordar os cavaleiros da Cavahada para cuidarem de seus animais e para seus ensaios. Mas também é visto como uma alvorada, por acontecer pela madrugada e percorrer grande parte da cidade, parando aqui, ali e acolá, convidando os moradores para a festa.

Observamos que o Batuque de Santa Cruz tem o papel de uma caminhada/alvorada. Que não tem relação aos cultos dos orixás como acontece na Bahia. De acordo com o grupo focal Itinerante (06/06/2014), é um Batuque de sons envolvendo poucos instrumentos musicais e tem sido pontuado pelo pároco da cidade enquanto uma “Caminhada da Fé”. Seja o giro de alerta aos cavaleiros, seja uma alvorada de convite para a população, fato é que está presente por mais de 150 anos agregado aos festejos do Divino Espírito Santo.

Neste município o Batuque apresenta ainda uma singularidade que pode ser presenciada nesta cidade, uma caminhada que tem início às 4:00 horas da manhã. Sai da casa do coordenador do Batuque e fazendo um giro matinal ao som da “Caixa” e de outros instrumentos musicais, caminham por toda a cidade. Em pontos estratégicos vão soltando muitos foguetes e tem o papel de convidar toda a população para a Festa do Divino anunciando sua chegada.

De modo que, ao percorrer em andanças, ao som dos instrumentos musicais e regados de muito vinho, vão prenunciando a aproximação do Divino e vai ganhando adeptos ou participantes em cada esquina ou cada ponto de foguetório. Muitos bebem enquanto

caminham ou tocam seus instrumentos, o ritmo acelera com o repique da caixa que coordena o tom, a velocidade da caminhada e a efusão dos batuqueiros. Se faz de um público variado, idosos, adultos, jovens, crianças, homens e mulheres que carregam tradições familiares e buscam a continuidade deste folclore santacruzano.

Constituem num grupo, que percorre um caminho pré-estabelecido pelo coordenador do Batuque, com o intuito de convidar a população, vão construindo suas manifestações e motivando os mais jovens a dar sequência a essas tradições folclóricas da região. No final da caminhada, quando o sol já se apresenta no firmamento vão em busca de uma residência onde serão recebidos com uma farofada, ou uma galinhada, as vezes uma rodada de caldos quentes e muita cachaça que é o que anima a maioria dos batuqueiros.

Para os moradores o Batuque é uma tradição da cidade, um patrimônio cultural imaterial e tem a “Caixa” que dizem ter mais de 150 anos. “As pessoas já apropriaram dessas tradições, já veem nossos mestres como mestres e os valorizam como tal, então o Batuque é isso, essa turma que já acostumou levantar de madrugada e caminhar pelas ruas da cidade, convidando as pessoas para a festa.” (Grupo Focal Itinerante, 06/06/2014).

Formado por um grupo social e familiar que dizem ser os guardiões destes saberes. Ao batuqueiros procuram manter a tradição a preservação desse patrimônio imaterial. Esse grupo age como intermediário entre a sociedade e o indivíduo que atua no Batuque ou mesmo que simplesmente tem neste um dos pontos indentitário da sua comunidade. Dizem ainda que antes o Batuque era visto mais pelo lado da “bagunça”, da “bebedeira”, o que incomodava muito a igreja, mas, hoje são vistos de forma diferente. O IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), tem desenvolvido nesse município um projeto juntamente com a Secretaria da Educação, com o objetivo de conscientizar a população quanto à necessidade de preservação do patrimônio local. Antes viam o Batuque pelo lado mais de bagunça, mais de bebezão, agora não, agora eles tem um momento que bebem, mais é bem organizado, mais um momento de alegria pela chegada do tempo do Divino e de convite para a festa.

Madrugada, tudo escuro, exceto onde as luzes da cidade fazem a claridade, ali encontramos os batuqueiros na sua andança e alegria para entre cantorias, foguetórios e palmas acordarem os santacruzanos para a festa. Vê-se a presença da “Caixa”, que é tradicional no Batuque e também na Cavalhada, marcando o compasso das pisadas dos cavalos. Também tem outros instrumentos e outros participantes dessa caminhada.

De acordo com o Grupo Focal Itinerante (04/06/2014), “o Batuque tem um espírito de fé e de motivação espiritual, porque acaba sendo uma forma de levar o cristianismo com alegria aos fiéis”. Desse modo os batuqueiros de Santa Cruz acharam uma forma de louvar e agradecer. “Então, se antes os cristão não podiam falar de Jesus, hoje a gente pode louvar com

festa, a gente pode louvar fazendo dança, louvar cantando com uma forma diferenciada, então é um modo da gente louvar ao Divino” (Grupo Focal Itinerante 06/06/2014).

Observamos com o Grupo Focal Itinerante (04/06/2014) que, a maioria dos batuqueiros são mais jovens, com uma roupagem mais moderna. Talvez eles não tenham uma concepção maior do que foi aquela coisa mais tradicional. Pontuam assim: “É gostoso o Batuque, ele é hoje mais moderno do que já foi um dia. É um incentivo para o começo da festa, um convite para a população chamando para o começo da festa, para a Cavalhada”. Por ser de madrugada, é também para despertar a população para o que vai acontecer nos próximos dias, chamam a atenção para o que está acontecendo na cidade e o que ainda vai acontecer e chamar a população para participar e festejar o Divino. (Grupo Focal Itinerante 04/06/2014).

No Batuque tem a farofada: “Todo dia uma família levanta três horas da manhã e já começa a preparar para receber os batuqueiros, que após percorrer toda a cidade param nesta casa e são recebidos com uma farofa ou outra coisa qualquer, geralmente uma comida de sal” (Grupo Focal Itinerante 04/06/2014). Observamos que essa comilança acontece no amanhecer de cada dia que o Batuque faz sua caminhada.

A comida sempre está acompanhada pelo vinho, por uma cachaça, um cafezinho, na casa que recebem os batuqueiros bate a caixa aí já é uma alerta para o pessoal que ali estão ouvindo o som da caixa, dos foguetes, terminando o som do Batuque se deliciam na refeição farta. A população se sente motivada para os festejos e no final do Batuque quando vão encerrar sempre reza um Pai Nosso uma Ave Maria e agradecem pela farofada. Ao serem motivados a falar de como o Batuque é visto pela população disseram:

É muito raro acontecer de uma pessoa reclamar por ser acordado com o Batuque, quando isso ocorre, geralmente são pessoas de outra religião que sempre tem, mas mesmo assim é um caso muito extremo porque a maioria das pessoas esperam por essa festa o ano todo. Faz parte dos eventos culturais da cidade e como tem muitos anos que são realizados, as pessoas se envolvem e passam se não a fazer parte enquanto integrante dos batuqueiros a admirar e gostam. (Grupo Focal Itinerante 04/06/2014).

Para os cavalheiros: O Batuque é o que marca o início dos ensaios da nossa Cavalhada, que vai à casa de todo mundo, acorda o pessoal, aquela pessoa que gosta, que ama abre a porta e dá um litro de vinho, tem bastante foguetes e pra nós cavalheiros é muito importante porque é a hora que nós acordamos para tratar dos nossos cavalos, cuidar deles para que na hora dos ensaios eles estejam bem. (Grupo Focal realizado com os cavalheiros da Cavalhada no dia 03/06/2014).

A Caixa do Batuque tem um valor simbólico muito grande para os batuqueiros, porque remete ao “Tuca”, antigo coordenador do Batuque passando para seu filho o Dito do

Tuca que é o responsável juntamente com sua família, mulher e filhos pela realização do mesmo. A Caixa também está presente no momento da Cavalhada: “[...] então quando a gente houve os cavalos entrar nas Cavalhadas, então o galope dos cavalos a gente houve também a marcação do galope pela caixa, então é uma simbologia muito grande.” (Grupo Focal Itinerante realizado dia 04/06/2014).

Antes de acordo com moradores mais antigos da cidade, o Batuque era uma manifestação onde os batuqueiros saiam para acordar os cavaleiros para ir tratar da tropa e ter um ensaio logo de manhã, mas hoje o povo não vê dessa forma.

Então o que distanciou o ensaio da Cavalhada antes de manhã para a tarde hoje, foi a vida muito corrida que o povo leva, muitos trabalham o dia todo e o tempo para os ensaios é somente no período vespertino. Na hora que os batuqueiros batem a caixa e solta os foguetes às quatro horas da manhã o povo está querendo é dormir. (Grupo Focal Itinerante realizado dia 04/06/2014).

Para o povo santacruzano, O Batuque é preservado por muitos anos e é visto como um símbolo do Espírito Santo é o chamamento do povo para a festa. Isso é um resultado de religiosidade de avivamento da fé das pessoas, e como hoje tem várias religiões na cidade, eles participam da nossa cultura do nosso folclore. “São sete dias de Batuque, encerra na quinta-feira da festa e depois os seus integrantes participam de outros momentos folclóricos. Mas o Batuque é um pedacinho da festa como a Cavalhada, a Folia e os outros eventos”. (Grupo Focal Itinerante realizado dia 04/06/2014).

Batuque é outra coisa que tem sido preservada, em função de algumas pessoas passando de família para família, então aqui tem tido esse cuidado, talvez não tanto quanto seria necessário porque não há recursos próprios pra isso, o Estado não tem conseguido investir apesar da Secretaria de Cultura, apesar do IPHAN, apesar de haver uma Secretaria de Cultura municipal, mas não tem conseguido investir (Grupo Focal Itinerante realizado dia 04/06/2014), mesmo assim tem sido preservado em função de uma tradição familiar.

[...] é uma tradição que a gente não se vê em outra localidade, só em Santa Cruz que a gente tem visto isso, mas é graça ao esforço dessa família do ‘Dito do Tuca’ que coordena o Batuque a mais de 50 anos.

O Batuque é a Caixa e inclusive quem toca a caixa aqui hoje é o Dito do Tuca, a Caixa é que de madrugada que chama as pessoas pra festa, sai para avisar que olha tá chegando a festa. E a caixa tem um segredo também que ela faz um barulho do chocalho de uma cobra, da cobra cascavel. Antigamente a gente acompanhava o Tuca e hoje acompanha o Dito do Tuca e tem também um filho dele que também toca. (Grupo Focal Itinerante realizado dia 04/06/2014).

Para muitos o Batuque hoje é chamado de “A Caminhada da Fé”, uma sugestão do atual pároco, talvez uma tentativa de amenizar um pouco os excessos de bebidas alcoólicas que são ingeridos nessa caminhada matinal. Há, porém, um grupo que defende a preservação do nome Batuque, por ser esse um integrante do patrimônio cultural imaterial do município, é um patrimônio intangível, fato é que, Batuque ou Caminhada da Fé, não importa, o que vale mesmo é a manutenção deste folclore e sua simbologia na festa do divino.

CAPÍTULO III - A CAVALHADA DE SANTA CRUZ DE GOIÁS: Tradição e Herança Colonial

Neste capítulo pretende-se estudar a Cavallhada de forma detalhada, por ser o ápice das manifestações folclóricas da cidade no período da Festa do Divino de Santa Cruz de Goiás. A proposta é visualizar de modo rápido, a história das Cavallhadas no Brasil, em Goiás e por fim em Santa Cruz de Goiás, identificando os eventos que envolvem a sua organização e sua realização e discorrendo sobre sua tradição.

3.1 As Cavallhadas no Brasil

De origem Ibérica, as Cavallhadas fazem parte dos primeiros indícios do folclore brasileiro que faz uso de cavalos em seus jogos. Apresenta expressivas características regionais, variando os rituais de região para região, onde cada comunidade cria e recria nessa reprodução de fatos medievos (BRANDÃO, 1974). Essa dramatização a céu aberto é considerada como um folclore sincrético.

Embora o linguajar das Cavallhadas conservar o idioma medieval, ocorreram modificações, acréscimos e adaptações neste teatro equestre que imita os torneios medievos. Uma luta entre cavaleiros mouros e cristãos que tem sua origem no século XII na península ibérica por ocasião da reconquista. Sua elaboração tinha vínculo com a função de propagar as cruzadas e a reconquista. Chega na América Portuguesa por volta do século XVI (JANCSÓ, KANTOR, 2001).

No Brasil as primeiras notícias sobre as Cavallhadas foram datadas do século XVI. Também que várias manifestações lúdicas faziam parte e foram sinônimos de Cavallhada, assim como a corrida das argolinhas, os jogos de cana e as corridas de patos (JANCSÓ, KANTOR, 2001). As Cavallhadas também eram conhecidas como as “mouriscas e mouriscadas”, em outras regiões de “cavalarias e festas de cavalo”. Isso possivelmente ocorreu pelo fato da diversidade dos jogos que eram realizados nesses torneios equestres (JANCSÓ, KANTOR, 2001).

No Brasil colonial as Cavallhadas faziam parte de quase todos os momentos festivos, embora não houvesse uma data pré-estabelecida para que elas acontecessem. Tivesse

uma ocasião especial festiva ou comemorativa, também teria as Cavalhadas, em alguns momentos nos festejos de pentecostes ligados à Igreja, como em festas promovidas pelo Estado, de modo que, nos principais acontecimentos festivos sociais tinham a sua representação.

As primeiras notícias sobre Cavalhadas no Brasil são fornecidas pelo Pe. Fernão Cardim, que assistiu jogo de canas, patos e argolinhas em Pernambuco já em 1584. Apresenta-nos também notícias de Cavalhada na Bahia em 1609, em regozijo a chegada do governador d. Diogo de Meneses. Outras referências são dadas às cavalhadas realizadas em 1641, pela aclamação de d. João VI em Pernambuco e no rio de Janeiro. (SILVA, 2001, P.27).

Eram festas cheias de pompas e requintes desde os primórdios de suas realizações no Brasil:

As cavalhadas eram festas de grande “aparatos” [...] as praças públicas era cenário privilegiado da festa. Na aclamação de José I, em 1752, se fizeram “festas de cavalo no terreiro da praça onde o nosso governador havia mandado fazer uma esplêndida Praça com trincheiras, palanques, e camarotes, com tantas distinções, que mais parecia obra da Corte do que seguir o uso destas Índias, onde não se praticam tantas regularidades. Enquanto a elite ocupava os camarotes e palanques, o povo se espalhava por onde podia e, frequentemente, as pessoas se apinhavam nas janelas das casas para assistir ao acontecimento festivo. (JANCSÓ, KANTOR, 2001, p.78).

A Cavalhada é um teatro equestre, realizado a céu aberto, gratuito e faz parte dos festejos do Divino Espírito Santo e que representa várias batalhas do cristão Carlos Magno e seus Doze Pares da França que encenam uma luta contra o Sultão da Mauritània e seu exército representantes dos mouros, (que ocupavam a Península Ibérica). É a encenação dessa luta que culmina com a derrota dos mouros e se caracteriza pela fusão de uma parte teatral e outra que se compõe de jogos, momento esse em que os cavaleiros deixam o ritual de representação da luta, e estabelecem uma disputa em vários jogos equestres de características medievais, em que a destreza e a habilidade destes são necessárias (BRANDÃO, 1974). As Cavalhadas são apresentadas como um torneio equestre, envolvendo em vários momentos, em várias cenas, competições que requerem muita destreza por parte dos cavaleiros que as disputam em representações a céu aberto.

A Figura 13 mostra um momento em que os cavaleiros apresentam uma das escaramuças encenadas no campo de batalha. As escaramuças são representações que dramatizam cada momento da Cavalhada. “[...] uma espécie de dramatização da violência recorrente nessa sociedade”. Nessas oportunidades sublimavam a hierarquização do povo colonial brasileiro. “Batalhas fingidas muitas vezes escondiam rivalidades verdadeiras”. (DEL PRIORE, 2000, p.61).



Figura 13: Cavaleiros mouros e cristãos em combate.
Fonte: REZENDE, Liberalina Teodoro de. Junho/2014.

Outra questão interessante era a disposição dos cavaleiros no momento de disputas das Cavalladas no período colonial, eram realizadas ora por dois grupos formando dois fios, ora reuniam e formavam tão somente um fio, e geralmente iniciavam com o desfile dos cavaleiros e depois com os jogos. E antecedia a essa representação as saudações às autoridade e ao público presente pelos cavaleiros.

Se deu princípio a uma magnífica cavallada de oito parelhas sumamente ajustadas, assim na perícia dos cavaleiros, como no rico dos seus vestidos, todos encarnados, e no adorno dos cavalos lustrosamente ajaezados. Traziam diante uma estrondosa consonância de tambores, trombetas, bases, pífanos e flautas a que seguiam os cavalos e os pajens de lança, vestidos de librés de seus senhores. Com todo esse estrépito e aparato, romperam a praça as oito parelhas de cavaleiros, buscando pelo meio do terreiro a fronte do adro da matriz, onde se achava o nobre Senado da Câmara, toda a nobreza e inumerável povo. Dividindo-se depois em duas alas, fizeram as cortesias ao Senado e depois aos mais circundantes, passeando todo o terreno em círculo. Passadas as parelhas tiraram lanças, preferindo no obséquio das argolas ao Senado e capitão-mor. Jogaram depois as canas, fechando o festejo desta tarde com uma bem ordenada escaramuça. (JANCÓS, KANTOR, 2001).

Observa-se que ainda hoje muito se conserva daqueles tempos idos, como é o caso do combate entre os dois grupos rivais ou de mouros e cristãos. Havia e ainda há o combate realizado em dois momentos singulares que são as escaramuças que se fazem num combate coletivo em que todos os cavaleiros dos dois grupos estão em campo e em cena. O segundo

são as justas, ou seja, uma forma de desafio individual em que os cavaleiros rivais encenam um de cada vez no campo, o que é logo em seguida respondido pelo cavaleiro do grupo rival

Desse modo temos hoje muito do que era encenado no século XVII, como é o caso das escaramuças de espadas, das lanças antes conhecidas como canas e das pistolas. “[...] em 1641, escaramuças de espadas: “Apartaram-se as quadrilhas, cada uma por sua parte, e viram, como que cada uma buscava seu inimigo, quando se encontraram, indo passando um por outros, levavam das espadas, e se iam acutilando ao falso”. (JANCSÓ, KANTOR, 2001).

Em relação as escaramuças de pistolas, foram uma reprodução das lutas entre mouros e cristãos com o uso da pólvora. Seu uso foi presenciado por, “[...] Debret, no Rio de Janeiro, cavalheiros usavam tiros de pistola ‘carregada somente com pólvora’, que serviam mais para fazer barulho do que para realmente ferir o oponente”. (JANCSÓ, KANTOR, 2001).

Em diversas regiões do Brasil a Cavallhada fez e faz parte de suas principais festas religiosas, de acordo com Silva (2002, p.137):

Em inúmeras cidades brasileiras onde a sociabilidade esteve relacionada com as festas religiosas as Cavallhadas juntamente com as festas de padroeiros constituíram em momentos de reafirmação da fé católica e da (re) dinamização da rotina diária das pessoas que nas festas se deslocavam de outras cidades ou de núcleos rurais para efetivarem encontros, estabelecerem relações afetivas, comerciais e solidárias.

Os festejos dos santos é uma forma de reafirmação da fé visualizadas na mudança de rotina das pessoas que participam da festança. É sempre visível ao analisar os festejos das Cavallhadas na festa do Divino. Observa-se também uma concepção de tempo cultural que é fundamental para a compreensão da dimensão cavalheiresca “[...] formada por laços e entrelaço da Festa do Divino. [...] a festa (Cavallhadas) é uma possibilidade de ser co-presente fundada na tradição à maneira de compreensão de determinado mundo (festivo) [...]”, (D’ABADIA, 2014, p.51). Desse modo, as Cavallhadas é um elemento que sinaliza a tradição e a herança folclórica que põe à mostra a identidade do povo.

Nessa rede de significados, Del Priore expressa o seguinte sobre as Cavallhadas:

As cavallhadas ou cavalarias eram reminiscências das justas e torneios de nobres cavaleiros, a que vieram somar-se a celebração dramatizada das lutas entre cristãos e mouros, com embaixadas, desafios e raptos de princesas constituindo exercícios de destreza militar na forma de jogos e divertimento de fidalgos. (DEL PRIORE, 2000, p.60).

Saliente-se que o jogo das argolinhas praticado pelos cavaleiros da Cavallhada era uma prática no Brasil Colonial do século XVI. De modo que é contado por Cascudo (1972), das que haviam os postes e pendurado neles os arcos de metal e que os cavaleiros disputavam para retirá-los com a ponta de suas lanças. Assim como hoje, também naquele tempo era costume oferecer as argolinhas para pessoas da sociedade ou mesmo a familiares.

De um modo algo próximo, recorremos a Amaral quando sugere para as festas populares duas classificações que são: as Festas de participação e as de Representação. A Cavallhada se encaixa nas Festas de Representações, que eram as festas que apresentavam “atores” e “expectadores”. Observando sempre que os atores são em número menores que os expectadores e são os que fazem a festa. Numa organização e participação para os expectadores. “[...] os expectadores são muito numerosos, especialmente hoje, com as reportagens diretas via televisão” (AMARAL, 1998, p.41).

De acordo com Brandão (1974) as Cavallhadas podem ser observadas em duas modalidades de representações sendo: Jogos equestres registrados no Nordeste brasileiro e as sincréticas representações da luta travada entre mouros e cristãos, tradicionais do Sul do Brasil. No Centro-Oeste brasileiro a tradição da Cavallhada incorporou a junção destas duas modalidades. Para o autor isso ocorre em outras regiões do interior do Brasil e pontua uma certa dificuldade em distinguir quando uma existiu separadamente da outra, até porque, mesmo nas Cavallhadas nordestinas podemos encontrar indícios de alusão a Carlos Magno nesses jogos equestre.

Desse modo, as Cavallhadas eram diversão da aristocracia portuguesa. Em forma de jogos equestres, era uma oportunidade de exibição da destreza com os cavalos e da riqueza de suas indumentárias. Outro ponto marcante era os sons entoados pelos “clarins, trombetas e trompas”, que marcavam as carreiras com suas evoluções e as escaramuças realizadas pelos cavallheiros.

3.2 As Cavallhadas em Goiás

Johann Emanuel Pohl (1782-1834) e Auguste Saint-Hilaire (1799-1853), foram os responsáveis pelas primeiras descrições a respeito das Cavallhadas em Goiás. Dois

naturalistas que foram contratados pelo Rei Dom João VI, com a finalidade de realizarem o reconhecimento da fitofionomia brasileira nas primeiras décadas do século XIX, entre os anos de 1816 e 1822. Eles relatam que ao passarem por Santa Cruz de Goiás, puderam ver e acompanhar as programações de festividades religiosas e relatam sobre as já existentes Cavalhadas deste município.

A passagem de Pohl por Santa Cruz não foi esquecida em suas anotações. Além de fazer inferências a respeito da decadência deste município, o viajante também argumenta que isso foi decorrente da mudança da estrada de tropeiros que antes passava pela referida cidade e foi desviado para Bom Fim (Silvânia) o que o tornava mais curto até a cidade de Goiás.

Saint-Hilaire passando por Santa Luzia (Luziânia), em Goiás (1819), assiste a uma representação das Cavalhadas e descreve assim esse momento:

Entrementes vieram os cavaleiros. Traçara-se na praça, com barro branco, um grande quadrado em volta do qual se alinhavam os espectadores, de pé ou sentados em bancos. Os cavaleiros usavam uniforme de milícia; tinham um capacete de papelão na cabeça e cavalgavam animais enfeitados com fitas; limitaram-se a percorrer a pista em vários sentidos, e, simultaneamente, homens a cavalo, mascarados disfarçados de vários modos, faziam momices semelhantes às dos nossos palhaços. Durante o espetáculo assaz monótono eu conversava com o cura... quando os exercícios terminaram, cada qual se retirou e as senhoras voltaram para casa. (SAINT-HILAIRE, 1975: 24).

Em relação às dificuldades que Santa Cruz atravessava Saint-Hilaire (1975) também descreveu esses momentos tumultuados e preocupantes para os santacruzanos que estavam tentando sair da decadência mineraria o que é reforçado nas anotações de Pohl (1976, p.117):

[...] a estrada que liga Goiás a São Paulo passou durante muito tempo por Santa Cruz, e nessa época as tropas deixavam aí algum dinheiro, mas até essa escassa fonte de renda foi tirada do arraial, pois a partir de Bom Fim toma-se outra estrada que torna o caminho quatro léguas mais curto.

Neste momento o naturalista pontuou que Santa Cruz contava com uma pequena população urbana “[...] um pequeno número de artesãos, de prostitutas, de dois ou três proprietários de cabarés e, finalmente, de mulatos e negros livres” (POHL, 1976, p.117). Em relação as festas o naturalista Pohl (1976) afirmava que chegou em Santa Cruz no dia 29 de maio de 1818 permanecendo por 5 dias. Registra que neste período ele podia assistir e participar das festanças de Pentecostes. O viajante descreveu a euforia dos participantes destas

festas, o barulho intenso, as trombetas, os tambores, os fogos e a chegada de famílias de camponeses de várias regiões do Julgado. Sobre a Cavalhada registrou:

Na parte de cima da praça, estavam os cavaleiros, vestidos com o uniforme português, em formatura e nos saudaram com as suas espadas. A praça, muito espaçosa, estava repleta de espectadores. Tomamos assento numa elevada tribuna de ramos de palmeiras, que também serviam para nos proteger do sol. Mais abaixo estavam os soldados. Por meio de uma risca traçada à cal, a praça estava dividida em forma de cruz. O jogo foi iniciado com o aparecimento de ridículos mascarados, que, com as suas caretas e caçoadas, provocavam gargalhadas, especialmente um deles que representava um mestre-de-dança francês. [...] Então começou o jogo propriamente dito, que representava um combate entre os mouros e os portugueses. Um grupo dos mouros muito bem fantasiados penetrou na praça, saudando com as espadas, seguindo-se a eles os cavaleiros portugueses. O espetáculo foi aberto por uma embaixada que oferecia a paz aos mouros, se eles aceitassem a religião cristã. A oferta foi recusada e principiou o combate. Os mouros foram vencidos e convertidos. Durante as pausas do espetáculo, eu tive de conformar-me em percorrer a praça em todas as direções, com os soldados à frente; em todo canto éramos cumprimentados com gritos de viva pelos homens que descobriam a cabeças; depois disso, voltávamos à tribuna e o espetáculo continuava. O combate foi executado com admirável habilidade; as evoluções, o arremesso de lanças, o esgrimirem das espadas despertaram-me sincera admiração. Era perfeito o manejo dos cavalos, e estes de admirável beleza. Nenhum acidente no combate perturbou a alegria geral. Ao pôr-do-sol, findou-se o espetáculo, que devia ser continuado no dia seguinte. (POHL, 1976, p.298-299).

Os relatos dos viajantes são fundamentais para a compreensão desse período histórico por ter sido pouco analisado. Ajudam-nos a ter uma percepção de como eram realizados os eventos festivos naquela época. Em Goiás, é bastante comum que as Cavalhadas aconteçam nos festejos do Divino, como é o caso de Santa Cruz de Goiás, Pirenópolis e Jaraguá (DEUS & SILVA, 2002). Em cada uma dessas localidades ocorreu variações decorrentes das recriações da população com o passar do tempo.

As historiadoras Deus e Silva (2002), pontuam ainda que: “No Brasil, as Cavalhadas mais comuns são de dois tipos: aquelas nas quais acontece um jogo ou aquelas nas quais acontece um teatro. Em Goiás os teatros combinados com os jogos são os mais comuns.” (DEUS & SILVA, 2002, p.63). Para Brandão “A tradição que se guarda e rememora, tanto nas Cavalhadas como em Cristãos e Mouros, é a das lutas de Carlos Magno e dos Doze Pares de França” (1974, p.19). Em relação à realização da Cavalhada o que ocorre é a encenação de uma luta entre os exércitos dos mouros e o exército dos cristãos. São encenações de competição em todas as cenas ou escaramuças, porém não fica visível nas coreografias realizadas nas carreiras de quem vence quem. As lutas tem um desfecho previsto e conhecido por todos os presentes, em que o exército cristão sempre vence o exército mouro. (BRANDÃO, 1974).

Desse modo, as Cavalhadas de Santa Cruz de Goiás são corridas em dois dias durante os festejos do Divino, e sempre terminam com a Missa dos Cavaleiros. O cortejo dos cavaleiros adentra a igreja, já repleta de fiéis e são recebidos com honrarias e aplausos. Eles

tomam assentos em locais de destaque, como a selar o compromisso de fidelidade ao Senhor. Esse teatro simboliza as batalhas campais dos cavaleiros medievos, mas é uma reafirmação da cultura católica rural no Brasil.

Em Santa Cruz de Goiás, a Cavallhada faz parte da Festa do Divino Espírito Santo. Pela importância desse festejo passou a ser conhecida na região como a Festa das Cavallhadas de Santa Cruz e não a Festa do Divino. Uma questão que vem sendo trabalhada principalmente pelo pároco de lembrar que todos devem se reportar como sendo a Festa do Divino e não das Cavallhadas. Embora seja uma das festividades do calendário da Festa do Divino, ela atrai um público maior que a comunidade local.

3.3 Rompendo Fronteiras Milenares: cavaleiros medievais nos rituais da Cavallhada de Santa Cruz de Goiás

A Cavallhada de Santa Cruz faz parte do patrimônio cultural imaterial deste município. Foi criada e reelaborada pelo seu povo de origem rural ao longo dos anos e envolve toda sua população. Recebe um grande número de turistas/visitantes que na sua maioria são familiares que não moram mais na cidade, moradores rurais e das cidades circunvizinhas.

Para a memorialista Fátima Paraguassú a Cavallhada marca o ápice dos festejos do Divino. É realizada nos dois últimos dias, geralmente sábado e domingo à tarde,

A encenação em Santa Cruz acontece em dois dias consecutivos. É uma história fascinante! A primeira encenação aqui foi em maio de 1816, coordenada por Haspasiano Adagomanto. A mais antiga do Estado. Só sabemos que as cavallhadas, nada mais é que a representação da guerra, entre o Império Francês contra os Turcos Mouros. Guerra, por religião, em política e paixão. (PARAGUASSÚ 2011, p.17).

Em Santa Cruz de Goiás a Cavallhada também tem a conotação de jogos relacionado ao universo do sagrado, na medida que acontece no contexto religioso. Tem uma simbologia religiosa muito grande para os católicos, num processo de conquista e reconquista em que, Carlos Magno e seu exército impediu a entrada dos mouros na França, sendo uma rememoração dos combates do período medieval. (BRANDÃO, 1974).

Os jogos de Santa Cruz, acontecem com doze cavaleiros cristãos e doze cavaleiros mouros, que encenam um enredo com fundo religioso. É distinta a figura do Rei mouro e do Rei cristão e os cavaleiros que ocupam este recebem o reconhecimento e aceitação dos demais, pois dificilmente são destituídos. Somente deixam este posto quando por doenças, impossibilidades e morte. (BRANDÃO, 1974).

As Cavalhadas se dividem em três momentos estruturais que são: primeiro as embaixadas com tentativas de conversão dos mouros, seguida de encenações de guerra e termina o primeiro dia com o rapto da princesa cristã pelos mouros; no segundo momento, encenam novas batalhas de guerra com a vitória dos cristãos que retomam a princesa “Angélica” para seu castelo novamente e o batizado dos cavaleiros mouros que juram a conversam ao cristianismo; o terceiro momento, é quando acontecem os jogos ou provas de habilidades dos cavaleiros “Tira cabeças e o Tira argolinhas”. Esses eventos propiciam ao público de modo geral uma aproximação com os festejos do Divino, mas também momentos de diversão e reencontros com familiares e amigos.

Há quase dois séculos correm Cavallhada em Santa Cruz de Goiás e conservam o mesmo estilo das fantasias. Também preservam as músicas ao som da banda e ao toque da caixa, as mesmas escaramuças e rituais e invariavelmente o mesmo resultado: os cristãos dominam os mouros que convertem-se ao cristianismo e ali mesmo no palco de apresentações, recebem o batismo celebrando o acordo de paz entre os combatentes.

A encenação da Cavallhada de Santa Cruz inicia-se no sábado e termina no domingo de Pentecostes. Elas costumam ser um dos momentos mais esperados e frequentados da festa. Compreendem uma sequência rítmica prescrita e anualmente repetida de forma incansável pelos santacruzanos. Nestes dois dias acontecem várias encenações de lutas chamadas de escaramuças que são as representações de conflitos entre mouros e cristãos. De acordo com a memorialista Fátima Paraguassú (2011) em Santa Cruz de Goiás acontecem no primeiro dia oito escaramuças, denominadas de carreiras, ou seja, de combate entre os dois reinos que são:

Defesa de praça — em fila cerrada, cada exército defende seu território.

Defesinha (individual) — um cavaleiro mouro e um cavaleiro cristão defendem seu território respectivamente, sem invadir o território alheio.

Segundo batalhão — fazem um florão no meio do campo e volta para os castelos. Os guias abrem para a direita e os contra - guias para a esquerda. Chegando à porta da travessa, os guias encontram os contra - guias inimigos e fazem o florão. Voltando, fazem a passagem morta nos castelos (passam pelo inimigo e o ignora) indo novamente fazer o florão na ponta da travessa, seguindo até usar todas as armas: lança, espada e revólver.

Quatro Fios — saem os guias e contra - guias de seus castelos seguidos de seus soldados. Formam duas alas até encontrar o inimigo na travessa, voltando para a lateral do campo onde vão encontrar o guia com seu contra - guia, ficando um ao lado do outro. Iniciam os golpes de lança, depois de passarem pelo centro do campo, indo até a lateral do mesmo; depois os golpes de revólveres e espada acontecem nas laterais. Esta escaramuça é feita com dois cavaleiros de cada lado.

Quinze Encontros — em fila cerrada saem pela esquerda do castelo, entram na cabeça da travessa. Os guias entram pela direita e os contra - guias pela esquerda. Chegando aos castelos os guias encontram os contra - guias inimigos, onde há ameaça de ataque com arma. Em seguida, chegando à travessa, os contra - guias cerram fileira com seu guia, com respeito e indo para os castelos onde deixam as lanças. Repetem-se tudo usando espadas e revólveres.

Princesa Angélica — em fila cerrada saindo pela esquerda do castelo. No castelo inimigo, entra na travessa onde acontece um único bote de lança, indo cada um para seu castelo. Deixam a lança, entram na linha e dão a primeira descarga de tira na travessa. Indo ao castelo inimigo, entram à direita, pegam a travessa no centro do campo, dão o primeiro bote de espadas no centro do campo; indo novamente ao castelo inimigo, fazem um florão que representa o segundo bote de espadas e encastelam-se.

Joaquim Rodrigues Alves – os guias e contra – guias na linha, formam duas fileiras até a travessa, quando encontram o inimigo voltando em sentido contrário para o castelo. Iniciam os golpes de lança que acontecem na travessa. Vão até a lateral do campo e começam os golpes de revólveres e espadas. Escaramuça realizada com todos os cavaleiros.

Torneio de Todos – saem os cavaleiros pela esquerda cruzando o campo de canto a canto. Há um retorno forçando para a esquerda para fazer o primeiro florão de lança. Deixando a lança, saem para o canto direito, e dão a primeira descarga de tiro, procedendo do mesmo modo com as lanças até o último lance com espada. (PARAGUASSÛ, 2011, p.22/23).

Desse modo encerra as encenações do primeiro dia e a princesa permanece sob o poder dos mouros, que após um pedido de trégua, recuam para o descanso e preparo para a próxima batalha que será encenada no domingo de Pentecostes.

No segundo dia os cavaleiros entram em cena, desta vez a princesa esta vestida de vermelho e acompanhada pelos cavaleiros mouros que a roubaram dos cristãos. Os cavaleiros cristãos dão a volta pelo campo e percebem assim a presença de espões. Ao serem notados os espões mouros, pelos cavaleiros cristãos, estes logo decidem por matá-los. Com a morte de um espião mouro em “terras cristãs”, isso vai inflamar os demais espões, que avisam ao Sultão. Após a retirada do morto do campo de batalha, reiniciam novamente o combate que é encenado por mais oito escaramuças assim sequenciadas:

Defesa de Praça — em fila cerrada cada exército defende seu campo.

Lança em Fogo — saem na linha e fazem meio florão no meio do campo, indo para a travessa. Quando os guias vão para a direita, os contra - guias vão para a esquerda. Os contra – guias atacam o castelo inimigo, que é defendido pelos guias, isto é, em todos os lances de armas. No último lance, que é de espada, forma - se o florão.

Quatro fios — saem os guias e contra – guias na linha, formando duas linhas até a travessa, quando encontram o inimigo. Voltando em sentido contrário para o castelo, ficam lado a lado, os guias e contra - guias nos castelos. Iniciam dois a dois, os golpes de lança, que acontecem na travessa e vão até as laterais do campo; em seguida os golpes de revólveres e espadas acontecem nas laterais.

Gumercindo Monteiro de Godoy — fila cerrada no primeiro bote de lança. Permanecem nos castelos, os contra – guias e seus soldados, seguindo os guias com seus seguidores. No segundo lance de lança, só após o golpe, segue o contra guia com seus seguidores até o último lance de espada.

Coroa Imperial — saem na linha até atingir o castelo inimigo. Quando os guias abrem para direita e os contra – guias para esquerda desenham uma bela coroa no centro do campo. Abrem, nos castelos, seguindo o guia e o contra - guia. **Ponta de Lança:** abrem nos Castelos

Cabeça – colocam-se os balaios no centro e laterais do campo, simbolizando as cabeças dos cavaleiros inimigos. Individualmente tentam acertar a cabeça adversária, com lança, espada e revólver.

Fogo nos Castelos – todos os cavaleiros saem em fila e se encontram no meio do campo: Os guias saem para a esquerda. Rei mouro ataca e o imperador cristão defende o seu castelo. Acontece o contrário no lance seguinte: Imperador cristão ataca e os mouros se defendem. Há sempre a passagem morta no meio do campo Nesta passagem não há ataques. Passam um pelo outro e nada fazem. Em seguida o lance de tiros. (PARAGUASSÛ, 2011, p.30-31).

Essa sequência de escaramuças representa a encenação dos cristãos tentando convencer os mouros a se converterem à religião cristã. Não aceitando a conversão, os reis declaram estado de guerra e se comprometem a que a fé dos vitoriosos seja reconhecida como a verdadeira e, portanto professada pelos perdedores a partir de então, o que se repete ano pós ano com a vitória dos cristãos.



Figura 14: Cavaleiros mouros ajoelhados de frente ao padre, aguardando a encenação do batizado.
Fonte: REZENDE, Liberalina Teodoro de. Junho/2014.

Nessas encenações do segundo dia após várias escaramuças ou batalhas, os cristão tomam a princesa e de posse dessa, rendem os cavaleiros mouros que terminam por se converterem ao cristianismo e ali em campo de Batalha entra em cena o pároco da cidade, e as madrinhas dos cavaleiros que geralmente são as esposas, namoradas, madrinhas de batizado e mães. Os cavaleiros mouros são batizados (Figura 14). O simulacro do batismo cristão posto em cena representa o momento da performance dos cavaleiros mais carregado de simbolismos.” (SPINELLI, 2010, p.63). Esse é o único momento de encenação em que os cavaleiros estão com os pés no chão, sem seus cavalos, que nesse momento são cuidados pelos lanceiros.

A dominação belicosa é uma resignificação que ocorre através do batizado dos cavaleiros mouros. Pelo viés do resultado que se fez pela vitória coletiva, positivando desse modo, a derrota dos cavaleiros mouros que se dobram de joelhos para receberem as bênçãos do batizado. A compreensão final é de que a vitória é de todos, afinal são agora irmanados pela fé cristã.

Ajoelhados de frente ao padre, que traz consigo algum objeto litúrgico e se faz acompanhar por alguém que tem em mão o microfone para que toda a encenação seja ouvida pela plateia (Figura 13). Pelas costas dos cavaleiros mouros as madrinhas acima mencionadas. Um momento muito simbólico e cheio de emoções. A evocação do Divino Espírito Santo se transforma em devoção, simbolizando o compromisso, a fidelidade com o catolicismo.

Ainda no segundo dia da Cavahada, após o batizado dos cavaleiros mouros, acontecem as últimas carreiras que se fazem em forma de jogos de disputa de destreza equestre. Esse momento é muito esperado pelo público, quando as disputas, que embora fazem parte da encenação da Cavahada, tem o espírito de competitividade entre os cavaleiros e seus familiares que ali estão à espreita para os aplausos aos vencedores.

Dentre as disputas equestres em Santa Cruz, destacamos o Tira Cabeças (Figura 15) e o jogo das argolinhas. O Tira Cabeças ou “[...] derrubada e levantamento de máscaras, com espadas e pistolas” (BRANDÃO, 1978, p.4) compreende em disputas entre pares de cavaleiros, um mouro e um cristão, que tentam acertar as cabeças com a lança e retirá-las de cima dos postes de madeira (são cabeças feitas de forma artesanal, geralmente por pessoas da cidade). São dispostas de duas a duas, um poste mais ou menos uns 100 metros um do outro e da mesma forma se posicionam os cavaleiros de dois a dois e se põem em disparada com uma lança em mãos e vão tentar retirar as cabeças de cima dos postes, vão se repetindo duplas de modo que todos participam.



Figura 15: Cavaleiros disputando o Tira Cabeças.
 Fonte: REZENDE, Liberalina Teodoro de. Junho/2014.

Tem ainda o jogo das argolinhas, bem parecido com o das cabeças, só que é disposto em campo de modo diferenciado. São dispostas duas hastes de madeira com mais ou menos três metros de altura e em cima são colocadas as argolinhas em um gancho de arame grosso. Na mesma disposição anterior, dois cavaleiros um cristão e um mouro se colocam lado a lado e a galope de lança em punho tentam retirar a argolinha da haste de madeira. Ao retirá-la o cavaleiro levanta o braço com a lança, comemorando seu sucesso, juntamente com a plateia que vibra aos gritos e assovios, acompanhada pelo anúncio do locutor.

Se o cavaleiro não acerta a argolinha, ele abaixa a lança e entra em jogo outro cavaleiro. O cavaleiro que acertou a argola, então a oferece a uma pessoa por ele escolhida na plateia. Essa escolha pode ser antes das corridas ou mesmo na hora da entrega da argolinha de modo a ser pego de surpresa o(a) escolhido(a). Podemos observar que esse ofertório tem muitos significados de acordo com os organizadores: representa a comprovação da destreza do cavaleiro; um ato de agradecimento e reconhecimento a alguém; o respeito e dedicação do cavaleiro a outras pessoas. Confere honra o ato de oferecer e também o de receber uma argolinha, como um presente cheio de bênçãos do Divino Espírito Santo.

Para o cavaleiro é uma glória a retirada tanto das cabeças, quanto das argolinhas e isso é festejado por todos os presentes, particularmente os amigos e parentes que vibram na

plateia. Observamos que neste momento prevalece o individualismo dos cavaleiros. O reconhecimento pela conquista é de cada um e não do grupo. É um momento de competitividade entre os mesmos (SPINELLI, 2010).

Nos últimos tempos tem mudado a concepção das homenagens realizadas por parte de alguns cavaleiros, que usam esse momento para oferecer a argolinha retirada para as pessoas com maior prestígio econômico, ou pessoas representativas na comunidade, geralmente políticos, esperando receber destes algum “dote” que quase sempre são oferecidos em espécie monetária. Enquanto uns acham isso correto, outros já abominam essas atitudes, numa tentativa de preservar aquilo que aprenderam com seus antecessores que geralmente eram os próprios familiares. (Grupo Focal Itinerante, 07/06/2014).

Nesse contexto, a Cavallhada de Santa Cruz se traduz por ser um meio de integração da comunidade:

As cavallhadas é um marco na história pra nós que somos da cidade de Santa Cruz, e as Cavallhadas é realmente uma grande atração turística, ela é promotora da união e está viva na memória do povo. Ela também promove o envolvimento da população nos festejos do Divino, tem muitas pessoas que se não fosse pela cavallhada não participaria dos festejos. Isso pode ser observado com os habitantes da zona rural que nestes dias mudam pra cidade e ali participam de tudo. Geralmente são hospedados na casa de parentes ou de amigos. Nós lutamos para preservar a tradição para nós podermos usufruir da festa que é um dos principais momentos de lazer e de socialização do nosso povo. (Grupo Focal Itinerante, 07/06/2014).

Interessante lembrar que, embora seja um desencadear de repetições em suas encenações, fato é que a Festa do Divino quebra a rotina dessa comunidade pacata. Desde o momento em que se inicia o giro da folia, as novenas e leilões, a Alvorada pela Banda, a caminhada matinal com o tradicional Batuque de Santa Cruz e os ensaios da Cavallhada com seus encerramentos diários na confraternização dos cavaleiros, no famoso “Coronel” e por última agora contam com a Cavalgada da Fé⁶ que é a união dos cavaleiros da região pela alegria do festejar o Divino.

Porém o mais importante em tudo isso, é o empenho da comunidade que, para fazer e acontecer cada momento, não importam com a forma e mesmo com os possíveis

⁶ Cavalgada da Fé - No último dia da Cavallhada eles reúnem no Distrito de Santo Antônio da Esperança vulgarmente conhecido como Rio do Peixe que dista a 18 Km de Santa Cruz. Então reunidos iniciam a Cavalgada da Fé, fazendo esse trajeto por horas consecutivas. Homens, mulheres e jovens se irmanam pela fé e chegando em Santa Cruz fazem um giro pelas principais ruas da cidade, depois seguem para o campo onde é realizada a Cavallhada e ali num ato de fé e devoção ao Divino desfilam pelo campo acenando o lenço ou o chapéu e são aplaudidos pelo público presente, dando abertura dos festejos da cavallhada no último dia (Grupo Focal itinerante, 08/06/2014).

incidentes de percurso. Vale a realização destas apresentações onde a sociedade cria e recria situações quase pedagógicas de reprodução e ordenanças, que vai legitimando esses afazeres enquanto patrimônio dessa comunidade, dando indicações profunda de como ela se legitima.

A Cavallhada é realizada no Campo Esportivo de Santa Cruz que se transforma em uma arena, onde nas laterais do campo fica estabelecido os espaços mouro e cristãos, sendo que do lado do espaço cristão tem o castelo onde fica a princesa “Angélica”, nos momentos em que não está encenando junto com os cavaleiros. Normalmente a princesa fica no castelo acompanhada de cavaleiros mirins, vestidos a caráter, numa forma de continuidade.

Outra forma de continuidade desse folclore representativo que é a Cavallhada é a figura dos pajens ou como são conhecidos em Santa Cruz De Goiás “os lanceiros”. Tem a função de cuidar dos animais dos cavaleiros e de dar assistência a eles, recolhendo as lanças e no momento necessário entregando-as de volta ao cavaleiro. Cada cavaleiro tem seu pajem que significa criado. Geralmente são adolescentes da cidade que sonham em ser um cavaleiro e correr Cavallhada.

As arquibancadas ficam totalmente cheia de espectadores, geralmente é comum encontrar reunidos grupos familiares, grupos de estudantes e pesquisadores, e grupos de amigos. Então pode-se observar com a pesquisadora Spinelli (2010) sobre as Cavallhadas de Pirenópolis enquanto semelhanças:

O espectador que não está nas arquibancadas ou em algum camarote está numa das vias de acesso ou circulando pela arena.

A percepção da tarde de cavallhada como um momento de socialização é generalizada na cidade. Os relatos na arena comprovam que, no senso comum local, a cavallhada é vista como um importante momento para estar entre parentes e reencontrar amigos, pessoas que por vezes só na arena se pode ver, especialmente quando moradores da zona rural ou de outro município. Vários interlocutores indicavam o propósito de socialização como o principal motivo para frequentar a arena anualmente. Era sobretudo o caso dos jovens, daqueles que apreciavam circular e, no passeio, rever pessoas e presenciar a festa que então se criava pelas passarelas. (SPINELLI, 2010, p.66).

Esse panorama é também presenciado em Santa Cruz de Goiás, as pessoas fazem um vai e vem constante no corredor formado entre as arquibancadas e a arena de apresentações, passam as tardes de cavallhada num descompromisso quase que total com sua rotina de vida. A percepção mediante o grupo focal realizado no dia das apresentações cavalheiresca, é de que as pessoas, principalmente os mais jovens vão ali numa busca de socialização. Muitos transitam em busca da área de consumo e de brinquedos para as crianças. Mas é fato que a continuidade dessa tradição é uma preocupação desse povo.

3.4 Princesa Angélica, Tradição na Cavallhada de Santa Cruz de Goiás

A figura da princesa “Angélica” na Cavallhada de Santa Cruz de Goiás é uma constante todos os anos em que realizam essas encenações entre mouros e cristãos. É uma singularidade da Cavallhada deste município. Em outras regiões brasileiras e mesmo goianas vê-se a figura da princesa, porém difere o seu nome, normalmente ela se chama “Floripes ou Floripa” e reportam à princesa lendária dos mulçumanos, como no romance “O tempo e o Vento” Erico Veríssimo segundo Schipanski, fala da princesa ao discorrer sobre as evoluções que eram realizadas por ocasião das encenações de espetáculos equestres na região Sul do Brasil em 1884. Nos momentos das festas do Divino no Rio Grande do Sul, “Em tom arrogante, o rei dos cristãos respondia que lutariam até o fim pela libertação de Floripa” (SCHIPANSKI, 2009, p.120).



Figura 16: A princesa “Angélica” aguarda no castelo acompanhada de cavaleiros mirins, enquanto estes estão em combate. Junho/2011. Arquivo Familiar.

Seja pelo fato de ter sempre a figura feminina na vida dos cavaleiros medievais, assim como é ainda hoje na vida dos homens, fato é que, em Santa Cruz de Goiás a figura da princesa “Angélica” tem um destaque na Cavallhada e na representatividade social deste

povo, (Figura 16). De modo que, para os santacruzanos é a: “Princesa Angélica, irmã de Roldão e sobrinha de Carlos Magno. No primeiro dia de encenações ela chega ao campo de batalha vestida de azul. A cor de sua roupa corresponde à cor azul da farda dos cavaleiros cristãos, e é relacionada ao cristianismo, à santidade”. (PARAGUASSÛ, 2011, p.20).

O processo de escolha da jovem que encena o papel de princesa Angélica teve mudanças ao longo dos anos. Antes a escolha era feita pelo Imperador do Divino (festeiro) e seus familiares, depois ficava a critério do prefeito municipal, geralmente os festeiros escolhiam alguns nomes, porém a decisão final cabia ao prefeito. De alguns anos pra cá essa escolha é de competência dos cavaleiros da Cavallhada, que se organizam de modo que, as jovens tem algum tempo para se inscreverem e em dia determinado eles reúnem e por votação escolhem o nome daquela que representará o papel da princesa da Cavallhada.

Entretanto de acordo com o Grupo Focal Itinerante, “Essa é a forma mais democrática dessa escolha da princesa. Isso se não houvesse o envolvimento político, que acabam por fazerem deste momento uma disputa de poderes” (08/06/2014). Fato que, por ser a Cavallhada um patrimônio imaterial santacruzano, a escolha da princesa deveria ser de modo que atendesse a necessidade dessa interpretação teatral a céu aberto que é a Cavallhada de Santa Cruz de Goiás, de modo que todas as jovens pudessem concorrer em igualdade.

Em se falando de representatividade, a da princesa Angélica nas encenações da cavallhada é uma representação muda, em nenhum momento que a princesa contracena, ela tem uma fala, São encenações mudas, porém sua presença tem uma simbologia marcante neste teatro, é muito significativa sua participação por ser a figura central em algumas cenas. Por se tratar de uma disputa de poder entre dois povos, no caso os europeus cristãos e os mulçumanos ou mouros, o rapto da princesa pelo cavaleiro mouro é que os levam a travar toda essa luta e no final a conversão ao cristianismo.

Nesse propósito, mesmo que a representação da princesa nas encenações da Cavallhada seja silenciosa, ou que seja necessário bajular políticos para vencer a votação, fato é que, a maioria das jovens santacruzanas já foram ou querem ser princesa da Cavallhada um dia. Faz parte do imaginário dessas jovens, mesmo que elas passem a maioria do tempo da festa, principalmente os dois últimos dias empenhadas praticamente só nesse sentido mas, é um status social na região representar esse papel.

3.5 Os Festejos do Coronel

Os festejos do coronel é um momento de confraternização em que, após horas e horas de ensaio, os cavaleiros de Santa Cruz se reúnem com suas esposas, namoradas, familiares, convidados e amigos para algumas horas de comensalidades e descontração. São momentos que todos se confraternizam nos reencontros de cada ano. Nesses momentos eles aproveitam para buscam notícias de seus familiares, dos amigos. Também procuram trocar ideias e saberem sobre os últimos acontecimentos. Ver as necessidades para a organização dos festejos e de algum material ou objetos que serão utilizados para a apresentação da Cavalhada. Se necessitam de alguma montaria, ou peças de suas próprias fardas.

O ponto de encontro é programado com antecedência. São várias famílias da cidade que se oferecem para a realização do Coronel, durante a última semana de ensaio que antecede a apresentação da Cavalhada. É comum a Prefeitura Municipal na figura do prefeito e da primeira dama oferecer os festejos do Coronel em uma das noites assim como, a Câmara Municipal na figura dos seus representantes. Desse modo, oferecem a todos os presentes farta comida e bebidas, com destaque para a cerveja e a cachaça (Figura 17).



Figura 17: O Coronel, momento de confraternização dos cavaleiros da cavalhada e seus familiares. Junho/2014. Arquivo Familiar.

As mulheres tem um papel fundamental, geralmente são elas que são responsáveis a cuidar desses momentos de comensalidades, desses banquetes que elas tão bem preparam e que Robertson Smith tão bem considera como “sacramento de comunhão”. Pela corporeidade partilhada na comensalidade nessa função de fazer e servir o alimento de modo coletivo. No momento dos festejos do Coronel elas encarnam um papel de anfitriãs. Integrantes do mesmo grupo que se unem numa estrutura familiar, ao passo que os homens, os cavaleiros, se entrelaçam no companheirismo característico das pessoas interioranas, em momentos de integração total e fraterna.

Os festejos do Coronel passou a ser um ritual que hoje faz parte dos festejos da Cavallhada em Santa Cruz, conseqüentemente dos festejos do Divino. Reforçando os laços entre os cavaleiros e a comunidade e reproduzindo as dinâmicas sociais das cidades interioranas. Então, enquanto os homens dramatizam o sacrifício físico nas encenações da Cavallhada, no esforço da montaria na virilidade das provas equestres, as mulheres propiciam a estes e os seus, o sacrifício do produzir o alimento. Os homens perdem energia em nome do Espírito Santo e as mulheres repõem as energias destes também em nome do Espírito Santo.

3.6 Os Mascarados ou Espiões Mouros e Cristãos

Os espiões mouros, ou mascarados e mesmo palhaços como são conhecidos em Santa Cruz de Goiás, são figuras pitorescas e marcantes na Cavallhada. São atrativos e tão significativos tanto quanto os próprios cavaleiros mouros e cristãos. Tem uma visibilidade por suas vestimentas coloridas e pelos trejeitos brincalhões que eles encenam em meio à Cavallhada e pelas ruas da cidade, em que circulam de modo descontraído. Sua designação difere de uma região pra outra nesse contexto.

Em algumas localidades são também conhecidos como Curucucús, devido ao som que emitem. Em Santa Cruz de Goiás são conhecidos por “palhaços da Cavallhada”. Geralmente são pessoas da comunidade que se vestem caracterizados, com roupas coloridas, botas, luvas e as famosas máscaras. Normalmente mudam o tom de voz para não serem reconhecidos.



Figura 18: Mascarados ou palhaços, como são conhecidos em Santa Cruz.
 Fonte: REZENDE, Liberalina Teodoro de. Junho/2014.

É desconhecida a origem destes personagens em meio às Cavalhadas. Sabe-se que os encontramos em quase todas as Cavalhadas do Brasil, com algumas diferenças e representações, de uma região para as outras. Há uma probabilidade que seja uma tradição das Cavalhadas brasileiras. Os palhaços descontraídos e mesmo debochados, de modo que entre os mascarados tudo é permitido desde que não tirem a máscara para não serem identificados. São chamados de palhaços por gostarem de fazer palhaçadas e de brincar, principalmente com as crianças, o que provoca muitos risos. No entanto, por trajarem máscaras diferentes muitas crianças se assustam e choram por medo desses “palhaços”. Antes eram máscaras feitas de cabaças, depois de papel machê, hoje a maioria usam máscaras de material sintético, geralmente com características monstruosas, o que contribuem para assustar os pequeninos, conforme a figura 18.

Também é marcante o entusiasmo dos mascarados, e a forma divertida e descontraída com que encenam no campo, ao lado dos cavalheiros e por entre os transeuntes, aos quais pedem, com voz manhosa, um dinheirinho, cigarros e até mesmo bebidas. Entre uma encenação e outra eles realizam em campo acrobacias e brincadeiras que chamam a atenção do público.

O seu papel nesta festa é o de alegrar as pessoas, promovem a diversão em meio a sacralidade no tempo do Divino. Se fazem irreconhecíveis em suas vestimentas coloridas.

Em Pirenópolis, os palhaços brincam e divertem à cavalo. Já em Santa Cruz de Goiás, eles brincam no chão. Mas em ambos os casos eles procuram promover a alegria. Seja em bando ou sozinhos, eles tomam conta dos olhares no campo de batalha da Cavahada durante os intervalos das encenações, ou mesmo, nas ruas e praças, antes e depois dos festejos da Cavahada.

Embora sejam protegidos pelo anonimato, os mascarados são dotados de muita visibilidade nos festejos do Divino. A regra para eles é a diversão: pular, brincar, dançar, flertar, gracejar e mesmo pedir dinheiro. Não tem requisitos para a escolha desses mascarados, todos da comunidade podem interpretá-los desde que, usem máscara e queiram brincar. Hora estão contracenando com os cavaleiros no papel de espiões mouros, hora gracejando aqui, ali e acolá.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema das festas populares no Brasil e suas características, não é um assunto novo, mas ao mesmo tempo não tem esgotado às suas possibilidades investigativas. Em relação aos festejos do divino Espírito Santo de Santa Cruz de Goiás, podemos perceber que é um evento *sui generes*, apesar das semelhanças com outras festas do Divino em Goiás e no Brasil. Os festejos em Santa Cruz agregaram elementos distintos que foram se transformando em tradição local, evidenciando esse evento como único.

Nesse sentido, essa pesquisa procura compreender esses aspectos que envolvem a festa do Divino de Santa Cruz, que ao longo dos tempos sofreram mudanças e agregações, principalmente no que se refere aos elementos folclóricos que compõem esses festejos, numa mistura de religiosidade e festividade popular.

Os festejos do Divino em Santa Cruz aliam a sacralidade em todos os eventos que a eles estão agregados, mesmo os eventos folclóricos recebem uma conotação do sagrado. Também podem ser visualizados enquanto representação simbólica dos traços culturais e identitários da comunidade santacruzana. Um traço marcante pode ser percebido na manutenção dessa tradição, desde as suas primeiras edições no século XVIII, possibilitando aos seus participantes momentos de devoção e integração social dos envolvidos nos festejos e em suas celebrações.

Desse modo, é possível considerar pela experiência adquirida com a prática e com a oralidade que, os herdeiros dessas representações, os atores da festa, introduziram ao longo dos anos novos elementos simbólicos no enredo de cada momento da mesma. Seja nos rituais religiosos, seja nas manifestações folclóricas que a eles estão agregados. O resultado foi a percepção da incorporação de elementos novos, mas que, não alteraram a essência dos festejos, no conjunto característico e nos significados, que estão vinculados à tradição cultural dos festejos do Divino.

Os festejos, embora tenham sofrido algumas mudanças, tornara-se uma tradição que tem se perpetuado em seus diversos aspectos. Dois motivos primordiais se apresentam para essa preservação cultural: Primeiramente, por ser essa festa um legado ibérico dos conquistadores e dos primeiros povoadores de Santa Cruz de Goiás, os luso-brasileiros que em se estabelecendo por ali deixaram um legado imenso, seus usos e costumes, sua arte, sua religião, sua língua, e seu folclore. Num segundo momento, constatamos o caráter sagrado dos festejos por meio da divulgação da devoção católica. O elemento sagrado trouxe adesão

coletiva. Trazendo a população local, os demais que migraram para outras cidades e turistas da região. Esses, por sua vez, participam aliando esses dois elementos, que são a tradição festiva e a devoção católica.

A Cavallhada é um exemplo da união entre a festividade popular e a devoção religiosa. É considerada a manifestação folclórica mais visualizada nesses festejos. Ela procura aliar os elementos folclóricos nas suas vestimentas, na dramatização das lutas equestres, nos jogos equestres e na tradição dos cavaleiros, dos palhaços e demais personagens. Ao mesmo tempo, alia a devoção católica, com o batismo dos mouros, na missa dos cavaleiros e na forma de sacralização dos ritos de encenação das Cavallhadas.

A Cavallhada representa, ainda, os novos seguimentos sociais, pelo fato de antes ser representada pelos homens de posse e hoje ocorre uma democratização com a participação de outros seguimentos sociais. Também experimentou um processo de modernização admitindo os recursos tecnológicos atuais.

No que se refere aos procedimentos metodológicos, a pesquisa foi além do que o projeto inicial planejara. Esses procedimentos nos permitiu observar que os festejos são momentos ricos de socialização e devoção. Ao mesmo tempo o de fortalecimento identitário. Por envolver as diversas camadas dessa sociedade, movimentar o poder público e a própria economia local, bem como pela apropriação desta festa, e de tudo que a ela agrega e que ela representa, quer seja, no campo religioso, cultural e social. Pois, além da adesão dos participantes nos Grupos Focais Estruturados, pudemos, ainda, perceber a adesão dos mesmos na Observação Participante e nos Grupos Focais Itinerantes.

Notamos que os festejos trazem à tona, brechas capazes de desconstruir o atual estado das coisas, de transformar e revitalizar a vida social de um povo. Entretanto, não se trata de rompimento de conflitos pela coesão social. Não dá pra dizer como Roberto Da Mata (2000), que as procissões católicas reforçam a ordem de uma sociedade. Mas que amenizam, quando se unem grupos de vários seguimentos no propósito da devoção do Divino, pelas bênçãos recebidas: a vida, a mesa farta, o pão de cada dia, a saúde dos entes queridos, os laços afetivos, dentre outros. No entanto, o que é mais evidente é a aliança e o forte vínculo dos festejos como ato de devoção.

Como legítimos representantes de manipulação do sagrado, os sacerdotes realizam suas ações no contexto da festa, embora ocorra uma afirmação frequente do monopólio dos bens de salvação por parte deles, em conciliação com as práticas religiosas tradicionais dos devotos do Divino. Por exemplo, o sacerdote deixa sua paróquia e se coloca frente aos cavaleiros para abençoar lhes em suas lutas equestres no campo de batalha; quando os devotos

igualam o poder bíblico ao da bandeira, ao beijá-la, tocá-la e ao benzerem suas próprias casas no ato de passar por todos os cômodos da casa com a bandeira do Divino; quando presenciamos a participação do clero nas comunidades nos momentos de visitação da folia do Divino; quando levantam os mastros das bandeiras nos aplausos e louvores a cada santo; quando caminham pelas madrugadas frias; quando acompanham os cortejos, as procissões e acendem as velas aos santos. Isso tudo tem um significado que vai além do caráter de festejos, assumindo uma característica de devoção. Os devotos do Divino vivenciam, desse modo, o catolicismo na sua simplicidade, produzindo atitudes de tradição, cheia de sentidos.

Nesses festejos, o alimento tem papel fundamental, em que a comunidade é ao mesmo tempo o espectador, o autor e depositário dessa tradição cultural. Não poderia faltar a comensalidade nessas festas de cunho popular. Ela se faz no elemento de união e confraternização entre as famílias, os visitantes e os devotos. A comunidade vivencia essa tradição na sua construção e reconstrução constantemente, visto que, os preparativos, e as conversações em torno dos festejos é assunto que requer ações antes, durante e depois da sua realização.

Algumas dúvidas surgiram ao longo da pesquisa. Muitas curiosidades e vontade de decifrar enigmas envolvendo esses festejos. Destacamos que não foi possível discutir todo o universo de representações que eles apontam, sendo necessário aprofundar alguns debates, como por exemplo: conhecer e compreender a origem das festas de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito de Santa Cruz de Goiás, que foram agregadas aos festejos do Divino; a participação da mulher na Festa do Divino de Santa Cruz de Goiás e a reflexão sobre identidade de gênero e religiosidade; tratar sobre o “Tempo do Divino”, que é o tempo da abundância e a comensalidade e seus significados; analisar as mudanças ocorridas nos antigos bailes de salão para as noitadas festivas que acontecem na rua de modo a oferecer diversão gratuita e outros mais. Ou seja, o tema não se esgota. Muitos outros elementos podem ser a eles agregados. Mas é esse o grande privilégio da pesquisa.

Porém, sem a mínima pretensão de esgotar o assunto, isso incorre na intencionalidade de dar sequência à pesquisa, por meio do doutoramento, na pretensão de sanar tais indagações e na certeza que ao mesmo tempo outras aparecerão. Por fim, a pesquisa deixou suas marcas e registros nas fotografias e nos depoimentos dos devotos. Suas emoções captadas pela observação e pelo instante que a câmera registrou. Suas palavras e impressões, doações espontâneas que os depoimentos registram. Os giros, os cortejos, as procissões, as caminhas, as alvoradas, ilustram o caráter simbólico dos festejos, como o bailar da bandeira vermelha do Divino, que tremula ao vento, celebrada por seus devotos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Martha. **O império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira. São Paulo: Fapesp, 1999.

ALVES, J. R. **As Cavalhadas de Santa Cruz de Goiás.** Prefeitura Municipal de Santa Cruz de Goiás. Santa Cruz de Goiás-GO: 1983.

AMARAL, R. C. M. P. **Festa à Brasileira: significados do festejar no país que “não é sério”,** 1998. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de São Paulo. São Paulo.

BARROS, José D’assunção. A História Cultural e a contribuição de Roger Chartier. In: **Diálogos.** DH/PPH/UEM, v.9, n.1, p.125-141, 2005. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/27945105/A-Historia-Cultural-e-a-contribuicao-de-Roger-Chartier-BARROS-Jose-D-Assuncao>>. Acesso em: 10/08/2014.

BERTRAN, P. **Formação econômica de Goiás.** Goiânia-GO: Oriente, 1978. p.145.

BERREMAN, G. D. Etnografia e controle de impressões em uma aldeia do Himalaia. In: GUIMARÃES, A. Z. **Desvendando Máscaras Sociais.** 3ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990, p.123-174.

BONETTI, Maria Cristina de Freitas. **Contra-Dança: Ritual e festa de um povo.** Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) apresentado junto à Universidade Católica de Goiás – Departamento de Filosofia e Teologia. Goiânia-GO: 2004.

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BRAYNER, N. G. **Patrimônio Cultural Imaterial: Para saber mais.** Brasília-DF: IPHAN, 2007.

BRANDÃO, Ana Paula. **A cor da cultura – Saberes e Fazeres.** Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2004. p.221-224.

BRANDÃO, C. R. **Cavalhadas de Pirenópolis – um estudo sobre representações de cristãos e mouros em Goiás.** Goiânia-GO: Oriente, 1974.

_____. **O divino, o santo e a senhora.** Rio de Janeiro: Funarte, 1976.

_____. A Folia de Reis de Mossâmedes. **Cadernos de Folclore – 20.** MEC/Funarte. Rio de Janeiro: 1978.

_____. **A Festa do Santo Preto: as congadas na festa de N. Sra. do Rosário em Catalão Goiás.** Rio de Janeiro/Goiânia-GO: Funarte, UFG, 1985.

_____. **De tão longe eu venho vindo – Símbolos, gestos e rituais do catolicismo popular em Goiás.** 2004

BRANDÃO, Théo. **Cavalcadas de Alagoas**. Rio de Janeiro: MEC/FUNARTE, 1978.

BRASIL. **Constituição Federal De 1988**. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>>. Acesso em: março de 2014.

BURKE, Peter. **O Que é História cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zarhar, 2005.

CARDIM, Pedro. Entradas solenes: rituais comunitários e festas políticas, Portugal e Brasil, séculos XVI e XVII. In: JANCSO, Istvóu; KANTOR, Luis (Orgs). **Festa, cultura e sociabilidade na América Portuguesa**. Vol.I. São Paulo: Imprensa Oficial, 2001.

CASCUDO, Luis Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1972, 930p.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **A festa em perspectiva antropológica: carnaval e os folguedos do boi no Brasil**. Extraít du Artelogie, n.4, 2013. Disponível em: <http://cral.in2p3.fr/artelogie/IMG/article_PDF/article_a183.pdf>. Acesso em:

CHARTIER, Roger. **A História Cultural – entre práticas e representações**. Lisboa-Portugal: DIFEL, 1990.

CHAUL, Nasr Fayad. Marchas para o Oeste. In: SILVA, Luiz Sérgio Duarte. **Relações campo cidade: fronteiras**. Goiânia-GO: UFG, 2000. p.113-128.

CHAUL, Nasr Fayad. **Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade**. Goiânia-GO: UFG, 1997, 274 p.

COITO, Roselene de Fátima. **Batuque: a identidade nos corpos**. Acta Scientiarum. Language and Culture, vol.30, n.2, 2008, p.221-224. Universidade Estadual de Maringá. Maringá-PR: Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307426640011>>. Acesso em:

CONDE, Renata de Lima; MISSIMI, Marina. **Corpo, sentidos e coreografias: narrativas de uma festividade na Bahia do século XVIII**. Psicol. rev. (Belo Horizonte) v.14, n.1, Belo Horizonte, jun./2008. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1677-11682008000100012&>>. Acesso em: 17/09/2014.

CORRÊA, Norton F. Olhares Antropológicos sobre a alimentação: A Cozinha é a Base da Religião: a culinária ritual no batuque do Rio Grande do Sul. In: CANESQUI, AM., and GARCIA, RWD. (Orgs). **Antropologia e Nutrição: um diálogo possível**. [Online] Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2005. Disponível em: <<http://books>>. Scielo.org.

D'ABADIA, Maria Idelma. **Diversidade e Identidade Religiosa: uma leitura espacial dos padroeiros e seus festejos em Muquém, Abadiânia e Trindade – GO**. Jundiá-SP: Paco Editorial, 2014, p.160.

DA MATTA, Roberto. **Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 6ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

DEL PRIORE, Mary Lucy. **Festas e utopias no Brasil colonial**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

DIAS, R. **Turismo e Patrimônio Cultural** – recursos que acompanham o crescimento das cidades. São Paulo: Saraiva, 2006.

DEUS, Maria do Socorro; SILVA, Mônica Martins da Silva. **História das Festas e Religiosidades em Goiás**. Goiânia-GO: AGEPEL/UEG, 2002.

_____. **Turismo e Patrimônio Cultural** – recursos que acompanham o crescimento das cidades. São Paulo: Saraiva, 2006.

Dicionário Informal. Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/usuario/id/27/>>. Acesso em: 10/04/2013.

ELIADE, M. **O Sagrado e o Profano**. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1999, 191p.

FAUSTO, Carlos. **Banquete de gente: comensalidade e canibalismo na Amazônia**. Mana: Estudos de Antropologia social, vol.8, n.2, p.7-44, 2002.

GATTI, B. A. **Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília-DF: Líber Livro, 2005.

GEERTZ, C. O beliscão do destino: a religião como experiência, sentido, identidade e poder. In: GEERTZ, C. **Luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p.149-165.

GINZBURG, Carlo. **A Micro-História e outros ensaios**. Lisboa-Portugal: DIFEL, 1991.

GOMES, A. C. R. A salvaguarda do patrimônio cultural imaterial: recriando as folias de Reis. **Anais do I Simpósio de Pós-graduação do Estado de São Paulo**. Rio Claro-SP: 2008 p.1281-1294.

GONÇALVES, M. **Educação ambiental: no consenso um embate?** Campinas-SP: São Paulo: Papyrus, 2005.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/>>. Acesso em: 12 julho 2013.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Brasil (2000). **Inventário Nacional de Referências Culturais**. Manual de Aplicação. Fev./2000. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/>>. Acesso em: 20 de maio de 2013.

JANCSÓ, István; KANTOR, Íris. Falando de festas. In: JANCSÓ, István e KANTOR, Íris (orgs.). **Festa**. Cultura e sociabilidade na América portuguesa. São Paulo: EDUSP: FAPESP: Imprensa Oficial, 2001, p.3-13.

JEUDY, Henry-Pierre. **Espelho das cidades**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.

LEFF, Enrique. **Complexidade, interdisciplinaridade e saber ambiental**. Olhar de professor. Ponta Grossa-PR: 14(2): 309-335 2011. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/olhardeprofessor>>. Acesso em:

LERVOLINO, Solange Abrocesi; PELICIONI, Maria Cecília Focesi. **A Utilização do Grupo Focal Como Metodologia qualitativa na Promoção da Saúde**. São Paulo: Rev. Esc. Enf. USP, vol.35, n.2, p.115-21, jun. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v35n2/v35n2a03.pdf>>. Acesso em: 20-02-2014.

LEAL, João. **As festas do Divino ES nos Açores**: um estudo de antropologia social. Lisboa-Portugal: PDQ, 1994.

LOPES, Aurélio. **Devoção e poder nas Festas do Espírito Santo**. Edições Cosmos, 2004.

MARQUES, João Francisco. Oração e devoções. In: AZEVEDO, Carlos Moreira (Dir). **História Religiosa de Portugal**. Vol.2, Lisboa-Portugal: Círculo de Leitores, 2000. p.650-658.

MARTINS, Clerton. **Patrimônio cultural**: da memória ao sentido do lugar. São Paulo: Roca, 2003.

MARTINS, J. B. **Observação participante: uma abordagem metodológica para a Psicologia escolar**. SEMINA. Sociais/Humanas, 1996, p.266-273.

McCREERY, D. **Frontier Goiás, 1822-1889**. Stanford-Califórnia-Estados Unidos da América: Stanford University Press, 2006.

MILHEIRO, Maria Manuela. A Arte e a Festa. O sagrado, o lúdico e o efêmero. In: **Cadernos do Noroeste**. Vol.9 (2), 2003, p.83-102.

NEVES, Berenice Abreu de Castro. Patrimônio cultural e identidades. In: MARTINS, Clerton. **Turismo, cultura e identidade**. São Paulo: Roca, 2003.

OLIVEIRA, V. M. de. **O que é Educação Física**. São Paulo: Brasiliense, 2001, p.14-96.

ONU. **Declaração de Estocolmo de 1972**. Disponível em: <www.mma.gov.br/Estruturas/agenda21/_arquivos/estocolmo.doc>. Acesso em: 26 julho de 2012.

O POPULAR - MAGAZINE. **As Sete Maravilhas de Goiás**. Disponível em: <www.opopular.com.br/.../o-popular/.../as-7-maravilhas-de-goias->. Acesso em:

ORTÊNCIO, Waldomiro Bariane. **Cartilha do Folclore Brasileiro**. Editora UCG. Goiânia-GO: 1996.

PALACIN, L. MORAES, M. A. S. **História de Goiás**. 6ed. Goiânia-GO: Editora da UCG, 1995, 122p.

PARAGUASSÚ F. **Imperador Cristão**: aspectos da cultura popular em Goiás. Goiânia-GO: Kelps, 2011. Disponível em: <www.santacruzdegoias.net>. Acesso em: 15/06/2013.

PARAGUASSÚ F.; CURADO, Bento Fleury. **Santa Cruz de Goiás, a veneranda dama antiga do Sul goiano**. Goiânia-GO: Ellite, 2014.

PASSOS, Zoroastro Viana. **Em torno da história de Sabará**. Belo Horizonte-MG: Imprensa Oficial, 1942, p.276.

PAULA, Marise Vicente de. **Sob o Manto Azul de Nossa Senhora do Rosário**: mulheres e identidade de gênero na congada de Catalão (GO), 2010. Tese (Doutorado em Geografia) apresentado junto à Universidade Federal de Goiás.

PELEGRINE, S. Cultura e natureza: os desafios das práticas preservacionistas na esfera do patrimônio cultural e ambiental. **Revista Brasileira de História**. São Paulo: vol.26, n.51, p.115-140, jan./jun. 2006.

_____. Apontamentos sobre as relações entre patrimônio, natureza e cultura na América. In: **Revista Espaço Acadêmico**. n.63. Agosto/2006.

PENTEADO, Pedro. Confrarias. In: AZEVEDO, Carlos Moreira (Dir). *História Religiosa de Portugal*. Vol. 2, Lisboa: Círculo de Leitores, 2000. P.323-330.

PESAVENTO, Sandra Jatay. Apresentação do Dossiê “História Cultural e Multidisciplinaridade”. In: **Fênix** – Revista de História e Estudos Culturais. Vol.4, ano IV. n.4. Out/Nov/Dez/2007. Disponível em: <http://www.revistafeniz.pro.br/PDF13/Apresentação_do_Dossie_Sandra_Pesavento.pdf>. Acesso em: 16/06/2013.

PESSOA, Jadir de Martins. **Saberes em Festa: Gestos de Ensinar e Aprender na Cultura Popular**. Goiânia-GO: Ed. UCG/Kelps, 2005.

PINTO, Tiago de Oliveira. Som e música: Questões de uma Antropologia Sonora. In: **Revista de Antropologia**. São Paulo: USP, 2001, vol.44, n.1.

POHL, J. E. **Viagem ao interior do Brasil**. Belo Horizonte-MG: Ed. Itatiaia. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1976.

REZENDE, Liberalina; SILVA, Sandro Dutra; TAVARES, Giovana Galvão. Patrimônio Cultural e Turismo: Cavalhadas e as Potencialidades Turísticas de Santa Cruz de Goiás – Brasil. In: SANTOS, Margarida; SERRA, Francisco; SANTOS, José; ÁGUA, Paulo. **TMS Conference Series (2013): Desenvolvimento e Planejamento em Turismo**.

RODRIGUES, Herbert. **Entre o Espetáculo e a Devoção**: a festa do Divino Espírito Santo de Mogi das Cruzes – SP.2006, 182 p.Dissertação (Mestrado) apresentada junto ao Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2006.

SAINT-HILAIRE, A. **Viagem a província de Goiás**. Belo Horizonte-MG: Ed. Itatiaia. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1975.

SANCHIS, Pierre. **Arraial**: festa de um povo, as romarias portuguesas. Lisboa-Portugal: Publicações D. Quixote, 1992, p.47.

SCHIPANSKI, Carlos Eduardo. **Cavalhadas de Guarapuava**: História e Morfologia de uma Festa Campeira. (1899-1999). Tese (Doutorado) apresentada junto ao Programa de Pós Graduação da UFF - Universidade Federal Fluminense. Niteroi-RJ: 2009.

SILVA JUNIOR, A. R. Festejo quilombola: o kalunga, o divino, o verso. In: **IV ENECULT** – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. 2008.

SILVA, Mônica Martins; DEUS, Maria do Socorro de. **História das Festas e Religiosidades em Goiás**. Goiânia-GO: Agepel/UEG, 2002.

SILVA, Mônica Martins. **A festa do Divino**. Romanização, Patrimônio e Tradição em Pirenópolis (1890 - 1988). Goiânia-GO: AGEPEL, 2001.

SILVA, Otávio Barros. **História da Imprensa do Tocantins**. Palmas-TO: edição do autor, 2003.

SILVA, A. S.; SHIMBO, I. A dimensão política na conceituação da sustentabilidade. In: **Anais**. XI Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído. Florianópolis-SC. 2002. p.3806-3815.

SPINELLI, Céline. Brindando o Divino em Pirenópolis: interfaces de uma festa popular. In: **Enfoques** - revista dos alunos do PPGSA-UFRJ. vol.10(1), maio 2011. Online. p.41-55. Disponível em: <<http://www.enfoques.ifcs.ufrj.br/~enfoques/>>. Acesso em: 20/07/2013.

_____. **Cavalcadas em Pirenópolis: Tradições e Sociabilidade no Interior de Goiás**. Relig. Soc. vol.30 n.2, Rio de Janeiro: 2010. //dx.doi.org/10.1590/S0100-85872010000200004.

_____. **Cavaleiros de Pirenópolis: etnografia de um rito equestre**. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia) apresentada junto ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 2009.

TOMAZ, P.C. **A preservação do patrimônio cultural e sua trajetória no Brasil**. Fênix (UFU-Online), vol.07, p.02, 2010.

TURNER, Victor. **Floresta dos símbolos: aspectos do ritual Ndembu**. (Trad.) de Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto. Niterói-RJ: Ed. UFF, 2005.

VEIGA, Felipe Berocan. **A Festa do Divino Espírito Santo em Pirenópolis, Goiás: Polaridades simbólicas em torno de um rito**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) apresentada junto ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Ciência Política, Universidade Federal Fluminense. Niterói-RJ: 2008.

UNESCO. **Convenção para a proteção do patrimônio mundial, cultural e natural**. Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura, 1972 - Reunida em Paris de 17 de outubro a 21 de novembro de 1972. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001333/133369>>. Acesso em: 05/03/2013.

ZALUAR, A. **Os homens de Deus**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1983, 127p.

WHYTE, William Foote. **Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada**. Tradução de Maria Lucia de Oliveira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. 390p.

WOSIEN, Maria Gabriele. **Dança Sagrada, Deuses, mitos e ciclos**. TRIOM Editora: São Paulo, 2002.

APÊNDICES

Apêndice A: Termo de consentimento livre e esclarecido

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a) da pesquisa “Devoção, Tradição e Cultura: Os Festejos do Divino Espírito Santo de Santa Cruz de Goiás”. Esta pesquisa está vinculada ao Departamento de Mestrado Multidisciplinar em Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente do Centro Universitário de Anápolis – UNIEVANGÉLICA.

Informações sobre a pesquisa:

Título do Projeto: “Devoção, Tradição e Cultura: Os Festejos do Divino Espírito Santo de Santa Cruz de Goiás”.

Orientador Responsável: Sandro Dutra e Silva (062) 9954-71

04 sandrodutra@unievangelica.edu.br

Pesquisadora Responsável: Liberalina Teodoro de Rezende (064) 3694-1256 / (064) 9231-5582 libeteodoro@gmail.com.

Telefones para contato: CEP – UniEVANGÉLICA (062) 3310-6736

Este trabalho tem como objetivo geral Estudar as características dos festejos do Divino Espírito Santo de Santa Cruz de Goiás, enquanto patrimônio cultural imaterial e caracterizar por meio da vivência anual as transformações e os significados desses festejos. Os objetivos específicos são:

- Apresentar o histórico do município, conceituando Patrimônio Cultural de modo a permitir a interpretação do cotidiano e dos traços da cultura santacruzana;
- Caracterizar os festejos do Divino Espírito Santo de Santa Cruz de Goiás e suas semelhanças históricas com os demais festejos ocorridos no Estado;
- Identificar como a população local tem percebido as transformações e os significados desses festejos em Santa Cruz;
- Caracterizar os elementos festivos que compõem a programação dos festejos do Divino em Santa Cruz (Folia do Divino, a Contradança, o Batuque e a Cavalhada);
- Compreender como a comunidade vivência essa tradição local na sua construção e reconstrução.

A metodologia utilizada para alcançar os objetivos propostos será diversificada, por meio da pesquisa descritiva com abordagem qualitativa, tendo como instrumento de pesquisa a aplicação da técnica da Observação participante e do Grupo Focal. Desenvolvendo uma pesquisa exploratória, pelo fato de não existir grande conhecimento sistematizado sobre o problema. Buscou então coletar dados e informações, sistematiza-los e analisá-los para construir conhecimento específico sobre a temática estudada.

A proposta deste trabalho prevê a garantia de respeito aos limites éticos e morais relacionados ao estudo com pessoas, que serão respeitados e mantidos durante todas as fases de realização da pesquisa. Aos entrevistados, serão asseguradas as condições de anonimato e sigilo, seu nome será substituído por um nome da sua escolha. As informações coletadas serão utilizadas exclusivamente para a finalidade proposta pela pesquisa. O material obtido será arquivado pela pesquisadora durante o período de sigilo, que é de no mínimo cinco anos.

Sua participação na pesquisa é voluntária. Você poderá recusar-se a participar da mesma, ou interrompe-la a qualquer momento, sem qualquer tipo de constrangimento ou de prejuízo à sua pessoa. Contudo, lembramos que a sua participação é de muita importância para a realização desta pesquisa, pois, serão levantadas as potencialidades patrimoniais e folclóricas do município.

Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é da pesquisadora responsável.

Santa Cruz de Goiás, ___ de ___ de _____.

Liberalina Teodoro de Rezende

Apêndice B: Consentimento da participação da pessoa como sujeito

Eu _____,
 RG/CPF/_____, _____, abaixo assinado,
 concordo em participar do estudo: “Devoção, Tradição e Cultura: os Festejos do Divino Espírito Santo em Santa Cruz de Goiás”, como sujeito. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelo pesquisador(a) Liberalina Teodoro de Rezende, sobre a pesquisa, como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me dada a oportunidade de fazer perguntas e recebi telefones para entrar em contato, a cobrar, caso tenha dúvidas. Fui orientado para entrar em contato com o CEP UniEVANGÉLICA. (Fone: 062-3310-6736).

Caso me sinta lesado ou prejudicado, foi-me garantido que não sou obrigado a participar da pesquisa e posso desistir a qualquer momento, sem qualquer penalidade. Recebi uma cópia deste documento.

Aceito utilizar imagens fotográficas em produção científica:

() Sim

() Não

Santa Cruz de Goiás, ____ de ____ de 20 ____.

Assinatura do sujeito: _____.

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimento sobre a pesquisa e aceite do
 sujeito em participar.

Testemunhas (não ligadas à equipe de pesquisadores)

Nome: _____ Assinatura: _____

Nome: _____ Assinatura: _____

Apêndice C: Roteiro de debate – grupo focal

O patrimônio cultural é considerado, atualmente, um conjunto de bens materiais e não materiais, que foram legados pelos nossos antepassados e que, em uma perspectiva de sustentabilidade, deverão ser transmitidos aos nossos descendentes, acrescidos de novos conteúdos e de novos significados, os quais, provavelmente, deverão sofrer novas interpretações de acordo com novas realidades socioculturais. (DIAS, 2006, p.67).

Questão chave: 1) Como os senhores visualizam a importância e o significado da Festa do Divino Espírito Santo para Santa Cruz de Goiás? Como vocês veem suas manifestações, e sua evolução histórica? Cavalhada, contradança, Batuque, Folia do Divino, Coronel, etc.

Questão chave: 2) Como os senhores percebem a participação do jovem em relação a participação e preservação do patrimônio de Santa Cruz? E a participação da mulher nos festejos do Divino? E a participação da população em relação a preservação desse folclore?

Questão chave: 3) Hoje, sem a interferência do poder público, sem algum tipo de ajuda e ou Financiamento, os senhores teriam condições de realizar essa Festa? Como é a interação igreja e população em relação a essas manifestações folclóricas?

Apêndice D: Termo de Consentimento para o uso da imagem da pessoa

Eu _____,
 RG/CPF/_____, _____, abaixo assinado, concordo que minha imagem faça parte do estudo: “Devoção, Tradição e Cultura: os Festejos do Divino Espírito Santo em Santa Cruz de Goiás”, com publicação de fotos. Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pelo pesquisador (a) Liberalina Teodoro de Rezende, sobre a pesquisa, como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me dada a oportunidade de fazer perguntas e recebi telefones para entrar em contato, a cobrar, caso tenha dúvidas. Fui orientado para entrar em contato com o CEP UniEVANGÉLICA. (Fone: 062-3310-6736).

Caso me sinta lesado ou prejudicado, foi-me garantido que não sou obrigado a participar da pesquisa e posso desistir a qualquer momento, sem qualquer penalidade.

Aceito utilizar imagens fotográficas “para pesquisa científica” "e artística":

() Sim () Não

Santa Cruz de Goiás, ____ de _____ de 20 ____.

Assinatura do sujeito: _____.

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimento sobre a pesquisa e aceite do sujeito em participar.

Testemunhas (não ligadas à equipe de pesquisadores)

Nome: _____

Assinatura: _____

Nome: _____

Assinatura: _____

ANEXO

Anexo A: Programação religiosa de 2014 - visita do Divino Espírito Santo nas famílias.

Período: 23/05 a 02/06/2014.

SANTA CRUZ DE GOIÁS EM FESTA

PARÓQUIA IMACULADA CONCEIÇÃO

Festa em Louvor **São Benedito, Nossa Senhora do Rosário e Divino Espírito Santo**

DE 03 A 08 DE JUNHO

SANTA CRUZ DE GOIÁS - 2014

A EUFORIA TOMA CONTA DE TODOS OS SANTACRUZANOS. PEÇAMOS A INTERCESSÃO DE SÃO BENEDITO, NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO E O DIVINO ESPÍRITO SANTO QUE COM ALEGRIA, PRAZER E BELEZA, UNIDOS EM UM SÓ CORAÇÃO, OLHOS NOS OLHOS E MÃOS NAS MÃOS, POSSAMOS REALIZAR ENCONTRO DE FAMILIARES E AMIGOS, RECORDANDO NOSSAS TRADIÇÕES FOLCLÓRICAS E CULTURAIS, COM AS CAVALHADAS DO DIVINO E A CONTRADANÇA.

PROGRAMAÇÃO

PROGRAMAÇÃO RELIGIOSA

- DE 23/05 a 02 de junho - VISITA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO NAS FAMÍLIAS.
- Dia 23/05: às 19h, Adonias Alves da Silva e família. Responsável: Equipe "Comunidade do Rio do Peixe".
- Dia 24/05: às 19h, Messias Macedo de Souza e família. Responsável: Equipe "B" Canto: Maria e equipe.
- Dia 25/05: às 19h30, Missa Dominical na Matriz.
- Dia 26/05: Sérgio Benedito R. Dâmaso e família. Responsável: Equipe "C" Canto: Heliana e equipe.
- Dia 27/05: às 19h, Geracina Luiza da Costa e família. Responsável: Equipe "D" Canto: Maria e equipe.
- Dia 28/05: às 19h, Geremias Alves da Silva Neto e família. Responsável: Equipe "A" Canto: Heliana e equipe.
- Dia 29/05: às 19h, Francisco Monteiro de Rezende (Chicão) e família. Equipe "JC" Canto: Maria e equipe.
- Dia 30/05: 19h, João Alves Monteiro e família. Responsável: "Terço dos Homens" Canto: Heliana e equipe.
- Dia 31/05: às 19h, Maria Kallina do Nascimento e família. Responsável: Equipe: "Terço da Medalha Milagrosa" Canto: Maria e equipe.
- Dia 01/06: às 19h30, Missa Dominical na Matriz.
- Dia 02/06: às 19 h, Josefino de Faria e família. Responsável: Equipe "C" Canto Heliana e equipe. "A imagem do Divino Espírito Santo voltará para a Matriz em Procissão."
- De 03 a 05 de Junho: tríduo final na Igreja matriz às 19h 30.
- Divulgação no Alto Falante da Igreja Matriz: Jacira
- Leilões: (as): Lurdes, Ednei, Irani, Kleibe e Sebastião Claro.
- Secretárias dos Leilões: Adriane de Brito e Maria Betânia de Oliveira.
- Foguetes: Paulo César Monteiro Júnior e Benedito de Paula Rodrigues.
- Ornamentação da Igreja durante o tríduo: Rosângela de Freitas Pedroso e Ângela Maria Martins Ferreira.

FESTA DE SÃO BENEDITO - 06 DE JUNHO

- Festeiros: Valdi Gonzaga da Silva e Maria José Cardeal da Silva.
- Missa Solene: 09 horas e Procissão: 19 horas
- Liturgia: "Equipe da Bondade" - Conceição.
- Canto: Equipe Maria e Heliana
- Ornamentação da Igreja: Dr. Flávio Cordeiro do Vale e família/Conceição Aparecida Pinheiro Santana e família.
- Andor: Ceremias Alves da Silva Neto e Dr. Suelly Alves Cardoso.
- Bandeira: Rafaela Mota Serradourada.
- Velas: Mauro Fiorentino de Brito e Coracy Fernandes de Brito.
- Lembrancinhas: Dr. Julmara Pereira Toledo e família/ Leila Aparecida de Paula Mesquita e família.
- Mestre: José Ismael Gomes.
- Fogos: Esley Augusto Dâmaso (Dilely) e Patrícia Teodoro Arantes Dâmaso.

FESTA DE N. SENHORA DO ROSÁRIO - 07 DE JUNHO

- Festeiros: Márcio José de Assis Ferreira e Liberalina das Graças Pedro Gomes.
- Missa Solene: 09 horas e Procissão: 19 horas, logo após a Coroação de Nossa Senhora.

- Liturgia: "Equipe da Dedicção" - Conceição.
- Canto: Heliana e equipe
- Ornamentação da Igreja: Nicolau Marques Ferreira e Marinha Rodrigues Ferreira/ Edison Rezende Barbosa e Meireles Rios Ferreira Barbosa.
- Andor: Equipe do Terço da Medalha Milagrosa.
- Bandeira: Verônica Aurélio de Brito Ferreira.
- Velas: Edineily Fernanda de Lima Ferreira.
- Lembrancinhas: Família Pedro Gomes.
- Mestre: Ednei Gonçalves de Paula.
- Fogos: Lécio Br...

FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO - 08 DE JUNHO

- Festeiros: Sebastião Monteiro de Rezende e Maria Geralda da Silva Ferreira.
- Missa Solene: 09 horas e Procissão: 19 horas
- Liturgia: "Equipe do Amor" - Jacira e Catequistas.
- Canto: Heliana e equipe.
- Ornamentação da Igreja: Fátima Aparecida Mendonça Rezende e Maria Rodrigues das Graças Franco.
- Andor: Maria do Carmo Magalhães.
- Bandeira: Maria de Fátima Marçal.
- Velas: Rosângela Nunes da Silva.
- Mestre: Adonias Alves da Silva.
- Fogos: Antônio Natal de Rezende e Família.
- Momento Santacruz...

PROGRAMAÇÃO CULTURAL E FOLCLÓRICA

- Dia: 28/05: ÀS 5:00 HORAS ALVORADA FESTIVA COM A BANDA LIRA 8 DE DEZEMBRO.
- Maestro: Luserson José Gonçalves.
- Dia 04/06 - Após a missa, entrega da Folia e a abertura da Festa com hasteamento das bandeiras na Praça Iracema às 20h30.
- Dias: 07 e 08 às 14 h CAVALHADAS
- Rei Mouro: Hamilton Samuel Pinheiro Santana.
- Imperador Cristão: Evaldo Fernandes Xavier.
- Princesa: Nathália Kriss Ribeiro de Resende.
- Contradança: Após as missas festivas, com a Coordenação da Ana Lúcia Bezerra da Silva.
- Folia do Divino: Coordenador: Iédo Raulino Lobo.

- Visto: Pároco Pe. Rorani Antônio da Silva e com a participação do Pe. Guilherme Contart e Pe. Adoniano de Souza Maciel.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTA CRUZ DE GOIÁS